

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

INVENTÁRIO DOS TEMAS E AUTORES NA ÁREA DE
TURISMO E MEIO AMBIENTE

ALEX SANDRO BARBOSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

ARARAQUARA - SP
2008

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ARARAQUARA – UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO
REGIONAL E MEIO AMBIENTE

INVENTÁRIO DOS TEMAS E AUTORES NA ÁREA DE
TURISMO E MEIO AMBIENTE

ALEX SANDRO BARBOSA

Orientador: Prof. Dr. Denilson Teixeira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente do Centro Universitário de Araraquara - UNIARA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

ARARAQUARA - SP
2008

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca do Centro Universitário de Araraquara –
UNIARA

B 195 i Barbosa, Alex Sandro

Inventário dos temas e autores na área de turismo e meio ambiente / Alex Sandro Barbosa: - Araraquara: Centro Universitário de Araraquara, 2008. 133 p.

Dissertação apresentada ao Centro Universitário de Araraquara, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente.

Orientador: Dr. Denilson Teixeira

1 – Turismo e meio ambiente 2 – Turismo e ambiente 3 – Turismo ambiental 4 – Turismo sustentável 5 – Turismo de aventura 6 – Turismo e educação ambiental 7 – Ecoturismo | Título

C.D.U 504.03



Centro Universitário de Araraquara

Rua Voluntários da Pátria, 1309 - Centro - Araraquara - SP
CEP 14801-320 - Caixa Postal 68 - Fone/Fax: (16) 3301.7100

www.uniara.com.br

BANCA DE DEFESA

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Odaléia'.

Prof. Dra. Odaléia Telles Marcondes Machado de Queiroz
ESALQ/USP - Piracicaba

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'João Alberto da Silva Sé'.

Prof. Dr. João Alberto da Silva Sé
UNIARA - Araraquara

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Denilson Teixeira'.

Prof. Dr. Denilson Teixeira
UNIARA - Araraquara

DEDICATÓRIA

Ao Astral Superior, meu alicerce, meu norteador ... Irradio.

Aos meus pais, Dionísio e Sandra, pelo total apoio, incentivo e amor ... Dedico.

Aos meus irmãos, Anderson e Tatiana, que bom tê-los ... Abraço.

A minha noiva Lísia, "... me leva aonde você for, estarei muito só sem seu amor,
agora é a hora de dizer, que eu amo muito você!..."

Essa obra é de todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Nestes mais de dois anos de muito trabalho, viagens, idas e vindas, agradeço com carinho e admiração o meu orientador Professor Dr. Denilson Teixeira, que, apesar da distância, abraçou a causa da conclusão deste trabalho.

Obrigado Prof^o pela orientação sempre segura, pelo incentivo, paciência e amizade.

Ao Centro Universitário de Araraquara, que por meio do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, acolheu-me nesta etapa de ampliação do conhecimento.

Às queridas Adriana e Ivani, secretaria de Mestrado, pelo bom humor, amizade e carinho.

Aos Professores, Dr. João Alberto da Silva Sé e Dr^a. Odaléia Telles M. M. Queiroz pelas valiosas contribuições sugeridas durante os exames de qualificação e defesa.

A CAPES por ter me recebido e prestado todo apoio técnico do banco de dados de estudo desta dissertação.

Ao Professor Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento, Universidade de Brasília, pelas orientações nos primeiros passos deste trabalho.

À Chefe do Departamento do Curso de Turismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, Prof^a Giselma Dias da Cunha, por permitir meus deslocamentos, ajudando nos momentos que estive ausente no Curso ao longo da qualificação.

Aos colegas Bia, Deuzimar, Henrique, Marcão, Mário, Roberta, Sofia e Valter pela companhia e momentos agradáveis vividos ao longo do mestrado.

A todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram na conquista de mais essa etapa.

Muito obrigado!

**“Somos o que fazemos,
mas somos principalmente o que fazemos
para mudar o que somos”.**

(Eduardo Galeano)

SUMÁRIO

RESUMO	x
ABSTRACT	xi
LISTA DE FIGURAS	xii
LISTA DE TABELAS	xiv
LISTA DE SIGLAS	xv
1 INTRODUÇÃO	18
2 OBJETIVOS	22
2.1 Geral	22
2.2 Específicos.....	22
3 HIPÓTESES	23
4 REVISÃO DA LITERATURA	24
4.1 Fatos históricos do turismo	24
4.2 Conceitos e definições de turismo	31
4.2.1 Tipos de turismo	35
4.2.2 Mercado turístico	36
4.2.2.1 Demanda	36
4.2.2.2 Oferta	37
4.2.3 Segmentação da atividade turística	38
4.2.3.1 Turismo sustentável	40
4.2.3.2 Turismo de aventura	42
4.2.3.3 Ecoturismo	42
4.3 Turismo enquanto ciência e fenômeno econômico.....	44
4.4 Sociedade e cultura	49
4.5 Meio ambiente	51
4.5.1 As interdependências do turismo com o meio ambiente.....	54
4.5.1.1 Impactos ambientais do turismo.....	55
4.6 Desenvolvimento Sustentável.....	61

4.6.1 Desenvolvimento sustentável: um contra-senso?	66
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	68
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
6.1 Caracterização Geral	71
6.2 Análise Disciplinar.....	83
6.3 Análise Temática	86
6.4 Análise dos Autores	94
6.5 Análise dos Procedimentos Metodológicos	105
7 CONCLUSÕES	117
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
9 REFERÊNCIAS	123

ANEXOS

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo inventariar os temas e autores na área de turismo e meio ambiente, suas pesquisas e lacunas existentes neste campo de pesquisa. A organização da base de dados para as análises se deu por meio da identificação e seleção dos trabalhos entre 1987 e 2006, a partir do banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para a busca utilizaram-se as seguintes palavras-chave: turismo e meio ambiente, turismo e ambiente, turismo ambiental, turismo sustentável, turismo de aventura, turismo e educação ambiental e ecoturismo. O inventário é formado por 63 teses e está organizado e analisado sob os seguintes aspectos: caracterização geral, análise disciplinar, temática, autores e procedimentos metodológicos. Os resultados mostram a Universidade de São Paulo (USP) como a maior produtora de teses com 27 trabalhos (43%). Os programas de pós-graduação estão em 18 áreas distintas determinadas pela CAPES, destaque para a Geografia com 16 teses (25%). As teses são provenientes de disciplinas como Turismo (16%) e Geografia (26%). As palavras-chave mais utilizadas foram: Turismo, 25 vezes, e Ecoturismo, 20 vezes. As autoras mais citadas nos trabalhos são as professoras Doris Van de Meene Ruschmann e Adyr Balastri Rodrigues. Cabe destacar que, 23 teses (46%) utilizaram em seus procedimentos metodológicos ferramentas como: entrevistas, observação local, observação livre e participante. Em 8 teses (16%) observaram-se técnicas vindas da Geografia: mapeamento, geoprocessamento, sensoriamento remoto, SIG (Sistema de Informação Geográfica). Os estudos de casos, capacidade de carga, valoração de atrativos, também foram encontrados como instrumentos de pesquisa nos trabalhos. O inventário dos temas e autores na área de Turismo e Meio Ambiente é o início das pesquisas que objetivam analisar a produção acadêmica nessa área. Os dados revelam que o interesse pela pesquisa vem crescendo nas IES pelo Brasil e que diversas áreas do conhecimento com seus variados procedimentos metodológicos vêm pesquisando a relação turismo e meio ambiente, tornando assim, uma área particular de estudo.

Palavras – chave: turismo; meio ambiente; Banco de teses – CAPES.

ABSTRACT

This research aims to identify the issues and authors in the field of tourism and environment, its research and gaps in this field of research. The organization's database for the analysis was made through the identification and selection of work between 1987 and 2006, from the bank of the thesis for the Coordination of Improvement of Higher Education (CAPES). For this search were used the following keywords: tourism and environment, environmental tourism, sustainable tourism, adventure tourism, tourism and environmental education and ecotourism. The inventory consists of 63 theses and it is organized and analyzed under the following: general characterization, disciplinary analysis, subject, author and methodological procedures. The results show the University of São Paulo (USP) as the largest producer of theses with 27 works (43%). The post-graduate programs in 18 different areas are determined by CAPES, focus on Geography with 16 theses (25%). The thesis come from disciplines as Tourism (16%) and Geography (26%). The keywords used most were: Tourism, 25 times, and Ecotourism, 20 times. The authors most cited in the work are the teachers Doris Van Meene Ruschmann and Adyr Balastri Rodrigues. It should be noted that, 23 theses (46%) used in its procedures and methodological tools: interviews, observation spot, and free observation participant. On 8 theses (16%) was observed technique coming from Geography: mapping, remote sensing, GIS (Geographic Information System). The case studies, carrying capacity, valuation of attractions were also found as search engines in the work. The inventory of subjects and authors in the field of Tourism and Environment is the beginning of the researches that aiming to analyze the academic production in this area. The data show that the interest by the research is growing in the IES in Brazil and that several areas of knowledge with their various methodological procedures have been researching the relationship between tourism and environment, making it a particular area of study.

Key words: tourism; environment; Bank of theses – CAPES.

LISTA DE FIGURAS

1. Segmentos do turismo	39
2. Diagrama do desenvolvimento sustentável.....	62
3. Evolução da produção das teses no período de 1987 a 2006	72
4. Gráfico crescente evidenciando a quantidade de teses defendidas nas IES entre 1987 e 2006	75
5. Gráfico crescente representando o número de teses defendidas nas cidades	77
6. Gráfico crescente representando o número e o percentual de teses defendidas nos estados.....	77
7. Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de teses defendidas nas regiões brasileiras e 2006.....	78
8. Gráfico crescente evidenciando o número e o percentual de teses segundo a grande área determinada pela CAPES.....	80
9. Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de teses segundo a área determinada pela CAPES.....	81
10. Número de trabalhos financiados	82
11. Gráfico crescente evidenciando o número e o percentual de bolsas concedidas pelos órgãos financiadores	83
12. Gráfico crescente representando a quantidade de teses por área do conhecimento, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006).....	85
13. Agrupamento de temas por palavras-chave encontradas nas teses	91
14. Gráfico crescente mostrando a quantidade e o percentual de teses por temas agrupados por palavras-chave encontradas nas teses	92
15. Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de palavras-chave encontradas na pesquisa base CAPES	93
16. Gênero dos autores das teses, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006).....	94

17. Gráfico representando o período de conclusão da graduação dos autores das teses, segundo análise dos currículos disponíveis na Plataforma <i>Lattes</i>	95
18. Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de autores e seus cursos de graduação, segundo análise dos currículos disponíveis na Plataforma <i>Lattes</i>	96

LISTA DE TABELAS

1. Número de teses apresentadas no período de 1987 a 2006	71
2. Principais fatos históricos ambientais e do turismo ocorridos nas décadas de 1960 a 2000	73
3. Número de teses por IES (instituição de ensino superior) no período de 1993 a 2006, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)	74
4. Número e percentual de trabalhos por programa de pós-graduação das IES	79
5. Número e percentual de trabalhos por Área do Conhecimento, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)	84
6. Número e percentual de palavras-chave encontradas nas teses	87
7. Número de orientações por orientador	98
8. Número de participações de professores em banca examinadora	99
9. Principais autores referenciados	103
10. Objetivo geral e procedimentos metodológicos colhidos nas teses	107
11. Cursos de pós-graduação recomendados pela CAPES na área de Turismo	122

LISTA DE SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA - Área de Proteção Ambiental
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CET - Centro de Excelência em Turismo
CMMAD - Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNTUR - Conselho Nacional de Turismo
CONAMA – Conselho Nacional do Meio Ambiente
CTM - Cadastro Técnico Multifinalitário
DEDALUS - Banco de Dados da Universidade de São Paulo
DS - Programa de Demanda Social
EIA - Estudo de Impacto Ambiental
EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FEEMA - Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente do Rio de Janeiro
FGV - Fundação Getúlio Vargas
GLBT - Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros
IAPI - Índice de Atratividade em Pontos Interpretativos
IATA - International Air Transport Association
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IBICIT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IEB - Instituto de Ecoturismo do Brasil
IES - Instituição de Ensino Superior
ISO - International Organization for Standardization
LAC - Limite Aceitável de Câmbio
MICT - Ministério da Indústria, Comércio e Turismo
MIV - Manejo de Impacto de Visitação

MMA – Ministério do Meio Ambiente
MPTD - Monitoramento Participativo do Turismo Desejável
OMS - Organização Mundial de Saúde
OMT – Organização Mundial de Turismo
ONG – Organização Não - Governamental
ONU – Organização das Nações Unidas
PIB - Produto Interno Bruto
PICDT - Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica
PLAMTUR - Planejamento Ambiental Municipal do Turismo
PROAP - Programa de Apoio à Pós-Graduação
PRODETUR - Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
PROPP - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
RIMA - Relatório de Impacto Ambiental
RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEBRAE - Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIG - Sistema de Informação Geográfica
UAM - Universidade Anhembi Morumbi
UC - Unidades de Conservação
UCS - Universidade de Caxias do Sul
UF - Unidade da Federação
UFBA - Universidade Federal da Bahia
UFPA - Universidade Federal de Lavras
UFPA - Universidade Federal do Pará
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar - Universidade Federal de São Carlos
UFMS - Universidade Federal de Santa Maria

UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais

UNA - Centro Universitário UNA

UnB - Universidade de Brasília

UNDP - Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP - Universidade Estadual Paulista

UNIARA – Centro Universitário de Araraquara

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USP - Universidade de São Paulo

WTO - World Tourism Organization

WTTC - World Travel and Tourism Council

WWF - World Wide Fund for Nature

1 INTRODUÇÃO

O uso de bens e serviços faz do turismo uma atividade econômica, gerando divisas para a localidade receptora, emissora e nos espaços de deslocamentos (ANDRADE, 1998). Cabe destacar que, 52 setores da economia são impactados pela atividade turística (CRUZ, 2000).

Mesmo que as questões econômicas relacionadas ao turismo atinjam grandes dimensões e gerem cifras consideráveis, elas não podem ser encaradas como o ponto principal do desenvolvimento da atividade. A ênfase do turismo como uma prática sócio-ambiental, mostrada em várias teses coletadas, indica que a grande área de influência da atividade e o seu desenvolvimento não se restringem apenas ao aspecto econômico.

A atribuição do turismo como atividade econômica remete-se aos primeiros estudos sobre os impactos da atividade. Desenvolvidas no contexto capitalista, as atividades turísticas eram facilmente quantificadas e imaginava-se que os benefícios gerados pela renda arrecadada supririam qualquer e eventual consequência negativa (MAMEDE, 2003).

A partir das décadas de 1960 e 1970 com os movimentos ambientalistas, as questões ligadas ao meio ambiente começam a ser delineadas como consequência dos desequilíbrios ambientais e de seus efeitos, em 1972, a Conferência de Estocolmo estabeleceu princípios para a solução dos problemas ambientais, seguida pela Rio-92 e pela Conferência de Johannesburgo em 2002. Nesse contexto, surgem discussões sobre novos tipos de turismo de menor impacto sobre o meio ambiente e as comunidades anfitriãs (LIMA, 2000 apud RODRIGUES, 2003).

Associada a essa idéia e pela busca de lazer em áreas naturais como um refúgio dos grandes centros urbanos, a década de 1990 foi marcada pela consolidação teórica dos conceitos relacionados à questão ambiental e a sustentabilidade, passando assim a ser uma meta para os diferentes segmentos da sociedade.

Na área acadêmica, o tema turismo e meio ambiente, apesar de pouco documentado, vem sendo objeto de estudo de vários autores, como Ruschmann (1999), Rodrigues (2000), Swarbrooke (2000), Lemos (2001), Pinto (2001), Ferretti (2002), Pires (2002), Dias (2003 b), Queiroz (2006), entre outros.

O turismo com suas implicações socioeconômicas e ambientais trata-se de uma atividade que requer grandes investimentos inclusive em planejamento, para que o processo de degradação dos recursos naturais associados aos destinos turísticos seja mitigado.

Assim, o planejamento em busca da melhor relação turismo e meio ambiente tem como objetivo principal alcançar a sustentabilidade da atividade econômica, tendo em vista a necessidade do envolvimento dos diferentes atores sociais como uma de suas premissas. Este é, indubitavelmente, um importante ponto a ser discutido no contexto das ações, práticas e interações que envolvem os atores comprometidos.

Silveira (1997) reforça ainda que se deve observar que as propostas e questões ligadas ao desenvolvimento sustentável do turismo vão além da dimensão ecológica, pois compreendem também a melhoria das condições econômicas e sociais das populações locais.

Segundo Mamede (2003), tanto o conceito de “desenvolvimento sustentável do turismo” quanto o “consumo responsável do turismo” são vistos como respostas que determinam o grau de solidez para que se favoreça um melhor planejamento e gerenciamento dessa atividade.

Nesse sentido, quando o turismo e meio ambiente é relacionado como atividade que gera lucros, a autora Queiroz (2006) lembra que é necessário um gerenciamento que induza o turismo sustentável para assim reduzir os impactos no meio, caso contrário a atividade turística sofrerá diretamente as próprias conseqüências.

A complexidade que envolve a atividade turística seja em âmbito econômico, ambiental e/ou social tendo como fundo o desenvolvimento sustentável, pode ser analisada e contextualizada pelo estudo da produção acadêmica dos últimos anos.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo identificar e caracterizar os trabalhos de doutorado defendidos no país de 1987 a 2006, nos quais a temática turismo e meio ambiente é objeto de estudo e, a partir dessa base de dados, analisar particularmente a produção dos principais autores, buscando também, identificar possíveis lacunas existentes neste campo de pesquisa.

Cabe destacar que a pesquisa teve como antecedentes os trabalhos de Rejowski (1993 e 1995), que examinaram a produção do conhecimento científico na área de turismo, por meio da configuração e sistematização documental da pesquisa

acadêmica em nível de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, no período entre 1970 e 1995.

Segundo a autora, tratou-se de um exercício de leitura e compreensão das teses, sob a ótica de um leitor-pesquisador com formação superior em turismo. A análise proposta configurou-se como uma primeira abordagem do conjunto de documentos levantados, aberta a outros pesquisadores, docentes e executivos, cujas visões ou pontos de vista puderam enriquecê-la e complementá-la.

O atual estágio das pesquisas em turismo e meio ambiente apresenta as mais diversas dimensões e objetos de estudos, demonstrando o momento oportuno para a realização dessa pesquisa.

A problemática em questão, além de preencher uma lacuna bibliográfica no estado atual da pesquisa em turismo e meio ambiente, contribuirá para a compreensão do discurso científico desenvolvido academicamente no Brasil, pois, face à precariedade de informações sobre o tema, faz-se necessário a sistematização documental desses trabalhos e a divulgação do conhecimento produzido junto a pesquisadores e estudiosos da área. Assim, essa pesquisa também se justifica para nortear aqueles que pesquisam e pretendem pesquisar essa área, constituindo uma fonte de informações quantitativa e qualitativa.

A opção pelas teses como objeto de estudo pressupõe seu caráter científico. Ou seja, a construção do conteúdo implica em uma seqüência lógica de passos e etapas metodológicas definidas, devendo refletir o estágio atual do conhecimento científico ("*state-of-art*") em turismo e meio ambiente.

O universo de estudo desta dissertação é composto por 63 teses, as quais foram caracterizadas segundo:

- ano de defesa;
- Instituição de Ensino Superior (IES) da pós-graduação;
- localização geográfica: cidade, estado e região;
- áreas de estudo determinadas pela CAPES;
- grau de apoio financeiro que o pesquisador teve para desenvolver a pesquisa.

Com esses dados, obteve-se um panorama geral dos trabalhos.

Em seguida, passou-se para análise das teses por meio dos seguintes tópicos:

- Área do conhecimento: segundo banco de teses Capes;
- Temática: análise das palavras-chave;
- Autores: perfil, período de graduação, curso de graduação, orientadores, participação dos professores em bancas examinadoras e a quantidade e obras dos autores referenciados;
- Procedimentos metodológicos: estudo quantitativo e qualitativo, resultando nos caminhos metodológicos em que os pesquisadores trabalharam.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

O atual estágio das pesquisas em turismo e meio ambiente apresenta as mais diversas dimensões e objetos de estudos. Assim, dada a importância dessas informações, faz-se necessário a sistematização documental desses trabalhos e a divulgação do conhecimento produzido junto a pesquisadores e estudiosos da área. Nesse contexto o objetivo geral do presente estudo é inventariar os temas e autores na área em questão, suas pesquisas e lacunas existentes nessa área de conhecimento.

2.2 Específicos

- Identificar as Instituições de Ensino Superior no Brasil com programas de pós-graduação *Stricto Sensu* com temas na área de turismo e meio ambiente.
- Caracterizar a produção científica das teses sob aspecto quantitativo e qualitativo dos programas identificados.
- Relacionar os temas e autores das produções científicas, identificando suas incidências e os autores mais citados.
- Analisar os procedimentos metodológicos, mostrando as principais ferramentas utilizadas, os objetivos relacionados e as tendências na pesquisa em turismo e meio ambiente.

3 HIPÓTESES

As hipóteses colocadas denotam as possíveis respostas que poderemos encontrar no desenvolvimento da pesquisa, dentre elas, estão:

- São novos e/ou com pouco tempo de vida, a maioria dos programas Stricto Sensu na área turismo e meio ambiente;
- Sua produção deve ter um leque restrito de temas, pela juventude dos programas e da área de estudo no Brasil;
- Os autores citados devem ser poucos e provavelmente recorrentes, fundados em literatura internacional;
- Lacunas importantes devem existir em face da pouca densidade da área e do número de pesquisadores no campo específico.

4 REVISÃO DA LITERATURA

Em termos globais, a expansão do turismo internacional continua a gerar uma demanda inesgotável pelas viagens para o exterior. De acordo com dados da Organização Mundial de Turismo (OMT), a Europa permanece sendo a região mais visitada do mundo. Comparativamente, a região da Ásia Oriental - Pacífico continua sendo a que tem maiores taxas de crescimento com o total de viagens aumentando em 9,3% por ano (OMT, 2003).

Outros dados poderiam ser explicitados aqui, a fim de mostrar a importância do turismo no mundo atual, sem impedimento, apesar da controvérsia, a respeito de como o turismo pode ser definido, seja com uma indústria, seja como uma atividade de serviços. É amplamente reconhecido o fato de que ele desenvolve uma gama de atividades econômicas e serviços com o objetivo de atender às necessidades dos turistas.

Para que ocorra turismo basicamente é necessário deslocar-se, assim a história do turismo confunde-se com a história do desenvolvimento dos transportes, das viagens e da própria história da humanidade, pois os deslocamentos sempre acompanharam o desenvolvimento humano.

4.1 Fatos históricos do turismo

O homem, desde suas origens, deslocou-se pelo mais variados motivos: em busca de alimentos e proteção, respondendo ao instinto natural de sobrevivência e de defesa, pelas guerras e as peregrinações até a busca pelo turismo de lazer e descanso, criado pelo império romano (MASINA, 2002).

Dias (2005) acrescenta que deslocar-se constitui uma característica humana. Pesquisas verificaram que o *homo sapiens* saiu do leste da África para habitar todos os continentes, atravessando terras, mares, ares e preparando-se para chegar ao espaço.

A invenção da roda pelos sumérios foi um marco importante no desenvolvimento dos transportes, possibilitando ao homem viajar transportando uma quantidade bem maior de produtos, utilizando engenhos que diminuía a necessidade de esforço físico (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002).

Com o passar do tempo, as habilidades e técnicas evoluíram, diminuindo a vida nômade e fomentando outros motivadores: “o transporte e a troca de mercadorias”.

O turismo surgiu quando o homem abandonou o sedentarismo e começou a viajar, principalmente devido ao comércio. Neste sentido, Pires (2004) reflete mencionando que o turismo de negócios precedeu ao de lazer. Ainda, elucida que o ato de viajar é antigo. De acordo com relatos, descobre-se que em 4.000 a.C. o aumento do império babilônico forçou grandes viagens para a abertura de estradas dedicadas ao deslocamento de tropas militares.

Durante as dinastias egípcias, as viagens geraram a construção de centros de alojamento no percurso das estradas e nas cidades para instalar os viajantes. E em 3.000 a.C., o Egito imperava como a cidade de Meca hoje, recebendo visitantes contempladores de pirâmides e monumentos (PIRES, op. cit.).

No período de crescimento dos antigos impérios na África, na Ásia e no Oriente Médio, construíram-se uma infra-estrutura básica para viagens, como a abertura de estradas de terra e canais de navegação e o desenvolvimento de veículos de transportes (GEE; FAYOS-SOLÁ, 2003).

No Império Assírio, destacam Gee e Fayos-Solá (op. cit.), o militarismo propiciou um aperfeiçoamento nas estradas e instalação de marcos para indicar distâncias, tudo voltado para uma melhora nas condições de viagem.

Na antigüidade clássica, maior destaque para Grécia e Roma, pelo conjunto de fatores importantes e pelo grande papel que esses dois povos tiveram na organização das viagens e dos meios de transporte. Numa visão planejada, construíram obras viárias de infra-estrutura que até hoje permanecem desafiando o tempo. São estradas, pontes, viadutos e outros que permitiam deslocamentos cada vez maiores (GEE; FAYOS-SOLÁ, op. cit.).

O desenvolvimento das cidades gregas mostra que elas se ergueram e cresceram ao longo da costa, e tendo então a predominância do transporte marítimo, como um dos meios mais utilizados, que era facilitado por uma boa infra-estrutura portuária com atracadouros e diques secos, além de locais para desembarque, carga e descarga, assim como armazéns para a guarda de mercadorias.

Nessa época, os gregos implantaram uma moeda corrente que substituiu o escambo em suas destinações finais. A expansão de seu idioma por toda a área do Mediterrâneo facilitou a comunicação com os viajantes. Atribui-se a eles a relevante

importância ao ócio e ao tempo livre, dedicando-os à diversão, cultura, esporte e religião (GEE; FAYOS-SOLÁ, 2003).

As viagens gregas para o turismo surgiram com os jogos olímpicos. Hoje, conhecidos como Olimpíadas, atraíam cerca de 200.000 pessoas à cidade de Olímpia, onde consumiam muita comida, vinho e *souvenirs*, lotavam as acomodações, nos cinco dias de jogos (DIAS, 2005).

Os romanos dispunham de excelentes meios de transporte e rede viária, e isto pode ser justificado pela grande expansão territorial do governo romano que exigia então condições básicas de infra-estrutura para possibilitar os deslocamentos dos funcionários governamentais, tropas e comerciantes. Porém, o crescimento de uma espécie de classe média favoreceu muito as viagens regionais e sazonais de férias no verão. Dias (op. cit.) comenta o valor dado ao divertimento de alguns romanos, donos de grandes posses, que chegavam a comprar residência à parte, em outra cidade para passar algumas temporadas.

O povo romano apreciava muito as atividades de lazer, freqüentavam, assiduamente, espetáculos e teatros, águas termais e cidades litorâneas.

A queda do Império Romano, em 476 d.C., provocou enormes dificuldades para as viagens. Os deslocamentos tornaram-se perigosos devido à falta de segurança, aos saques e assassinatos e aos ataques dos bárbaros. Depois da queda, algumas estradas foram destruídas ou desapareceram; por mais esta razão, as mobilidades foram sendo reduzidas. Porém, nesse período, a igreja cristã, estimula as peregrinações e a propagação de mosteiros. Diversos peregrinos percorreram caminhos como a Santiago de Compostela e a Jerusalém, bem como os muçumanos à cidade de Meca. Eles eram recebidos por uma rede de albergues de caridade, residências familiares e igrejas (DIAS; AGUIAR, 2002).

No final do século XV e no século XVI, destaca-se a explosão das grandes viagens marítimas de descobrimento. Data deste período, o “descobrimento” das Américas por Cristóvão Colombo e do Brasil por Pedro Álvares Cabral. E isto sem citar as expedições vikings para a América do Norte e para as Rotas da Ásia.

O renascimento europeu, do século XIV até o século XVII, refletiu a melhoria da produtividade na agricultura e o renascimento das cidades, a expansão do comércio e dos negócios, a exploração global e as descobertas européias, o florescimento das artes e da ciência moderna. Representou a quebra do domínio da religião e encorajou a satisfação pessoal e o desejo de explorar e de entender o

mundo. Desde o ponto de vista de interesse do turismo, este período representa um grande incentivo às viagens culturais e mercantis (YASOSHIMA; OLIVEIRA, 2002).

Barretto (2003) relata sobre a preparação de jovens que, futuramente, exerceriam cargos militares, civis ou de classe dirigente. Diante da autorização da Rainha Elizabeth I e com bolsas concedidas pelas Universidades de Cambridge e Oxford, na Inglaterra, e Salamanca, na Espanha, os jovens realizavam o chamado *grand tour*, uma viagem que chegava a durar de três a cinco anos (BARRETTO op. cit.).

Geralmente, instrutores que detinham ciência dos locais previstos às visitas, acompanhavam os jovens pelas regiões consideradas berço da civilização: Europa, Grécia e Oriente Médio, onde existiam um grande número de monumentos para visitação, que proporcionavam conhecimento e *status* (DIAS, 2005).

Essa modalidade é vista por Gee e Fayos-Solá (2003) como: “o coroamento da realização cultural e educacional das classes superiores”. Pires (2004), denominando este período como do ‘Turismo Neoclássico’, diz que este vinculava as viagens como complemento ao aprendizado dos jovens.

A partir de meados do século XIX ocorrem o surgimento, o desenvolvimento e a consolidação do turismo propriamente dito, o turismo moderno e organizado, pois nele se vê a atividade como um grande negócio. Assim, resultaram mudanças envolvendo novos hábitos de viagens, novos tipos de viajantes, o florescimento e a diversificação das empresas turísticas e a organização do setor (REJOWSKI et al. 2002).

Data deste período, a tecnologia da máquina a vapor que foi aplicada aos navios e aos trens. A invenção do trem baseou-se nos vagões utilizados em minas de carvão do século XVI.

O fato mais marcante para o turismo deste período é o desenvolvimento do transporte ferroviário e da navegação a vapor, provocado pela Revolução Industrial no Reino Unido. O fato do vapor substituir a tração animal deu impulso a ambos no sentido de maior velocidade, comodidade e capacidade de transportar viajantes e mercadorias. Conseqüentemente, os hábitos de viagens também começam a mudar, permitindo a ascensão de um novo tipo de viajante.

Nesse período, surge um novo tipo de viagem: turismo “romântico”. Barretto (2003) justifica-o como a busca pelo contato com a natureza, principalmente as montanhas e também os Alpes. Além disso, surge na Europa o turismo de montanha

ou saúde, em que clínicas e sanatórios privados foram construídos e atualmente muitos atuam como pequenos hotéis.

A classe operária conquista as férias anuais aproveitando o tempo livre para sair das áreas urbanas congestionadas e poluídas. Muitos optavam em frequentar regiões litorâneas e estações de águas, o que fixou as bases do moderno turismo de lazer (GEE; FAYOS-SOLÁ, 2003).

Nesse cenário de mudanças, havia a necessidade de um novo tipo de empreendedor para persuadir os potenciais clientes. É possível destacar alguns personagens deste período:

- **Bernardo de Abreu:** abriu no Porto, Portugal, em 1840 a agência de viagens Abreu, o ano em que a rainha Dona Maria completou a linha de trem de Lisboa àquela cidade. Além de passagens de trem, eram comercializadas também passagens para América do Sul de navios, em especial para o Brasil (DIAS, 2005).
- **Thomas Cook:** em 1841, promove a primeira viagem organizada da história, representando a elaboração do primeiro pacote turístico, dando origem ao turismo coletivo. Dez anos após, Thomas cria a primeira agência de viagens do mundo “Thomas Cook and son”. Não obstante, em 1867, o mesmo inventa o atual *voucher*¹ hoteleiro (DIAS, op. cit.). A ele é atribuído o título de “Pai” do turismo moderno.
- **George Mortimer Pullman:** inventou o vagão-leito, disponibilizando conforto aos viajantes (BARRETTO, 2003). Fechou contratos com muitas das companhias ferroviárias para fabricação de vagões dos tipos: restaurante, salão, dormitório (DIAS, 2005).

Pouco depois, a *Wells Fargo Company* fundou a *American Express* empresa conhecida em todo mundo pela criação dos *traveler's checks*² (GOELDNER; RITCHIE; MCINTOSH, 2002).

Segundo Dias (2005), no Brasil, em 1864, inicia-se a construção da Estrada de Ferro de Mauá, atual, Central do Brasil. Percebe-se o crescimento em grandes

¹ *Voucher*: em 1867, era denominado como cupom de hotel.

² *Traveler's check*: dinheiro personalizado feito com papel moeda de uso corrente que protege o viajante de possíveis roubos e perdas.

proporções dos meios de transporte e linhas férreas e até o início da Primeira Guerra Mundial, o crescimento do turismo é significativo, transferindo-o o título de fenômeno mundial.

A decadência do transporte ferroviário vem ao fim da Primeira Guerra com a fabricação maciça de ônibus e automóveis (GEE; FAYOS-SOLÁ, 2003). Assim, quando Henry Ford partiu para a fabricação de carros, contribuiu para o acesso de diferentes classes ao turismo. Conseqüentemente, aumentou-se a construção de rodovias para as viagens automobilísticas, surgindo, com o desenvolvimento da atividade, hotéis nas beiras de rodovias, os motéis (DIAS, 2005).

Entretanto, a crise de 1929, também chamada de “Grande Depressão³” também reflete negativamente sobre todo o setor turístico.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, o transporte aéreo sobressai às companhias navais. Dias (op. cit.) afirma que, em 1945, o transporte turístico é incorporado pela aviação, aumentando o número de destinações turísticas. Barretto (2003) recorda que, em 1945, acontece a regulamentação do turismo no espaço aéreo com a criação da *International Air Transport Association*⁴ (IATA). E, em 1949, ocorre a venda do primeiro pacote aéreo.

Definitivamente temos a explosão da atividade turística. As operadoras lançam pacotes *all inclusive*⁵ e vôos *charter*⁶ (DIAS, op. cit.). Ocorre o aumento de destinos turísticos e o crescimento na demanda de turistas, que começam a explorar locais como o Caribe e o Mediterrâneo. Começa o advento do turismo em massa.

Lembram Gee; Fayos-Saló (2003), que os navios de cruzeiro tornam-se a principal forma de viagem. Nos Estados Unidos, as grandes cadeias de hotéis instituem o padrão *Holiday Inn*⁷.

³ Grande Depressão: foi o período da maior crise econômica mundial iniciou-se em 1929, na marcada “quinta feira negra” no âmbito do sistema financeiro da Bolsa de Valores de Nova York e espalhou-se para os países dos Continentes: Europeu, Africano, Asiático e da América Latina até 1933. Em momento de forte especulação, 70 milhões de títulos foram colocados no mercado sem encontrar uma demanda correspondente. O fato gerou desconfianças, espalhando-se pelo mundo, chegando a atingir a produção. Com isso, houve uma queda na renda nacional, retração na demanda, aumento nos estoques e queda nos preços. Assim, muitas atividades foram se paralisando, empresas falindo e trabalhadores perdendo seus empregos. Em proporções internacionais, a crise reduziu a um terço o comércio e consolidou o número de 30 milhões de desempregados (SANDRONI, 2002).

⁴ IATA: Associação Internacional de Transporte Aéreo.

⁵ *All inclusive*: tudo incluído; pacotes que incluem no preço: diárias, refeições e atividades extras.

⁶ *Vôo charter*: vôos fretados.

⁷ *Holiday Inn*: padrão de mobília idêntico em quase todas as partes do mundo para que o hóspede esteja onde estiver, saiba que está num hotel de rede.

Infelizmente, esse período marca a falta de experiência e planejamento no desenvolvimento da atividade turística, o que implicou em conseqüências como especulação com as construções e trabalhos sem previsões de demanda ou dos indesejáveis impactos sócio-ambientais decorrentes da chegada massiva de turistas.

Na década de 1970, a crise energética sentida pelo setor de transportes e a inflação, obrigam uma redução de custos, preços e na capacidade. Apesar do aparente descontrole, em 1974 é criada a Organização Mundial de Turismo (OMT) ou *World Tourism Organization* (WTO⁸) com o objetivo de regulamentar e organizar o setor (DIAS, 2005).

O início dos anos 1980 passa por dificuldades devido à recessão econômica, que reduz o número de viagens internacionais. Entretanto, 1984 e 1985 são anos de recorde para as destinações européias, freados pelo acidente nuclear de Chernobil e o enfraquecimento do dólar em relação a outras moedas (COOPER et al., 2001).

Nessas duas décadas tem-se o lançamento de vários modelos na aviação, dentre eles o Concorde, a inserção da tecnologia da informação nas empresas turísticas e o aparecimento de empresas multinacionais atuantes em cadeias de hotéis (DIAS, 2005). Finalizando, esta temporada traz novos empreendimentos como os parques temáticos e os *resorts*⁹

Em 1991, a Guerra do Golfo Pérsico, provoca recaída do turismo internacional e suspendem as viagens na região, no Norte da África e no Mediterrâneo Oriental (COOPER et. al., 2001).

A tendência para o século XXI é a continuidade do crescimento da atividade turística, mesmo atravessando períodos de guerras, recessões, entraves políticos e tantos outros. Gee e Fayos-Solá (2003) admitem novos pontos futuros que conforme a nova era do turismo for se expandindo, será afetada por uma série de fatores exógenos, como desenvolvimentos econômicos e financeiros, inovações e avanços

⁸ *World Tourism Organization*: maior organização intergovernamental direcionada para o setor de viagens e turismo. Desde 1976, funciona também como agência executiva do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP), sendo que em 1997 a WTO e a ONU assinaram um acordo formal de cooperação. A WTO funciona nos moldes de um fórum global para a análise e definição de políticas do setor, congregando 138 países e territórios, tendo mais de 350 membros filiados representando governos locais, associações de turismo, além de companhias privadas atuantes no setor, companhias aéreas, grandes grupos hoteleiros e operadores turísticos (ARAÚJO, 2003).

⁹ *Resorts*: locais que oferecem hospedagem, recreação e divertimento para pessoas em gozo de férias.

tecnológicos, questões ambientais e forças de mercado que influenciam a estrutura do setor operacional e de desenvolvimento de produto de viagens e turismo.

Mudanças de toda ordem, cada vez mais rápidas e freqüentes, configuraram novos cenários políticos, econômicos, socioculturais e ambientais. Com isso, cresceu a importância da visão holística e sistêmica do turismo, atrelada ao estudo e à pesquisa científica na área.

4.2 Conceitos e definições de turismo

A literatura especializada em turismo apresenta diversos conceitos e definições. À frente de inúmeras definições, existe uma dificuldade em delimitar ou optar por um conceito, devido à interdisciplinaridade pertencente ao turismo e às relações humanas.

Incluído nesse contexto, Molina (2005) diz que a variedade e quantidade de idéias elaboradas e o número de escritores e organizações que ainda permanecem na tentativa de definir turismo são grandes. Ele complementa enaltecendo as dimensões alcançadas por tantas idéias, caracterizando que as mesmas visam tanto os campos econômico e sociológico, quanto a perspectiva de uma “indústria ou fenômeno”.

Observam-se duas correntes construídas pela literatura: a primeira exclui a possibilidade da prática do turismo implicar o ganho financeiro ou econômico do turista, descartando modalidades como o turismo de negócio, já a outra corrente aceita isto, total ou pelo menos parcialmente.

Resumindo, pode-se dizer que o conceito de turismo não apresenta uma única definição. Sendo assim, valorizar-se-á essa amplitude de conceitos e definições, citando-se exemplos de diferentes autores e instituições ligadas ao turismo. Entretanto, para tentar descrever ou definir turismo é preciso atentar para quatro grupos que participam e sofrem os impactos do setor, são eles: turistas, setor privado, setor público e a comunidade local.

Primeiramente, retornando ao início do século XIX, no qual, as palavras turismo e turista começam a ser utilizadas, especificamente encontradas no *The Shorter Oxford English Dictionary*, dicionário inglês publicado entre 1810 e 1811 (DIAS, 2005). A palavra turismo era designada como “a teoria e a prática de viajar, por prazer”, e quanto ao termo turista: “alguém que viaja por prazer ou cultura,

visitando vários lugares por seus objetivos de interesse, paisagem etc.”. O autor continua apontando que a obra “Memórias de um Turista de *Stendhal*”, em 1838, foi a responsável pela difusão do termo turista.

Barretto (2003), no que diz respeito à procedência das palavras, cita turismo advindo do termo *tour*, e designa-o de origem francesa, significando volta e tendo como equivalência no inglês a palavra *turn* e *tornare* no latim. Entretanto, a autora adiciona o pensamento de Arthur Haulot, baseado na Bíblia, sendo que o mesmo acredita que a origem da palavra provém do hebraico *tur*, no sentido de “viagem de reconhecimento”.

No caso da palavra turista, sua origem vem do inglês *tourist*, liga-se ao verbo inglês *to tourn*, derivado do francês *turner*, o qual etimologicamente resulta do grego *tornos*, que significa: “uma volta ou círculo ou o movimento ao redor de um ponto central ou eixo” (ARENDIT, 2002).

Segundo Dias (2005), os primeiros estudos sobre turismo partiram da área econômica por Guyer e Schulern, entre 1905 e 1910. Mais tarde, economistas de diversas nacionalidades motivaram-se a estudar este campo, destacando-se os alemães Besncheidt, Bormann, Glücksmann e Schiwink, integrantes da Escola de Berlim.

Herman Von Schullard Zu Schattenhofen, em 1911, considerado por Fuster (apud Dias, op. cit.) “um dos primeiros teóricos do turismo”, apresenta uma definição de turismo, ressaltando aspectos econômicos. Para Herman, turismo representava o total das ações, especialmente ligados à economia, originados pelo egresso, estadia e traslado de turistas para dentro e fora de um país, região ou estado (DIAS, op. cit.).

Do mesmo modo, o economista belga Edmond Picard utilizou uma terminologia mais específica com conteúdo restrito, designando como papel do turismo “a importação de divisas pelos países” e que seus impactos encontram-se em distintos setores da economia, particularizando-o aos proprietários de hotéis (ARENDIT, 2002).

Ampliando a visão econômica, Mongenroth, economista irlandês, detalha em seu conceito outras questões relacionadas às necessidades do turista, colocando o turismo como fluxo de pessoas que provisoriamente saem de sua residência para outro lugar, almejando a satisfação de anseios e de cultura ou para levar adiante vontades de diversas índoles, assumindo a postura de consumidores de bens econômicos e culturais (DIAS, 2005).

Por outro lado, o autor Donald E. Lundberg avalia de uma forma mais simplória, afirmando turismo como sendo “o negócio do transporte, atenção, alimentação e diversão do turista” (MOLINA, 2005). Uma definição curta e restrita, pois tange o turismo como apenas oportunidade para os empreendedores negociarem a satisfação de clientes (os turistas).

Citando o autor suíço Walter Hunziker, o pai do turismo moderno, faz alusão descrevendo turismo como uma união de relações e conseqüências vindas do deslocamento e estadia dos turistas, mas desde que esta não esteja ligada a ações lucrativas. Neste caso, como o anterior, percebe-se por Molina (op. cit.) um conceito parcial e descritivo, pois não é amplo e visa destacar o turista e os resultados de sua viagem.

Beni (2001) diz que existem três tendências para três definições de turismo: a primeira é a econômica, relacionada à atividade. O produto turístico final para venda e pós-venda é de natureza compósita e agregada. Para o autor, “o processo de agregação de valores inicia-se na aquisição dos atrativos turísticos, continua nos meios de transporte, hospedagem, alimentação, serviços de recreação e entretenimento”. Complementando, McIntoch (1977) diz que turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a atividade de atrair e transportar visitantes, alojá-los e, cortesmente, satisfazer suas necessidades e desejos.

A segunda definição, segundo Beni (2001), é a técnica, como relata a Organização Mundial de Turismo - OMT (2003) e está relacionada ao tamanho e características do mercado turístico. Então, se define que o turista é uma pessoa que está visitando um local que não é sua residência, por um tempo de 24 horas ou mais, com a finalidade de estudo, trabalho, férias, etc. Esta definição diferencia o turismo de outros fenômenos semelhantes.

Finalizando, a definição holística abarca muitos aspectos que estão centralizados no turista (BENI, 2001). De acordo com Jafar Jafari (apud Beni, op. cit.), turismo pode ser definido como o estudo do homem longe de seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e o setor geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora. Essa definição está relacionada ao estudo do fenômeno turismo como ciência.

Em síntese, Arendt (2002) expõe a concepção de uma atividade “fenômeno” que ocasiona a permuta de capital de uma localidade à outra, por meio da circulação de turistas que exigem determinado “produto turístico”.

O termo “fenômeno” é comumente utilizado pelos autores para destacar a grandeza e importância econômica da atividade que também se destaca como um fenômeno social, pois consiste no deslocamento voluntário e temporário de pessoas ou grupos que, por motivos diversos, como lazer, cultura, saúde, deslocam-se de sua residência para outro local, não exercendo nesse nenhuma atividade remunerada, gerando importantes relações sociais, econômicas e culturais (DE LA TORRE, 1992 apud BARRETTO, 2003).

Como fenômeno marcante do mundo contemporâneo, Rodrigues (1996) afirma que a relevância do turismo não está restrita somente ao campo econômico, mas também ao fator social, pois essa atividade cria e recria formas espaciais diversificadas.

Alguns autores vinculam o turismo ao sistema de uma indústria. Segundo Beni (2001), o Departamento Australiano de Turismo e Recreação, em 1975, designou o turismo como importante e identificável indústria para o país.

Além disso, Benschmidt, alemão da Faculdade de Economia da Universidade de Berlim, assegura que “o turismo é o conjunto de relações pacíficas e esporádicas que resultam do contato entre pessoas que visitam um lugar por razões não profissionais e pessoas naturais desse lugar” (MOLINA, 2005).

Até então, prevaleciam as definições de natureza econômica. Já outros autores seguem a linha de qualificar o turismo como a prática do lazer e ócio, recreação ou, simplesmente, pela busca de novas vivências. Como Báztan (1995 apud MARTINS, 2006) contribuindo, que o turismo, sendo um meio de lazer, pode romper o espaço de tempo e trabalho e fornecer alternativas diferenciadas, complementares e não-rotineiras para a cura psíquica.

Grandes estudiosos e organizações que representam o setor, trazem definições técnicas que diferenciam umas das outras em quesitos como tempo de estada, deslocamento. Dessa forma, a Organização Mundial de Turismo (OMT) define turismo como o conjunto de atividades que as pessoas realizam durante suas viagens com estadas em locais diferentes dos que vive em período inferior a um ano, com fins ligados a lazer, negócio ou outro (DIAS, 2003 a).

Para Ruschmann (2001), turismo apresenta-se como uma viagem que pode se estender de alguns quilômetros até milhares deles, incluindo vários tipos de transportes e estadias de alguns dias, semanas ou meses nos mais diversos tipos de alojamentos em uma ou mais localidades, essas viagens envolvem atividades na qual o turista utiliza uma variedade de equipamentos e serviços para satisfação de suas necessidades.

E finalmente, o autor Beni (2001) com uma terminologia comum na linguagem do estudo do turismo, transpõe-se a definição de um conjunto de recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da atividade turística porque, na realidade, são esses recursos que provocam a afluência de turistas. A esse conjunto agregam-se os serviços produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta no seu sentido amplo, numa estrutura de mercado.

Realmente, percebe-se a diversidade de conceitos e definições sobre turismo. Certamente, ao longo do tempo, aumentará essa pluralidade, fato que fixa ao turismo a denominação de fenômeno complexo (PIRES, 2004).

4.2.1 Tipos de turismo

Tratando da tipologia da atividade turística, Barretto (2003) afirma que há diversos tipos de turismo, que podem ser classificados por diferentes critérios, tais como: natureza, volume, duração, alojamento, motivação, modo de viajar, meio de transporte, permanência.

Segundo a metodologia da OMT (Organização Mundial de Turismo), nota-se que o turismo é dividido em três tipos básicos: o primeiro é o turismo interno (ou doméstico) considerado como aquele que é realizado pelos visitantes que viajam dentro de seu próprio país; o segundo é o turismo receptivo, o qual é realizado pelos visitantes que não são residentes no país, na região ou na localidade; e o terceiro é o turismo emissor (ou emissivo), sendo esse o turismo realizado pelos residentes para fora do país, da região ou da localidade (DIAS, 2005).

Derivam dessas formas de turismo outras três categorias: o turismo interior que é a combinação do turismo doméstico com o turismo receptivo; o turismo nacional definido como a soma do turismo doméstico com o turismo emissor; e por

fim, o turismo internacional que é o movimento de visitantes entre os diferentes países. Compreende, portanto o turismo receptivo e o turismo emissor (DIAS, 2005).

4.2.2 Mercado turístico

Ao raciocinar sobre o conceito de mercado, à primeira vista surge a idéia de troca de produtos ou valores (comércio), ou seja, uma relação entre oferta e demanda de bens, capitais e serviços. Portanto, pessoas e empresas que ofertam e demandam tais itens, dão surgimento a esse processo de troca (mercado).

Numa visão sucinta, Arendit (2002) entende o mercado como o local onde acontece o encontro de vendedores e compradores na economia. Kotler (1995 apud IGNARRA, 2002) diz que o mercado consiste em todos os consumidores potenciais que compartilham de uma necessidade ou desejo específico, dispostos e habilitados para fazer uma troca que satisfaça essa necessidade ou desejo.

Desta forma, Beni (2001) acrescenta que se pode falar em mercados específicos atuantes em trocas de nível nacional e internacional, como o mercado do turismo.

Complementando esse autor, Vaz (2001) considera o mercado turístico como: conjunto de atividades econômicas em torno de produtos turísticos, por meio das quais diversos agentes buscam satisfazer suas necessidades e obter benefícios, transacionando tais produtos.

É no mercado turístico que turistas entram em contato com os que comercializam os produtos turísticos. Em síntese, pode-se dizer que o mercado turístico é junção de oferta e demanda.

4.2.2.1 Demanda

A OMT (2001) trata a demanda como um conjunto de consumidores – ou possíveis consumidores – de bens e serviços turísticos.

O autor Braga (2003) explica: “demanda turística corresponde à quantidade de pessoas que viajam ou desejam viajar e que consomem ou tem disposição de consumir bens e serviços turísticos a determinado preço e em certo período de tempo”.

Diversos fatores, no entanto, condicionam a demanda; destacam-se: disponibilidade de tempo, disponibilidade econômica, fatores demográficos do local escolhido e fatores sociais (DIAS, 2005).

Segundo Boullón (2002), a demanda pode ser medida contabilizando o total de turistas que entram em um destino turístico, podendo ser um local, uma região, uma zona, um país, um centro atrativo turístico. Pode ser verificada por meio de uma análise mais criteriosa, identificando como se distribuem os gastos nesses destinos, e os tipos de serviços utilizados.

O autor citado frisa que para realizar um estudo mais completo sobre a demanda devem ser analisados os seguintes tipos de demanda:

a) demanda real: é a quantidade de turistas que existe em um dado momento, em determinado lugar, e a soma de bens e serviços utilizados pelos consumidores neste lugar durante o tempo de sua estada;

b) turista real – consumidor potencial: refere-se aos gastos adicionais que podem realizar a demanda real durante sua estada, e o consumo de bens e serviços que não estavam previamente programados antes do seu deslocamento do turismo;

c) demanda histórica: são os registros estatísticos ocorridos no passado;

d) demanda futura: é o resultado de cálculos feitos a partir de fórmulas matemáticas para projetar o perfil da demanda turística durante um período de tempo, a partir do presente;

e) demanda potencial: é a possibilidade de obter um segmento de mercado emissor não conquistado.

Analisar a demanda significa conhecer o consumidor do produto turístico; este estudo é utilizado como importante instrumento para o planejamento da atividade turística.

4.2.2.2 Oferta

A oferta é o conjunto de produtos, serviços e organizações envolvidas ativamente na experiência turística (OMT, 2001).

Dias (2005) diz que a oferta constitui-se de bens e serviços pertencentes ao setor primário, secundário e terciário, ou seja, recursos turísticos e elementos que permitem o desenvolvimento da atividade.

Dentre os componentes da oferta turística, verificam-se os recursos turísticos, caracterizados pelos patrimônios naturais e culturais tais como: paisagem, clima, manifestações folclóricas, parques naturais e temáticos, personalidades, entre outros;

Os serviços e equipamentos turísticos são compostos pelos serviços de: hospedagem, alimentação, entretenimento, agências e operadoras de turismo, bancos, farmácias, locadoras de veículos, centros de informação, hospitais, casas de câmbio, aeronaves, oficinas mecânicas, postos de abastecimento, embarcações, lojas de artesanato etc.;

E a infra-estrutura e serviços básicos, compreendem os portos, aeroportos, saneamento, energia elétrica, rodovias, estações rodoviárias e ferroviárias, enfim, estruturas fundamentais para o suporte da população em geral, que geralmente, são de responsabilidade do setor público.

4.2.3 Segmentação da atividade turística

Diante das exigências e diversidades da demanda, o mercado para melhor atendê-la dividi-se em grupos, são os chamados segmentos, que em outras palavras consistem na “divisão de grupos de consumidores” aparentemente iguais em relação a alguns critérios como: idade, interesses etc. Dias (2005) afirma que a segmentação almeja diferenciar suas estratégias de marketing para satisfazer cada grupo e constituir novas demandas.

O autor Vaz (2001) delimita os segmentos do turismo dizendo que, normalmente, é possível identificar em cada segmento uma base de segmentação relevante, um aspecto ao qual está diretamente relacionado, através de uma referência mais ou menos explícita. Mas cada segmento também, normalmente, exige uma segunda ou terceira referência, outras bases de segmentação que desempenham função complementar e ajudam a definir melhor a amplitude do segmento.

Ele reúne os segmentos mais usuais do mercado turístico e aborda-os em grupos, expostos na Figura 1 a seguir:

Segmentos de Base Demográfica Pessoal	
• Turismo infantil	• Turismo familiar
• Turismo juvenil	• Turismo GLBT
• Turismo da terceira idade	• Turismo saúde
• Turismo <i>single</i>	• Turismo para deficientes
• Turismo romântico	
Segmentos de Base Demográfica Socioeconômica	
• Turismo de eventos	• Turismo de incentivo
• Turismo de negócios	• Turismo social
• Turismo comercial	
Segmentos de Base Psicográfica	
• Turismo surpresa	• Ecoturismo
• Turismo aventura	• Turismo rural
• Turismo esportivo	• Agroturismo
• Turismo gastronômico	• Turismo praia
• Turismo ecológico	• Turismo hidroviário
Segmentos de Base Demográfica Sociocultural	
• Turismo de estudos	• Turismo religioso
• Turismo cultural	• Turismo de raízes
Segmentos de Base Comportamental	
• Turismo viário	• Turismo de época

Figura 1 - Segmentos do turismo
Fonte: Vaz (2001).

De acordo com Ignarra (2002), os segmentos não esgotam as possibilidades de tipos de turismo, havendo uma subdivisão desses, podem surgir subsegmentos. Além disso, o cruzamento dos critérios de segmentação pode criar partes menores de segmentos.

Seguindo a Figura 1, o estudo em questão desta dissertação trabalha com segmento de base psicográfica como: turismo ecológico, turismo de aventura, ecoturismo, turismo sustentável, que foram utilizados como palavras-chave entendidos como pertencentes ao tema mais amplo turismo e meio ambiente. Dessa forma, os segmentos a seguir serão brevemente discutidos para melhor compreensão de suas utilizações.

4.2.3.1 Turismo sustentável

Ao final do século XX, o desgaste dos recursos naturais, questões sobre cultura e sociedade, são pauta de muitas discussões relacionadas ao conceito de sustentabilidade (DIAS, 2005).

O princípio da sustentabilidade está ligado à preocupação com o meio ambiente. Desta maneira, o turismo também não poderia desconsiderar a temática, tratando de abordá-la em seu desenvolvimento.

O turismo sustentável, então, caracteriza-se por uma forma de lazer harmoniosa, fundamentada na autodeterminação, na valorização das populações nativas e no respeito ao meio ambiente (COSTA, 2002).

Segundo a Revista Turismo Visão e Ação (GLOSSÁRIO, 2000), turismo sustentável “é, preliminarmente, para garantir e assegurar os componentes dos diferenciais turísticos, o processo racional de exploração dos recursos ambientais naturais, históricos culturais e temáticos-artificiais”.

Swarbooke (2000) relata que não há consenso na definição de turismo sustentável. O autor define assim a expressão: “formas de turismo que satisfaçam, hoje, as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades”. Este conceito está relacionado com a expressão desenvolvimento sustentável difundido na literatura que trata da questão ambiental.

O mesmo ocorre com a Organização Mundial de Turismo (OMT), que adotou um conceito correspondente aos princípios sustentáveis do turismo, sendo aquele que atende às necessidades dos turistas atuais e das regiões receptoras, e ao mesmo tempo protege e fomenta as oportunidades para o futuro. O desenvolvimento sustentável do turismo se concebe como um caminho para a gestão de todos os recursos de forma que possam satisfazer-se as necessidades econômicas, sociais e estéticas, respeitando ao mesmo tempo a integridade cultural, os processos ecológicos essenciais, a diversidade biológica e os sistemas que sustentam a vida (DIAS, 2005).

Baseando-se nessa definição são considerados três eixos fundamentais para a sustentabilidade turística (DIAS, 2005):

1) Econômica: os recursos são geridos beneficiando os agentes e a comunidade receptora, por meio de um desenvolvimento econômico eficiente;

2) Social e Cultural: diminuem-se as desigualdades sociais, conservam-se os valores da cultura local e preserva-se o patrimônio histórico;

3) Ambiental: o desenvolvimento do turismo obedece ao ritmo dos processos ecológicos.

O objetivo principal do turismo sustentável é a caracterização e identificação de componentes da atividade turística, ou do produto turístico, que sejam ambientalmente adequados, economicamente viáveis e socialmente justos. Isto quer dizer que é necessário conhecer o impacto do turismo em cada localidade, de acordo com suas particularidades, e manter o respeito às culturas locais.

Assim, como traz O Estado de São Paulo (2002), o turismo sustentável deve obedecer a alguns princípios básicos, que vem sendo discutidos internacionalmente. Entre estes estão, por exemplo, o respeito à legislação vigente, às convenções e critérios internacionais e o respeito ao patrimônio histórico e cultural das regiões escolhidas como destino turístico, esteja este patrimônio representado por prédios e monumentos ou pelas tradições e valores culturais.

Para a Organização Mundial de Turismo (2003), o desenvolvimento do turismo sustentável somente é possível quando no seu planejamento são considerados os seguintes fatores:

- **sustentabilidade econômica** – inclui a maximização da utilização dos recursos naturais, com redução dos custos ambientais;
- **sustentabilidade social** – prevê a adaptabilidade e a capacitação social;
- **sustentabilidade ambiental** – analisa os níveis de visitação, os tipos de visitantes e seu comportamento;
- **sustentabilidade cultural** – envolve um estudo sobre a singularidade, a força e a capacidade cultural;
- **sustentabilidade política** – é determinada pelo apoio e pelo envolvimento de residentes do destino turístico.

A expressão “turismo sustentável” é o ícone preferido nos discursos oficiais explanados pelos governos municipais, estaduais e federal, pois utilizando-se politicamente dos fundamentos filosóficos e conceitos que norteiam o segmento, ampliam suas bases de apoio na sociedade buscando a possível atuação. O risco dessas atitudes é disfarçar os elevados impactos ambientais e socioculturais ocasionados na implantação dos grandes projetos turísticos.

4.2.3.2 Turismo de aventura

O Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) na oportunidade de uma oficina de planejamento realizada em Minas Gerais estabeleceu diretrizes para exploração do turismo de aventura. E como fruto, o relatório conceitua-o como um segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural (BRASIL/EMBRATUR, 2001).

O turismo de aventura está localizado na polissemia do termo e da multiplicidade das atividades que envolvem o ecoturismo, que por sua vez reporta às mesmas preocupações no que se refere a planejamento, gestão e sustentabilidade.

Importante ressaltar que a diferença de conceituação entre turismo de aventura e o ecoturismo está na motivação principal do turista. Pires (2002) destaca que, no ecoturismo, a motivação principal é a observação e a apreciação das características naturais e dos recursos culturais a ela associados, e no turismo de aventura, a preferência repousa sobre as atividades físicas e desafiadoras no ambiente natural.

4.2.3.3 Ecoturismo

O Ecoturismo pode ser entendido como “segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas”

(BARROS; PENHA, 1994). Essa é a definição adotada por órgãos oficiais brasileiros como MICT – Ministério da Indústria, Comércio e Turismo e MMA – Ministério do Meio Ambiente.

Caracterizado como tranqüilo e brando, esse segmento do turismo é caracterizado pelas viagens individuais ou em pequenos grupos, relacionados com a natureza, e pela acomodação em alojamentos simples que dispõem de serviços personalizados (COSTA, 2002).

Como qualquer segmento do turismo, o Ecoturismo é uma atividade econômica (visa lucro) que exige uma abordagem multidisciplinar, planejamento, ética sócio-ambiental, postura profissional, respeito aos direitos do consumidor, livre concorrência e regras de mercado.

Existem diversas definições de Ecoturismo que convergem para o tripé norteador do segmento, conservação, melhoria da qualidade de vida e interpretação ambiental (IEB, 1995):

- **Conservação** da biodiversidade e da sócio-diversidade que depende da formação da consciência conservacionista do turista e da comunidade local; por isso normas de visitaç o s o necess rias pois conservam o ambiente. Alguns instrumentos da conserva o s o: cria o e implanta o de Unidades de Conserva o, fiscaliza o, puni o dos infratores, Educa o Ambiental, recupera o de  reas degradadas, reprodu o em cativeiro, re-introdu o de esp cies em  reas protegidas.
- **Melhoria da qualidade de vida** com participa o do governo, empres rios, comunidade local e Organiza es N o - Governamentais (ONGs) no processo. Inclui gera o de renda para as comunidades e investimento de parte dos lucros no ambiente e na comunidade com melhoria da sa de, do saneamento b sico, dos meios de comunica o, da infra-estrutura local como rodovias, ruas, estradas, hospitais, restaurantes, etc.
- **E, Interpreta o Ambiental:** olhar e ver, por meio do qual se obt m o efeito de admira o, fasc nio, pois s  preservamos o que amamos, s  amamos o que conhecemos, s  conhecemos o que temos curiosidade para descobrir ou o que nos   apresentado.

Importante salientar que a busca para a prática do verdadeiro ecoturismo, passa pelo conhecimento de quem é atraído por essa atividade, ou seja, do ecoturista. E pelo conhecimento das diferentes estratégias em gestão ecoturística, especificamente o planejamento da gestão do entorno natural, e da educação e interpretação ambiental.

4.3 Turismo enquanto ciência e fenômeno econômico

O fenômeno do turismo tem se firmado como uma área legítima de estudos acadêmicos nos últimos anos, graças aos fantásticos índices de crescimento por ele alcançado (RODRIGUES, 2003). E isto pode ser refletido no número crescente de matérias a respeito do assunto, que aparecem em publicações realizadas em artigos científicos, dissertações, teses e livros.

Como acontece com qualquer tema, seu desenvolvimento intelectual não é medido simplesmente em termos do volume de publicações. O efeito que estas publicações têm sobre o assunto e a busca de novos caminhos de pesquisa é uma maneira de aferir o impacto de tais estudos.

Já em 1981, Fuster (1981), por exemplo, referia-se a um mundo de especialização, no qual a consideração científica de um fenômeno era uma questão de prestígio. O turismo para ele já era um corpo teórico (com ou sem razão), uma categoria de especialização científica; e os estudos sobre turismo constituíam na teoria turística, enquanto a técnica referia-se à sua prática. A teoria do turismo poderia ser considerada científica se fosse algo sistematizado, lógico e válido.

Outro autor que aborda a questão do turismo como objeto de investigação científica é Boullón (2002), cuja postura é contrária à de Fuster. A análise científica do turismo enfrenta, escreve Boullón, uma série de dificuldades, como a ausência de unanimidade nas definições relativas ao setor e às suas formas e à falta de uma linguagem técnica razoavelmente aceita ou de aceitação universal (embora no “**trade**” ou setor de comercialização, isso já ocorra).

Não se pode deixar de concordar com Boullón, mas, por outro lado é preciso lembrar que o estudo sistemático do fenômeno turístico é recente, por isso, nada impede que se caminhe na busca de tal unanimidade.

Já a autora Rodrigues (1996), observa que o turismo apresenta-se como um fenômeno extremamente complexo, que no entender dos pesquisadores mais

renomados deve ser estudado em uma perspectiva transdisciplinar, tanto por influenciar os mais diversificados setores produtivos e ser por eles influenciado, como ainda por não se ter constituído em ramo totalmente autônomo do saber científico.

A este respeito, Andrade (1998) afirmou que “o turismo nasce de um conjunto de natureza heterogênea que impede a constituição de ciência autônoma e de técnicas específicas independentes. Não dispõe de ordenamento disciplinado e rígido, nem de metodologia própria”.

Para esse autor, o turismo deve ser estudado por um complexo teórico-técnico que decorre da colaboração de um significativo número de ciências, cujas bases teórico-metodológicas já estejam mais estruturadas. No entanto, é válido lembrar que toda formação acadêmica ocasiona deformações metodológicas uma vez que a “disciplinarização do saber gera o empobrecimento da apreensão da realidade”, conforme argumentou Rodrigues (1996).

A respeito deste assunto, Beni (2001) advertiu que se nota é que os especialistas do assunto estudam um ou mais componentes em separado tratando-os minuciosamente, mas não se preocupando, quase sempre, em correlacioná-los com os demais, também muito importantes, deixando de mostrar o quadro amplo e total em que surgem, tocam-se, entrelaçam-se e casam-se para produzir o fenômeno global.

Tyler et al. (2001) acrescentam outra informação dizendo que o turismo, como campo de pesquisa acadêmica, começou a ser investigado há pouco tempo. Por isso mesmo, muito do que foi escrito até hoje diz respeito à descrição da demanda e da oferta e a projeções das tendências atuais. Como ocorre com qualquer ramo do conhecimento humano que está em formação, as pesquisas concentram-se, em um primeiro momento, na exploração de estatísticas de demanda e de oferta real (Law, 1993), bem como na natureza das estruturas administrativas e nas estratégias existentes.

Entretanto, para que o campo do turismo possa progredir, a natureza, a economia e os governos urbanos dos quais o turismo participa devem começar a ser investigados. Nota-se a existência de grandes lacunas nos processos que contribuem para o turismo e sua forma de funcionamento em diferentes ambientes, particularmente em áreas urbanas.

Como afirmou Bramwell (1997), a linha condutora das pesquisas e dos estudos sobre turismo é a de que as cidades deveriam determinar suas capacidades de carga antes de comprometerem-se com o desenvolvimento, mesmo se tal limite parecesse estar na contramão das necessidades freqüentes e imediatas de reestruturação econômica e de criação de empregos. Parecia-nos que havia necessidade de explorar os processos políticos e gerenciais encobertos pela questão da capacidade de carga, tais como: Quem decide que tipo de turismo? Quanto de fluxo turístico deve ser permitido? O turismo deve realmente ser desenvolvido? Em caso de resposta afirmativa, de que maneira gerenciar a transformação de uma economia urbana fordista para uma pós-fordista? O desenvolvimento turístico modifica a percepção que as pessoas têm das cidades em que moram? Em que medida o desenvolvimento turístico é uma questão local ou nacional?

O turismo é uma atividade de prestação de serviços, pertencente ao setor terciário, que se diferencia de outras atividades, pois consegue uma interação com os demais setores e no seu desenvolvimento alcança benefícios pertinentes não apenas, ao seu próprio meio, mas também aos setores primário e secundário (FERNANDES; COELHO, 2002).

Segundo Dias (2005), o setor terciário abrange as atividades econômicas relacionadas à prestação de serviços. O setor de serviços representa diversos tipos de empresas, como: bancos, comércio, entretenimento, lazer, transporte, consultorias, assessorias etc.

Como aponta Tyler et al. (2001), há pouco tempo o turismo tornou-se um item importante da agenda econômica de várias autoridades administrativas espalhadas por todo o mundo. Há várias razões para isso, incluindo a necessidade de reacomodar indústrias tradicionais, a pressão sofrida do governo central pelo desenvolvimento econômico, os efeitos de novas formas de governo urbano e o pragmatismo substituindo a ideologia política em nível nacional e local. A cada dia, o turismo emprega mais e mais pessoas, sem dizer, o número crescente de profissionais qualificados para a área. O crescimento do setor turístico traz benefícios para o meio urbano desde que esse turismo seja organizado, planejado e executado de forma arrojada a fim de propor melhores condições aos turistas.

Para Ruschmann (2001), até recentemente, a participação no turismo estava restrita a uma elite que dispunha de tempo e de dinheiro para realizar suas viagens.

Atualmente, a maioria das pessoas dos países desenvolvidos, e um número significativo daqueles dos países em desenvolvimento, têm realizado viagens turísticas uma ou várias vezes ao ano. Assim, temos que concordar que, o turismo já não é uma prerrogativa de alguns cidadãos privilegiados; sua existência é aceita e constitui parte integrante do estilo de vida para um número crescente de pessoas em todo o mundo.

O turismo é uma atividade econômica em crescimento, em todo o mundo, sendo que no Brasil, há décadas, já se preconizava esse crescimento, havendo projeções de que, no terceiro milênio, o turismo seria um dos maiores pólos de desenvolvimento do mundo.

Estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) demonstram que o turismo causa impactos em 52 segmentos da economia, dentre estes se destacam: hospedagem, transportes, alimentação, museus, setores de eventos, entretenimento, artesanato, parques, agências e operadoras, locadoras, fabricação de produtos industriais, agrícolas, têxteis, calçados, energia elétrica, madeireiro, telecomunicações, petróleo, máquinas etc. (DIAS, 2005).

Ademais, tratando-o em termos econômicos, Fernandes e Coelho (2002) adicionam pontos originados pela atividade tais como: as receitas em bilhões de dólares geradas, anualmente, pelo turismo internacional; inúmeros empregos gerados pelo mundo; indução e multiplicação de investimentos; auxílio na diminuição das desigualdades regionais; contribuição no aumento de impostos arrecadados; e a contribuição para o equilíbrio da balança de pagamentos.

Para ilustrar, os números mostram a importância do setor de turismo para a economia. Segundo a OMT (2003), são cerca de 600 milhões de pessoas que se deslocam no ano, no mundo, gerando uma receita superior a US\$ 3,0 trilhões de renda. Sobre esse ponto de vista, Lage e Milone (2000) mostram dados oficiais da World Tourism Organization e do World Travel and Tourism Council (WTTC), relativos ao ano de 1997, que registraram movimento físico real de 600 milhões de deslocamentos mundiais oriundos da atividade turística, correspondendo a US\$ 3,4 trilhões de renda, direta e indireta, demonstrando uma participação acima de 12% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Empregava mais de 240 milhões de pessoas em 1997, demandando diversificada gama de profissões e especialidades necessárias para a produção e para o desenvolvimento econômico global.

A título de comparação do crescimento da atividade turística, o relatório Datos Esenciales del Turismo publicado em 2007 pela Organização Mundial de Turismo (OMT), mostra que em 2006 houve um aumento de 5,4% em relação a 2005 no movimento de turistas internacionais pelo mundo, chegando a 846 milhões de deslocamento, esse crescimento significa aumento e geração de receitas de US\$ 57 bilhões em 2006 em relação ao ano anterior (OMT, 2007).

Números expressivos que, sem dúvida, tornam o turismo, uma das áreas mais promissoras da atualidade. Essa expectativa resulta de dois fatores: o crescimento das oportunidades de trabalho e, principalmente, a exigência de mão-de-obra qualificada.

Todas as iniciativas pelo desenvolvimento econômico através do turismo envolvem o aproveitamento dos recursos naturais e humanos, que necessita de pessoal qualificado e condições técnicas capazes de garantir a preservação da atratividade local. Os atrativos naturais e culturais, por exemplo, só justificam as viagens enquanto são mantidas a originalidade e a qualidade na prestação de serviços.

A atividade turística é uma das mais dinâmicas do mundo; apresenta os maiores índices de crescimento, e está à frente de exportações de petróleo, veículos automotores e equipamentos eletrônicos. De acordo com Ignarra (2001), é importante analisar as principais características desse investimento:

- O seu crescimento em empreendimentos é considerado excelente para o setor econômico;
- Apresenta distribuição de renda mais democrática;
- É a indústria que mais cresce no mundo;
- Incentiva a produção de outros setores;
- Gera milhares de empregos;
- Aumenta as receitas das cidades;
- Melhora a infra-estrutura local;
- Protege e preserva o patrimônio cultural e natural;
- Permite o intercâmbio cultural.

Como atividade econômica, o turismo sofre inovações constantes em face à competitividade e às exigências do fluxo turístico. Com isso, as empresas estão a caminho da especialização, para oferecer produtos segmentados destinados a uma clientela específica. Os turistas tendem cada vez mais a se dividirem por diferentes mercados, o que favorece o rápido crescimento do turismo de interesse especial. A utilização desse amplo conceito permite identificar tanto o turismo entre países como o turismo dentro do próprio país. O turismo engloba as atividades dos visitantes, incluindo os “turistas” (visitantes que pernoitam) e os “excursionistas” (visitantes por um dia) (IGNARRA, 2001).

Assim, com a colaboração dos autores citados, percebe-se a pujante força econômica do turismo e também a busca de uma abordagem de diversas ciências, o que torna o turismo um fenômeno especial de estudo.

4.4 Sociedade e cultura

O processo turístico começa com a busca de recursos, de lugares valorizados, da história ou da cultura dos povos. Dessa forma, o turismo envolve a sociedade, o meio em que vive, afetando sua cultura, ocasionando transformações que acarretam impactos positivos e negativos.

Em rápida passagem, Dias (2005) dita o processo de transformação que o turismo provoca na sociedade: o turista, em seu deslocamento temporário, provoca mudanças culturais e sociais na localidade que escolheu para passar um período limitado de tempo.

Para Cooper et al. (2001), os impactos socioculturais do turismo são manifestados por uma considerável quantidade de aspectos, variando desde as artes e o artesanato até o comportamento de indivíduos ou grupos coletivos.

Os impactos sociais provocados pelo turismo são, segundo Dias (2005): ressentimentos locais resultantes do choque de culturas entre visitantes e residentes; transformações da estrutura do trabalho, que deslocam trabalhadores de atividades tradicionais para destinos turísticos; saturação da infra-estrutura, principalmente as utilizadas pela comunidade local; transformação dos valores e condutas morais, aumento na taxa de marginalidade, prostituição, alcoolismo etc.; modificação nos padrões de consumo dos residentes que passam a imitar o padrão de consumo dos turistas; problemas de saúde causados por epidemias trazidas

pelos turistas ou pelo esgotamento da água potável da localidade; manifestações de etnocentrismo demonstradas quando o turista julga a cultura local como não condizente a sua cultura; excesso de padronização para a segurança do turista, mas que pode acarretar numa perda da identidade local.

Tratando da cultura, Ignarra (2002) lembra que o turismo tem o poderio de promover relações culturais entre turistas e comunidade receptora, bem como transmitir uma cooperação internacional. Por meio do artesanato, folclore, gastronomia típica, arquitetura típica e histórica, uma localidade turística promove canais de atratividade cultural.

Porém, Coriolano (2001) adverte: “A intensa massificação do turismo em um país ou localidade gera influência na cultura, muitas delas decisivas, quando, por exemplo, os visitantes oriundos de centros maiores impõem-se nas maneiras de ser das instituições menos desenvolvidas”.

Dias (2005) mostra três impactos positivos do turismo em questões culturais:

- 1) Estímulo à conservação da herança cultural, pois é atrativo que poderá gerar receitas para a comunidade e para a manutenção do patrimônio cultural;
- 2) Fortalecimento da identidade cultural, o turismo ressalva a chance de muitas culturas marginalizadas pelo processo econômico, demonstrarem características peculiares que valorizem sua identidade;
- 3) Intercâmbio intercultural, que favorece o contato entre culturas diferentes destinando uma forma de conhecimento, compreensão e respeito recíprocos, aceitação da pluralidade cultural, valores, hábitos e costumes diferentes.

Dentre os impactos negativos, Ignarra (2002) descreve alguns: alterações nos processos produtivos do artesanato, devido o aumento da demanda; padronização de artesanato, a crescente demanda influencia que um mesmo artesanato seja produzido em diferentes regiões; modificações nos períodos de manifestações folclóricas para conciliá-los ao maior período de procura dos turistas; adequações na arquitetura tradicional, a fim de satisfazer a demanda turística.

4.5 Meio ambiente

A exploração desenfreada sobre os recursos naturais e os impactos negativos causados ao ambiente natural em função do crescimento econômico decorrentes da Revolução Industrial, despertou nas décadas de 1960 e 1970 a preocupação de cientistas, governantes e representantes de organismos internacionais em relação às limitações da natureza. A partir deste momento, no sentido de solução desses problemas, nascem encontros com a participação de vários organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), Organização Mundial de Saúde (OMS), União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (UICN), segundo Dias (2003 b).

A multiplicação de pesquisas, estudos e publicações sobre os temas ambientais fixaram diversos neologismos, marcando uma área de estudo que, além de interdisciplinar e, portanto muito diversificada, procurava definir balizas para o seu desenvolvimento, com a urgência que a situação parecia exigir.

Agribusiness ou Agriecologia, Área de Proteção Ambiental (APA), Bem Livre, Biomassa, Chuva Ácida, Chuva de Sementes, Desenvolvimento Sustentado ou Ecodesenvolvimento, Fumante Passivo, Povos da Floresta, Reserva Extrativista, Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) e o Estudo de Impacto Ambiental (EIA), dentre outros, são expressões cujo uso se divulgou a partir do movimento em defesa do meio ambiente iniciado nas referidas décadas de 1960 e 1970 e que tomou grande impulso na década de 1980.

Além disso, outras expressões passaram a freqüentar textos jornalísticos, conversas do dia-a-dia, debates de todo tipo e também os meios acadêmicos. Como seria de se esperar, dois grandes grupos de opinião se postaram frente a frente: o das pessoas mais preocupadas com a manutenção de condições ideais para a vida no planeta, que chegam a ser tratados como “catastróficas” ou “ecoxiitas” e o das pessoas acomodadas, descrentes da gravidade do problema.

A preocupação pela preservação do ambiente é muito recente, o que reflete, aliás, o movimento ambientalista nos países centrais, e a própria conscientização da necessidade de preservação do meio ambiente, que data no início da década de 1970, como vimos.

Mas, afinal, o que se entende por meio ambiente, ambiente, ambiental, etc.? Antes de continuarmos a discussão sobre turismo e meio ambiente, passamos a discorrer sobre esse termo, numerosas vezes utilizado nessa revisão.

Sempre que se emprega o vocábulo ambiente, observa-se que há a preocupação de adjetivação: ambiente natural, ambiente social, ambiente transformado, ambiente ocupado. Nesse aspecto, Rodrigues (2000) afirma que ambiente compreende a instância material da sociedade, não importando seu grau de naturalidade ou artificialidade. Ela reforça que, apesar dos diversos conceitos veiculados explícita ou implicitamente, na mídia e nos trabalhos acadêmicos, o vocábulo ambiente tem sido cada vez mais evocado com o significado totalizante, compreendendo a interação das instâncias natural e social materializadas no espaço.

Quando se fala em meio ambiente, sobretudo nos aspectos da questão ambiental, a sociedade tem conhecimento e sabe a importância para a sobrevivência de todos os seres vivos, isso revela que a preocupação com o meio ambiente não deve ser apenas plantar uma árvore, não jogar lixo em ruas ou rios, pois tais atitudes devem ser consideradas acima de tudo obrigações comportamentais de qualquer cidadão educado.

Na definição de meio ambiente, importa não apenas saber que sua constituição é a natureza, porém com todos os seus elementos (rios, vegetação, solos, rochas, ar e animais), mas também por todas as interferências e transformações que se tem provocado no planeta.

Nessa linha, Holder (1991 apud RUSCHMANN, 2001) retrata o meio ambiente como a biosfera, isto é, as rochas, a água e o ar que envolvem a Terra, juntamente com os ecossistemas que eles mantêm. Esses ecossistemas são constituídos de comunidades de indivíduos de diferentes populações (bióticos), que vivem numa área juntamente com seu meio não vivente (abiótico) e se caracterizam por suas inter-relações, sejam elas simples ou mais complexas. Nesta definição, também podem-se citar os recursos construídos pelo homem, tais como casas, sítios arqueológicos e os padrões comportamentais das populações: comida, costumes, modo de vida, que são o que as diferem uma das outras.

É a partir daí que se torna mais fácil compreender a relevância dos cuidados com a preservação de espécies ameaçadas de extinção, ou mesmo da diminuição dos índices de poluição da água ou ar, da melhoria de condições do trânsito,

habitação, e conseqüentemente das relações sociais. Portanto, a conceituação hoje é bem mais ampla, tendo em vista justamente a atual necessidade de se acompanhar o progresso, sem que com isso se tenha que obrigatoriamente abrir mão de um ambiente sadio e equilibrado. Ainda que existam diversas conceituações para o termo meio ambiente, muitos ainda se confundem com o conceito de natureza.

Tratando dessa visualização do tema meio ambiente, Milaré (1988 apud PINTO, 2001) declara que a noção de meio ambiente é vista sob a ótica de duas perspectivas, uma estreita e outra ampla.

Segundo a visão estreita, por si só conservadora e integralmente ultrapassada, por meio ambiente devia-se entender a mera apresentação jurídica dos recursos naturais e de suas relações com o ser vivo (GRAU, 1994 apud PINTO, 2001).

É claro que tal noção do tema, por sua singeleza e imprecisão técnica, não satisfaz, nem atende à grandeza do tema. Tal concepção, fora das necessidades da atualidade, serviu para evidenciar a necessidade prática de aprimoramento doutrinário, resultado obtido quando da formulação de uma concepção moderna, de boa técnica, especialmente por identificar no conceito de meio ambiente algo que vai além da ecologia, abrangendo não apenas o “natural”, mas, igualmente e com ênfase, o “artificial”, decorrente das atitudes humanas (MILARÉ, 1987 apud PINTO, 2001).

A visão ampla e atual de meio ambiente, cogita sob a ótica moderna, de meio ambiente natural, integrado por solo, água, ar, fauna e flora, e de meio ambiente artificial ou humano, constituído por sítios, edificações e equipamentos produzidos pelo homem, derivados em assentamentos urbanísticos, assim como por valores históricos e culturais (CUSTÓDIO, 1983 apud PINTO, 2001).

Toda atividade humana produz impactos sobre o meio ambiente e os recursos naturais. Isto se verifica na produção agrícola e industrial, no planejamento da infraestrutura de transportes e energia, no abastecimento de água e esgotos, na organização das cidades ou mesmo no aproveitamento da paisagem natural pra recreação e lazer, relata Moura (2003).

Impacto ambiental, segundo a Resolução nº 001/86 do Conselho Nacional do Meio Ambiente (BRASIL – CONAMA, 1986), é toda alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente causadas por qualquer forma de

matéria ou energia resultante das atividades humanas que, direta ou indiretamente afetam:

- a) a saúde;
- b) a segurança, o bem-estar da população e a qualidade do meio ambiente;
- c) as atividades sociais e econômicas;
- d) a biota;
- e) as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
- f) a qualidade dos recursos ambientais.

Para a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente do Rio de Janeiro (FEEMA), impacto ambiental é qualquer alteração significativa no meio, em um ou mais componentes, provocadas por uma ação humana (FERREIRA et al., 2004).

No entendimento de Mota (2003 apud Ferreira et al., op. cit.) impacto ambiental é a cadeia de efeitos que se produzem no meio natural e social (antrópico) como resultado de uma determinada ação.

Nota-se que os conceitos têm em comum a compreensão de que impacto ambiental vai sempre envolver uma alteração no meio, resultante de uma ação antrópica. Essa alteração pode, em maior ou menor número, afetar a segurança e a saúde da população, pôr em risco a existência das espécies animais e vegetais e comprometer a qualidade dos recursos naturais (FERREIRA et al., op. cit.).

Diante do amplo conceito sobre meio ambiente e o inevitável impacto causado pela ação do homem, pode-se imaginar a amplitude da pesquisa envolvida a respeito do tema e suas possíveis relações, como com o turismo, despertando assim a multidisciplinaridade e interdisciplinaridade acerca da área turismo e meio ambiente relatada a seguir.

4.5.1 As interdependências do turismo com o meio ambiente

O turismo e o meio ambiente se inter-relacionam de maneira incontentável, já que o meio ambiente constitui a “matéria-prima” da atividade turística. Como ressalta Dias (2005), o turismo encontra na natureza uma aliada, dependendo do meio ambiente natural para desenvolver. O clima interfere diretamente na escolha dos

destinos, locais com praias trabalham com o turismo de sol e praia, por outro lado, as regiões montanhosas, visam temperaturas mais frias.

A deterioração dos ambientes urbanos pela poluição sonora, visual e atmosférica, a violência, os congestionamentos e as doenças provocadas pelo desgaste psicofísico das pessoas são as principais causas das fugas das cidades. Respirar o ar puro, uma alimentação mais saudável, enfim a busca pelo contato direto com a natureza em finais de semana e férias, são cada vez mais freqüentes.

O turista em busca por paisagens nativas e naturais, é conduzido a ambientes diferentes do seu hábitat normal. No entanto, alguns fenômenos da natureza como as chuvas, ventos fortes, temporais, furacões, terremotos, ciclones, nevascas, maremotos etc, afastam o turismo (DIAS, 2005).

As regiões costeiras, os campos, as montanhas, os lagos e rios, juntamente com o clima, constituem recursos naturais para a realização da experiência turística e existem independentemente da presença de visitantes, mas poderão ter a sua disponibilidade e suas características afetadas por eles (BUKART; MEDLIK, 1986).

Por certo, é uma das questões mais preocupantes para o turismo, mas os efeitos causados pela atividade só começaram a ser analisados recentemente, graças ao aumento da preocupação ambiental no mundo. Porém, deve-se ter um olhar constante sobre essa questão, pois, segundo Dias (2003 b), o desgaste ambiental reflete em grande escala sobre o turismo, pois afeta seu desenvolvimento e, posteriormente das gerações futuras.

4.5.1.1 Impactos ambientais do turismo

Na década de 1970, devido ao crescimento do turismo de massa, intensificaram-se os estudos sobre os impactos do turismo. Desde então, houve um avanço na análise sobre o assunto. Daí surge uma seleção de impactos ambientais expostos por Dias (2005): aumento da poluição; impactos físicos do desenvolvimento turístico; impactos físicos das atividades turísticas; perda da biodiversidade; diminuição da camada de ozônio.

Portanto, o turismo como importante fenômeno global, é grande consumidor do meio ambiente natural, por ser este um dos principais “produtos” turísticos. Tanto no turismo de massa como no turismo alternativo o meio ambiente faz parte da atividade, assim o turismo de massa, que é uma grande quantidade de pessoas em

uma localidade turística, mostra-se mais danoso ao ambiente do que o turismo alternativo, onde os atrativos são visitados por poucas pessoas e existe um limite na quantidade de turistas.

Diferente de um bem de consumo que é obtido e levado para o seu consumo em seu local de origem ou residência, a atividade turística tem uma especialidade onde o turista consome o atrativo e retorna para o seu local de origem, ou seja, desloca-se ao local onde vivencia. Assim, o turista, apenas, anda por um local turístico ou atrativo turístico e, desse modo, talvez não tenha compromisso com as conseqüências de suas visitas, principalmente pelo não comprometimento dos efeitos muitas vezes maléficos para o meio ambiente.

Nesse contexto, Queiroz (2006) afirma que o turismo destaca-se como uma atividade “que tanto pode gerar riquezas, valorizar espaços, promover novas relações entre os povos e culturas como, simultaneamente, tornar-se predador cultural, degradador ecológico e explorador econômico”.

Os impactos do turismo referem-se às modificações provocadas pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras. A intensidade dos impactos, tanto positivos quanto negativos, do desenvolvimento turístico sobre o patrimônio natural, pode apresentar-se em diferentes níveis. Em alguns casos, os impactos não são relevantes e, em outros, comprometem as condições de vida ou a atratividade das localidades turísticas e do meio ambiente. Como o meio ambiente constitui um elemento fundamental do turismo, sua manutenção é essencial para a evolução sustentável da atividade (RUSCHMANN, 2001).

Foi com base nesta realidade, que se estruturou um discurso consensual sobre o turismo como depredador do ambiente, em contrapartida, há uma corrente que vê no turismo uma forma de salvaguarda do ambiente. Entre essas duas posições extremas há que deixar de lado os radicalismos no sentido de buscar uma compreensão do fenômeno do turismo em diversas escalas geográficas e em territórios precisos, com mais embasamento científico, deixando de idéias preconcebidas.

Nos destinos turísticos cujos principais atrativos são constituídos pelo patrimônio natural, Rodrigues (2000) diz que hoje, dá-se uma intensificação da freqüência em grande parte sustentada pela atratividade do ambiente natural, supostamente saudável, contraposto ao ambiente urbano, supostamente deteriorado.

Os impactos provocados pela atividade turística no meio ambiente, sem dúvida, ocorrem desde o seu começo. Atualmente, porém, há uma maior preocupação na preservação do meio ambiente em comparação a décadas passadas.

A partir da década de 1950 até a década de 1990, como mostra Hudmann (1991), a relação do meio ambiente com o turismo tem evoluído e sofrido modificações. O governo e a opinião pública em geral adquiriram uma conscientização maior da fundamental importância para o desenvolvimento do turismo a proteção do meio ambiente. Na década de 1950, no início da chegada da atividade turística, o que importava era usufruir dos atrativos e belezas naturais, assim nessa década, quando ocorreu a exploração desse setor, não havia a preocupação com o meio ambiente.

Nas décadas seguintes 1960, 1970 e 1980 a exploração do meio natural e a atividade turística continuaram a crescer, acarretando malefícios ao meio ambiente, o esgotamento de recursos naturais, a poluição do mesmo, etc. Em resposta à degradação ocorrida no meio ambiente em função do desenvolvimento da atividade turística, surgiram nos anos 1990, os segmentos mais suaves, Ecoturismo, Turismo Rural, Turismo de Aventura com o propósito de apoiar-se no desenvolvimento sustentável do setor.

Percebe-se que na década de 1980, quando ocorreu o crescimento rápido do setor turístico, os impactos do turismo sobre o meio ambiente passaram a ser pesquisado em profundidade. Portanto, toda essa discussão é relativamente recente; nesse panorama, Lage e Milone (2000) chegam a afirmar que o impacto do turismo sobre o meio ambiente foi identificado, mas as ações não foram imediatas. Assim, mesmo evoluindo em conhecimento, este ficou aquém da necessidade.

O debate de assuntos relacionados ao turismo e sua relação com o ambiente natural mais especificamente com o ecoturismo, provocou uma considerável conscientização sobre os problemas ambientais, com importante papel cumprido por órgãos de comunicação social, que chegam a reservar grandes espaços e tempos para notícias, entrevistas, mesas-redondas e semelhantes. O assunto integrou também campanhas políticas de candidatos a cargos da administração pública, em todos os níveis. Resultados começaram a surgir: projetos de recuperação de rios, como Tietê em São Paulo; providências para se fazer as demarcações de áreas indígenas; regularizar a mineração; prisão de coureiros de jacaré no Pantanal;

criação de vários parques ambientais, estações ecológicas; recuperação de coberturas vegetais, entre outros.

Na realidade, falta experiência, faltam pesquisas, falta até a suficiente compreensão e a necessária conscientização a respeito da problemática ambiental. Falta a compreensão básica de que a ecologia constitui um ângulo de 360 graus, abrangendo não apenas o superficial de plantas, animais, poluição, o lixo que pode ser reciclado, os ruídos urbanos que contribuem para as tensões no trabalhador, não apenas a necessidade de ampliar redes de abastecimento de água e de coleta de esgoto, mas também o tratamento adequado desse esgoto, abrangendo ainda o direito humano a dispor de moradia decente porque isso está ligado à qualidade de vida – um dos objetivos finais da ecologia humana – o direito de minorias populacionais poderem dispor de suas terras e poderem manter sua cultura, e assim por diante.

Uma colocação que assume ares antológicos, a respeito, é a de Eugene¹⁰ (1980), relatando a situação vivida por pequenos núcleos receptores europeus frente à “invasão” de turistas: numa primeira fase, o turismo serve para revelar os recursos naturais, valorizando os atrativos baseados em patrimônio natural; numa segunda fase, com o aumento do número de visitantes a ponto de caracterizar o turismo em massa, verifica-se uma forte interferência no núcleo receptor, com degradação no meio ambiente natural e artificial – é quando se justifica a frase “o turismo destrói o turismo”, em vista de exageros – e que se recomenda evitar; a terceira fase é a da reparação, mediante regulamento, obras de reposição e semelhantes, se bem que há certas perdas irreparáveis; e finalmente, a quarta fase é a da reconciliação, marcada pela prevenção atrasada: estudos, pesquisas, projetos dimensionados adequadamente para cada caso, inventário de recursos para se poder dispor de dados básicos destinados a orientar projetos turísticos incluindo-se a partir de então a variável meio ambiente em qualquer plano do setor. Nesta quarta e última fase, o turismo pode passar a ser um fator de preservação de recursos naturais e culturais, em vez de fator prejudicial a eles.

O assunto, afinal, apresenta grande obviedade. O importante é que uma política de turismo, que empresas particulares do setor, que o elemento humano

¹⁰ Pierre Eugene: respeitado antropólogo francês autor do livro: “Le Tourisme – Destructeur ou Protecteur de L’environnement?” (O Turismo - Destruidor ou Protetor do Ambiente?), editado pela **Espaces**, na França em 1980.

engajado profissionalmente em turismo a lazer, tenham estabelecido o pré-requisito da necessidade de se dispensar a devida atenção à preservação ativa de bens da natureza e de bens culturais, quando da execução de projetos e da sua realização. Agindo dessa maneira, estará se evitando acentuar a imagem negativa do turismo, como fator poluente e destruidor.

Pensando assim, as empresas responsáveis e preocupadas com o desenvolvimento sustentado estão demonstrando que o respeito ao meio ambiente pode ser uma oportunidade (LAMPRECH; RICCI, 1997), portanto, é possível o crescimento das atividades dentro do setor turístico e o respeito, conservação e proteção do meio ambiente. Nesse sentido, estes interesses não são antagônicos, eles podem coexistir, conforme acentua Ruschmann (2001), o meio ambiente é a base econômica da atividade turística e apresenta oportunidades e limitações. O caráter finito da qualidade dos recursos em ambientes naturais e os custos e benefícios do desenvolvimento turístico para as populações e seus meios trazem à tona uma série de conflitos que necessitam ser resolvido.

Reforçando esse aspecto, a proteção do meio ambiente, mediante a conservação dos recursos naturais, traz grande vantagem para os que dependem do turismo como, por exemplo, a maior satisfação dos consumidores, maiores oportunidades de investimentos futuros, um estímulo para o desenvolvimento econômico e melhoria no bem-estar da comunidade receptora.

E mais, o turismo feito de forma responsável contribui na manutenção das paisagens e da biodiversidade de áreas prioritárias para conservação. Conforme Salvati (2003) cita alguns benefícios que o turismo pode promover ao meio ambiente como: incentivo à preservação dos recursos naturais; estímulo à revitalização e embelezamento paisagístico do local; sustentabilidade de áreas protegidas e sensibilização para a conservação da natureza.

Em respaldo, o *World Wide Fund for Nature* (WWF-BRASIL), alerta que o turismo deve arcar com responsabilidade sobre os impactos causados no meio ambiente natural e nas populações, buscando alternativas para reduzi-los. A atratividade dos recursos naturais não pode ser a causa da degradação. Daí a necessidade de um planejamento, a fim de conter os impactos negativos da atividade (WWF, 2003).

O turismo não se inclui entre os maiores agentes de poluição ambiental; perde “longe” para a indústria, os veículos automotivos que usam gasolina e óleo

diesel, as grandes quantidades de lixo doméstico e industrial, etc. O macro-problema mundial sinaliza a necessidade de se mudar o modelo de desenvolvimento, esgotado em vista da degradação do meio ambiente, tanto em nível local, nacional como mundial; aspira-se por *tecnologias limpas*. A defesa por uma qualidade de vida e o sentido político que a tecnologia adquire, vem de encontro à responsabilidade social de órgãos governamentais e de empresas particulares do setor, que devem incluir no trivial de seus objetivos a melhoria da qualidade de vida das populações de núcleos receptores, ao mesmo tempo em que a melhoria da qualidade de serviços para seus clientes, beneficiando-se assim, os próprios turistas.

De modo muito semelhante às colocações que procuram conciliar patrimônio natural e turismo, há diversas outras concernentes ao binômio patrimonial e turismo. Antropólogos, arquitetos, artistas, estudantes se engajam freqüentemente em campanhas pela preservação deste ou daquele bem cultural. De fato, a preservação ativa, a partir do restauro e reciclagem, constitui comprovadamente a melhor solução para conjuntos e para casos isolados de patrimônio arquitetônico. As grandes cidades hoje vivem um dilema: a população sente atração pelo novo, pelo moderno. Assim, muitas delas perdem a oportunidade em manter seu tríplice aspecto arquitetônico original, ou seja, de época.

Ora, em vista do exposto, parece não restarem dúvidas sobre a evidência do interesse que patrimônio natural e patrimônio cultural oferecem não somente ao turismo, mas e em primeiro lugar para as próprias coletividades. No entanto, há circunstâncias outras que explicam a perda de bens patrimoniais. Além do que já foi apontado, temos de ressaltar a falta de educação ambiental e a falta de conscientização a respeito da memória nacional, tanto na população quanto entre autoridades públicas. Para estas, especialmente, será necessário esclarecer a respeito de noções como ecodesenvolvimento ou desenvolvimento sustentável, vantagens políticas advindas da aprovação e do cumprimento de legislação que preserve o meio ambiente natural e o artificial, vantagens políticas e econômicas advindas do incentivo à produção cultural em nível municipal.

Desse modo, estaremos priorizando atividades de turismo e lazer em âmbito interno, antes de pensarmos em lucros trazidos pelo turista estrangeiro.

4.6 Desenvolvimento Sustentável

O desenvolvimento sustentável tem sido apontado como a solução para os problemas ambientais do mundo. Seguindo essa linha de pensamento, as orientações globais a respeito das atividades econômicas, desenvolvidas com o intuito de satisfazer as necessidades e desejos humanos, estão fazendo com que os governos busquem alternativas para a promoção de um desenvolvimento que atenda aos anseios da sociedade atual visando, também, a manutenção dos recursos naturais disponíveis, para as gerações futuras.

Criada pela Organização das Nações Unidas - ONU, em 1983, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD, 1991), também conhecida como Comissão Brundtland, elaborou o Relatório Nosso Futuro Comum, também chamado de Relatório Brundtland, com o objetivo de analisar o meio ambiente inter-relacionado com o desenvolvimento e de sugerir ações.

Essa Comissão define o desenvolvimento sustentável como aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade das gerações futuras de atenderem as suas próprias necessidades, situando como fator condicionante para o desenvolvimento sustentável ocorrer, o atendimento às necessidades básicas de todas as pessoas, e oportunidades para a concretização de aspirações a uma vida melhor.

O conceito acima pressupõe que, mesmo com o crescimento econômico, os recursos naturais precisam ser assegurados por meio do uso racional.

Nessa linha, Sachs (1994) acrescenta que o crescimento não pode ser apenas quantitativo, devido à quantidade finita dos recursos naturais. Conclui-se que os posicionamentos chamam para a necessidade de não se colocar em risco os ecossistemas, explorando de forma racional os recursos naturais, pois são finitos como se sabe.

Para isso, o desenvolvimento sustentável deve levar em consideração o ser humano (entendido como o agente causador e mediador das relações ambientais), que tem objetivos sociais e econômicos, mas que precisa também fazer valer os seus objetivos ambientais, como ter o direito a um ambiente ecologicamente saudável, onde a vitalidade e a diversidade do planeta sejam preservadas.

Portanto, o desenvolvimento sustentável deve buscar uma forma de compatibilizar tais objetivos, de modo que nenhum deles prejudique um ao outro.

Dessa forma o desenvolvimento sustentável pode ser esquematizado a seguir (Figura 2):

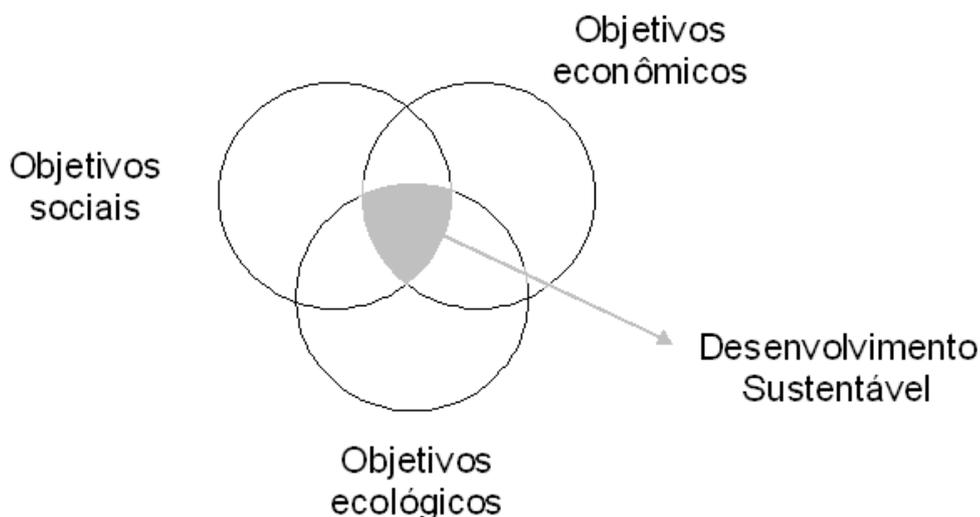


Figura 2 - Diagrama do desenvolvimento sustentável
Fonte: Sadler; Jacobs (1990).

Podem ser observados três tipos de objetivos na Figura 2: objetivos ecológicos, sociais e econômicos, que quando atingidos, se entrelaçam numa intersecção, a qual representa o desenvolvimento sustentável.

O objetivo ecológico é a garantia que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção dos processos ecológicos essenciais e da biodiversidade. O social garante o controle das pessoas sobre suas próprias vidas para que o desenvolvimento seja compatível com a cultura e os valores das pessoas afetadas, e seja um instrumento de fortalecimento da identidade da comunidade, sobretudo da equidade social. Finalizando, o objetivo econômico garante que o desenvolvimento seja economicamente eficiente e que os recursos sejam administrados de modo que se conservem para as gerações futuras (SILVEIRA, 1997).

Ainda que a Figura 2 coloque os objetivos do desenvolvimento sustentável de uma forma igualitária, talvez pela própria definição inserida no capitalismo (que tem fins econômicos) pode-se afirmar que existem contradições envolvendo o termo, o que será discutido adiante.

Jara (1998) afirma que desenvolvimento sustentável tem dimensões ambientais, econômicas, sociais, políticas e culturais, o que traduz várias

preocupações com o presente e o futuro das pessoas; com a produção e o consumo de bens e serviços; com as necessidades básicas de subsistência; com os recursos naturais e o equilíbrio ecossistêmico; com as práticas decisórias e a distribuição do poder e com os valores pessoais e a cultura. Assim, o conceito é abrangente e integral e, necessariamente, distinto, quando aplicado às diversas formações sociais e realidades históricas.

A origem do conceito de desenvolvimento sustentável está na visão de sustentabilidade. Em sua conotação ecológica, a sustentabilidade é um modelo que tem como conseqüência a preservação do equilíbrio entre o que é retirado do sistema, e a capacidade deste sistema em recuperar o que foi retirado (JARA, op. cit.).

Nas organizações, tal modelo traz a consciência de utilizar a menor quantidade possível de recursos naturais e também na reutilização máxima dos recursos por meio da reciclagem, reaproveitamento, reuso, etc.

Para Silva (2003), a sustentabilidade pode ser uma utopia; porém, as utopias são necessárias para que a humanidade avance em seu caminho. Ela não consiste na mera relação entre recursos disponíveis e seus usos chamados racionais. Trata-se de considerar que a economia leve em conta a ecologia porque, em última análise, não se trata de produzir e acumular riquezas descartáveis, mas, acima de tudo, o objetivo é atender às necessidades dos sistemas vivos, entre os quais se inclui a espécie humana, com perspectivas de sobrevivência e bem-estar de toda a Terra.

A construção da sustentabilidade se dá por meio das relações horizontais entre os cidadãos, convergentes no mesmo objetivo e animados por uma espécie de mística que transcende o imediatismo. Essas relações horizontais devem substituir, gradativamente, as relações verticais com a autoridade e o poder público, dado que as comunidades são as primeiras interessadas e responsáveis pelo seu próprio destino (SILVA, op. cit.).

A sustentabilidade deve ser entendida pela utilização de forma produtiva dos recursos, dentro da capacidade de manutenção e conservação, e não pelo engessamento do sistema e não participação no processo de crescimento e transformação dos recursos naturais existentes. Dessa forma, sem ultrapassar a capacidade de sustentação dos sistemas, ela pode ser alcançada num esforço para manter o desenvolvimento.

Pensando assim, Acerenza (2002) diz que “a sustentabilidade reconhece a mudança como força para manter a viabilidade dos processos biológicos e sociais”. Com o intuito de tornar a sustentabilidade operacional, nove princípios são designados pelo autor e apresentados a seguir em ordem de poder hierárquico:

- 1) Respeitar e cuidar da comunidade dos seres vivos;
- 2) Melhorar a qualidade da vida humana;
- 3) Conservar a vitalidade e a diversidade da Terra;
- 4) Reduzir ao mínimo o esgotamento dos recursos não renováveis;
- 5) Manter-se dentro da capacidade de sustentação da Terra;
- 6) Modificar as atitudes e as práticas pessoais;
- 7) Facultar às comunidades o cuidado de seu próprio meio ambiente;
- 8) Proporcionar um quadro nacional para a integração do desenvolvimento e da conservação;
- 9) Forjar uma aliança mundial.

Sachs (2002) relata que o desenvolvimento sustentável não é compatível com o jogo sem limitações das forças do mercado, porém é fato a necessidade de um acordo viável entre economia e ecologia.

Assim, realizar o desenvolvimento de modo sustentável significa dar um novo rumo para as atividades, e está subentendida a percepção de que os recursos encontrados na natureza devem ser utilizados de forma racional, sem desperdícios. O grande desafio para as empresas conseguirem colaborar com a proteção do meio ambiente é reorganizar suas estruturas de produção ou serviço que devem beneficiar a racionalização do uso dos recursos ambientais. Portanto, não é, obrigatoriamente, antagônico a proteção do meio ambiente e o crescimento das empresas e da economia global.

Neste sentido, Sachs (2002), estabelece dimensões para o desenvolvimento sustentável, chamado por ele de ecodesenvolvimento. Social, econômica, ecológica, espacial, e cultural são as dimensões colocadas por ele.

Social: compreendem a distribuição de renda, emprego pleno e acesso aos recursos sociais, contribuindo para construção de uma sociedade mais justa e sem desigualdades (homogeneidade social);

Econômica: desenvolvimento econômico intersetorial e equilibrado atingido com a administração eficiente dos recursos, modernização dos instrumentos de produção, autonomia na pesquisa científica e tecnológica, por meio do fluxo constante de investimentos tanto público quanto privado, segurança alimentar, e inserção soberana na economia internacional;

Ecológica: respeito à capacidade de autodepuração dos ecossistemas naturais, podendo ser alcançada pelas ações de aumento da capacidade de utilização dos recursos, redução da geração de resíduos e da poluição, pela proteção de recursos, da reciclagem e redução do consumo de água e energia;

Territorial: melhoria do ambiente urbano: obtenção de uma configuração rural-urbana mais equilibrada e uma melhor distribuição territorial: redução da população nas áreas metropolitanas, descentralizando a industrialização e incentivo à agricultura nas pequenas propriedades e estratégias de desenvolvimento ambiental para áreas ecológicas;

Cultura: processos que busquem a continuidade das tradições, resgate dos saberes e práticas de manobra do meio ambiente, crenças, significados e valores que grupos sociais apresentam, não permitindo um determinismo materialista limitado ao valor de uso e ao valor de troca.

O turismo envolve e deve buscar em seu desenvolvimento todas essas dimensões da sustentabilidade, assim seus efeitos demandam urgência e seriedade científica nas pesquisas, particularmente nos países como o Brasil, localizado na zona intertropical do planeta e de economia periférica, com praias paradisíacas e reservas naturais reconhecidas como patrimônio mundial. Importante são os estudos visando a avaliação da dimensão econômica do turismo, tendo em vista sua importância no desenvolvimento, voltado para melhoria da qualidade de vida da população dos lugares e regiões onde novos projetos se encontram em fase de implantação, ou em áreas que já sofreram degradações por conta do uso indiscriminado e necessitam de estratégias urgentes para atenuação dos impactos.

4.6.1 Desenvolvimento sustentável: um contra-senso?

O desenvolvimento sustentável visa a manutenção dos meios social e natural. Porém, a finalidade do desenvolvimento sustentável embora não seja assumidamente econômica, propõe a preservação da natureza, não por respeito a esta como parte do todo, mas sim para que as futuras gerações tenham o que explorar também.

Em virtude da própria definição de desenvolvimento (dentro do modelo capitalista onde está contextualizado), que tem como fator de avaliação o desempenho econômico, vem o seguinte questionamento: será mesmo possível o desenvolvimento sustentável?

Sabe-se que o desenvolvimento remete à idéia de lucro (é de cunho predominantemente econômico) e que a sustentabilidade remete a todo um conjunto de ações que pretendem tanto a manutenção quanto a inter-relação igualitária de todo o meio ambiente - ou seja, um desenvolvimento econômico que não prejudique a natureza, que não exclua uma parcela da população - o que parece acontecer é o contrário. Quando há desenvolvimento, ele está demasiadamente relacionado com o modelo capitalista e no turismo só tem chances de usufruí-lo uma elite que viaja. Os deslocamentos contribuem para a saturação do meio natural para onde se destinam.

Segundo Lemos (2001), as comunidades nativas conhecem muito bem as características ecológicas do meio natural e seu limite de saturação. Sua participação ativa pode dar os parâmetros da sustentabilidade da atividade turística. Só assim, elas, e igualmente as gerações futuras, poderão ser beneficiárias desse desenvolvimento. Até aqui os povos nativos têm sido descartados desse processo, aumentando cada vez mais os índices de pobreza e marginalidade, sobretudo na faixa tropical do planeta, onde a riqueza e diversidade de atrativos é extraordinária.

Dentro dos moldes atuais, tendo em vista o que se entende por desenvolvimento e sustentabilidade e suas propostas, o desenvolvimento sustentável não é um contra-senso?

Para ocorrer um real desenvolvimento sustentável, para que a expressão faça sentido e não seja contraditória, há no mínimo que se mudar o conceito de desenvolvimento. Possivelmente adquirindo-se uma visão mais global onde seja privilegiado o desenvolvimento qualitativo do conhecimento das pessoas enquanto seres humanos, aumentando seu nível cultural através de uma educação de

qualidade (papel esse que deve ser cumprido especialmente pelos governos) e suas inter-relações e seu modo de ver e interagir com a natureza, criando-se por ela um sentimento de respeito e carinho. Naturalmente não é preciso relegar a economia ao esquecimento, de forma alguma. Ela é um fator que deve ser levado em consideração, mas não como único.

O desenvolvimento sustentável dentro da atividade turística só ocorrerá se os elementos ambientais forem considerados em seus três aspectos: através do conhecimento e respeito do meio natural, através da participação ativa das populações nativas tanto no planejamento como na implantação da atividade, e também através da abertura da possibilidade de um maior desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos, a partir de suas viagens (LEMOS, 2001).

Deve haver, portanto, uma revisão dos valores da sociedade como um todo, por meio da adoção de uma nova maneira de enxergarmos o meio ambiente, em especial a natureza, e um novo modo de nos relacionarmos com as outras pessoas com a criação de hábitos que levem a isso.

Cabe, agora, mostrar a relevância da atividade turística para a economia nacional, mas não deixando de lembrar que, justamente por ser algo tão importante, não se deve esquecer que, para ser bem sucedida, deve ser tratada de modo sério, respeitando a capacidade de suporte do meio ambiente, bem como não perdendo de vista que este só perdurará com a conscientização acerca do caráter predatório do turismo, que deve ser mudado, assim como a visão utilitarista da natureza que o acompanha.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na presente pesquisa buscou-se atender aos objetivos em duas etapas. A primeira foi caracterizada pela pesquisa bibliográfica, com o levantamento, estudo e análise da literatura sobre o assunto.

A segunda etapa consistiu no levantamento de dados para a exploração e a descrição dos trabalhos científicos existentes sobre a área de turismo e meio ambiente.

Neste trabalho foi adotada a combinação de pesquisa quantitativa e qualitativa, pois o objetivo foi conhecer não somente quantas teses trataram do tema turismo e meio ambiente, mas também como elas estão estruturadas sob aspectos temáticos e metodológicos.

Segundo Oliveira (2002), o método quantitativo é empregado no desenvolvimento das pesquisas de âmbito social, econômico, de comunicação, mercadológicas, de opinião, de administração, representando uma forma de garantir a precisão dos resultados, e evitando com isso distorções de análise e interpretação.

A pesquisa qualitativa é necessária quando o trabalho exige um maior aprofundamento no assunto. Oliveira (op. cit.) diz que as pesquisas qualitativas possuem o poder de descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo.

As teses de doutorado foram definidas como amostra para esta pesquisa, pois seus conteúdos implicam em uma seqüência lógica de passos e etapas metodológicas definidas, devendo refletir o estágio atual do conhecimento científico. As amostras representam uma porção selecionada do universo que depende do assunto a ser investigado e é obtida por uma técnica específica de amostragem (OLIVEIRA, op. cit.).

Definidos o tipo de pesquisa e amostra, foram realizadas visitas à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em Brasília – DF, onde existe um departamento responsável pelo portal CAPES disponível em < <http://www.capes.gov.br/> >, que reúne informações para o pós-graduando de cursos recomendados, bolsas para pesquisa e publicações científicas encontradas em periódicos, revistas e banco de teses.

O banco de teses foi a ferramenta indicada para a coleta dos dados no portal CAPES e junto à Coordenação de Acesso à Informação Científica e Tecnológica, responsável pela alimentação do portal bem como divulgação das publicações científicas, foram repassados os caminhos para a busca das teses em meio digital.

O passo seguinte foi definir os parâmetros para selecionar as teses e assim chegar àquelas que tratam do tema turismo e meio ambiente. Assim, foi selecionada uma amostra intencional, conforme os seguintes critérios:

- Teses defendidas em Instituições de Ensino Superior no Brasil até 2006, nas quais o turismo e meio ambiente é o tema principal ou se manifesta de forma explícita no resumo das mesmas.

- Nos programas de doutorado com os quais as teses estão vinculadas, realizou-se a identificação e seleção dos trabalhos entre 1987 e 2006, a partir do banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) disponível em < <http://servicos.capes.gov.br/capesdw/> >, utilizando para a busca as seguintes palavras-chave: turismo e meio ambiente, turismo e ambiente, turismo ambiental, turismo sustentável, turismo de aventura, turismo e educação ambiental e ecoturismo (ANEXO A). As palavras-chave utilizadas são entendidas pelo pesquisador como expressões que estão correlacionadas ao tema turismo e meio ambiente.

Para análise mais detalhada dos temas, autores e procedimentos metodológicos, fez-se necessário a busca pelas teses na íntegra utilizando outras fontes de busca como:

- Banco de teses do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) disponível em < <http://www.ibict.br/> >;

- Consultas a bancos de dados da produção científica: Dedalus - Banco de Dados da Universidade de São Paulo disponível em < <http://www.usp.br/sibi> >;

- Consultas aos sites das Universidades;

- Consultas a bibliografias relacionadas e catálogos de teses;

- Pesquisas nos acervos de bibliotecas de instituições de ensino superior;

Destaca-se que das 63 teses identificadas, 13 trabalhos na íntegra não estão disponíveis para consulta nos meios descritos neste procedimento metodológico.

Salienta-se que nem todas as teses identificadas foram "selecionadas" para a composição do panorama da pesquisa científica de temas e autores de turismo e meio ambiente no Brasil, pois alguns trabalhos, mesmo apresentando as palavras-chave utilizadas para busca no portal da CAPES no título e/ou no resumo, não expressam o conceito adotado no âmbito desta pesquisa.

Adjacente à identificação e seleção das teses, os seguintes dados foram registrados em uma Ficha Catalográfica adaptada do modelo estabelecido por Rejowski (1993), que se encontra no ANEXO B.

Os dados assim coletados foram catalogados formando uma base de dados. O software utilizado foi o Access (Licença UNIARA).

A base está organizada desta forma:

- Caracterização geral (aspectos externos, independentes de conteúdo): ano, IES (Instituição de Ensino Superior), cidade, UF (Unidade da Federação), região brasileira, programa de pós-graduação, área de concentração na CAPES e órgão financiador;
- Análise disciplinar: área do conhecimento (estudo);
- Análise temática: assuntos classificados, palavras-chave e tema de estudo;
- Análise dos autores: perfil, período de graduação, curso de graduação, orientador, banca examinadora e referências bibliográficas;
- Análise preliminar dos procedimentos metodológicos: aspectos quantitativo e qualitativo.

Para análise dos autores mais citados nas referências bibliográficas foi realizado levantamento quantitativo de nomes.

As tabelas, gráficos e figuras foram construídas no software Excel (Licença UNIARA).

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Caracterização Geral

O inventário dos temas e autores na área de turismo e meio ambiente está baseada em 63 teses de doutorado, disponíveis no banco de teses da CAPES, o período analisado, conforme detalhado no procedimento metodológico foi de 1987 a 2006. Entretanto, a produção científica acerca do tema em discussão iniciou-se no ano de 1993 com uma tese de doutorado do autor Armando Garms, defendida na Universidade de São Paulo (USP) no programa de pós-graduação em Geografia Humana (Tabela 1).

Tabela 1 - Número de teses apresentadas no período de 1987 a 2006

ANO	Nº TESES	%
1987	0	0
1988	0	0
1989	0	0
1990	0	0
1991	0	0
1992	0	0
1993	1	1,6
1994	1	1,6
1995	0	0
1996	0	0
1997	1	1,6
1998	3	4,8
1999	1	1,6
2000	2	3,2
2001	4	6,3
2002	14	22,2
2003	9	14,3
2004	7	11,1
2005	9	14,3
2006	11	17,5
TOTAL	63	100

Observa-se que praticamente 90% da produção acadêmica se concentra de 2000 a 2006, período, aliás, de amadurecimento conceitual e metodológico a respeito da questão ambiental e dos estudos relacionados com a atividade turística.

Cabe ressaltar que o auge na produção das teses se deu em 2002 com 14 trabalhos defendidos representando 22,2% do total; nos anos seguintes observa-se um número mais constante de teses produzidas demonstrando uma manutenção no interesse acerca da área.

A Figura 3 representa graficamente a evolução da produção das pesquisas no período estudado.

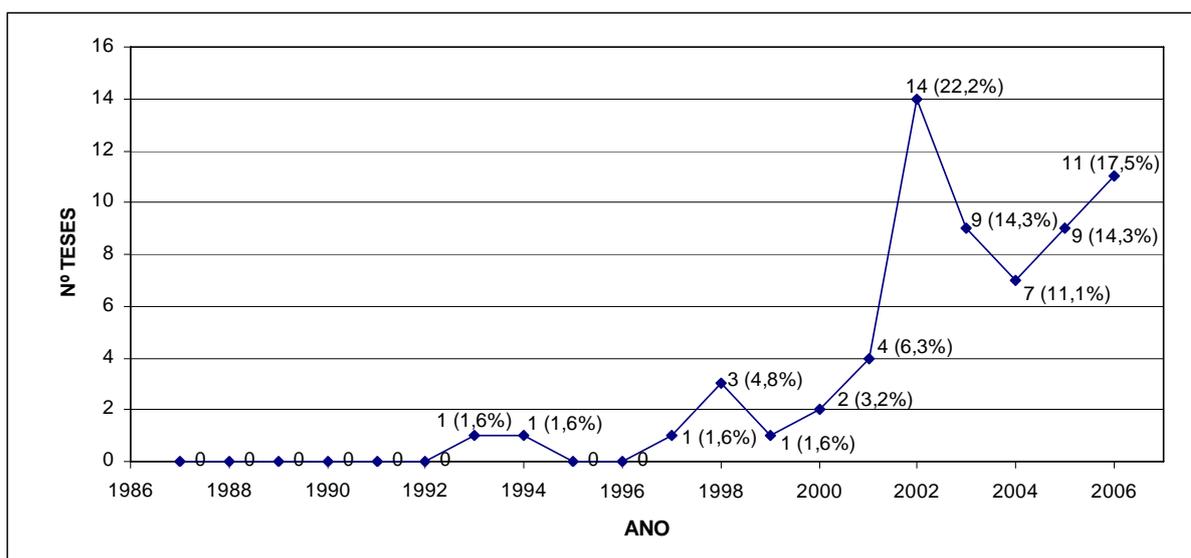


Figura 3 - Evolução da produção das teses no período de 1987 a 2006

Objetivando contextualizar esse período de produção das teses com os principais fatos históricos ambientais e do turismo e o ano de graduação dos autores, visualiza-se na Tabela 2 uma provável influência do momento histórico que os futuros doutores vivenciaram no término dos seus cursos, pois tem-se que 69% se formaram nos anos 1970 e 1980, período de conferências, reuniões, relatórios, que alertaram e mudaram o mundo a respeito das questões ambientais.

Tabela 2 – Principais fatos históricos ambientais e do turismo ocorridos nas décadas de 1960 a 2000

DÉCADA	Nº AUTORES GRADUAÇÃO	Nº TESES TUR. e M. A.	FATOS AMBIENTAIS	FATOS NO TURISMO
1960	1 (1,7%)	-	<ul style="list-style-type: none"> - 1962: Lançamento do livro Primavera Silenciosa da americana Rachel Carson - 1968: Sociedade de Educação Ambiental na Inglaterra Evento Clube de Roma (Itália) Revolução Estudantil de Maio na França 	<ul style="list-style-type: none"> - Massificação do turismo - 1966: Política Nacional de Turismo, criação da EMBRATUR e CNTUR
1970	13 (22,4%)	-	<ul style="list-style-type: none"> - 1970: Estudo de Impacto Ambiental e o Relatório de Impacto Ambiental (EIA/RIMA) surgem nos Estados Unidos “Milagre Econômico Brasileiro” - 1972: Reunião de Estocolmo (Suécia) - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente - 1977: I Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, em Tbilisi - Geórgia (URSS), realização ONU / UNESCO 	<ul style="list-style-type: none"> - 1971: 1º Curso de Turismo do Brasil Faculdade de Turismo do Morumbi (SP) - 1972: 2º Curso de Turismo Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas (SP) - 1973: Surge na USP Curso de Turismo na Escola de Comunicações e Artes - 1974: Criada Organização Mundial de Turismo (OMT) sede em Madri (Espanha) - 1976: Seminário Impactos Sociais e Culturais do Turismo - Banco Mundial e UNESCO - em Washington (EUA)
1980	27 (46,6%)	-	<ul style="list-style-type: none"> - 1987: Relatório Brundtland (Nosso Futuro Comum) Publicadas as normas da série ISO 9.000 	<ul style="list-style-type: none"> - 1980: Conferência da Organização Mundial do Turismo em Manila (Filipinas) - 1981: Comissão Ecumênica em Turismo do Terceiro Mundo – turismo alternativo – em Bangkok (Tailândia) - 1983: Criado por Hector Ceballos o termo “Ecoturismo” - 1989: Seminário sobre Turismo Alternativo da OMT - Turismo Responsável - em Tamanrasset (Argélia)
1990	17 (29,3%)	7 (11%)	<ul style="list-style-type: none"> - 1992: RIO 92 no Brasil - 1996: Publicadas as normas da série ISO 14.000 	<ul style="list-style-type: none"> - 1996: 1º Congresso Nacional de Ecoturismo, realização IEB, em Bertioga (SP)
2000	-	56 (89%)	<ul style="list-style-type: none"> - 2002: Conferência de Johannesburgo (África do Sul) 	

Paralelo a esse momento, o turismo vive os efeitos da “massificação” da atividade econômica, com o desenvolvimento da aviação comercial iniciada na década 1960, como consequência vieram os resultados maléficos ao meio ambiente debatidos em eventos promovidos pela OMT (Organização Mundial de Turismo) e UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Destaque para a criação do Ecoturismo em 1983, simbolizando a vontade de conciliar desenvolvimento econômico, com equilíbrio ambiental e justiça social.

A produção das teses concentradas no início desse século tem como principal fato histórico a Conferência de Johannesburgo em 2002, porém na década de 1990, a Rio 92 (2ª Conferência Mundial sobre Meio Ambiente) ocorrida no Brasil foi histórica, pois ocorreu após 20 anos do 1º Evento em Estocolmo.

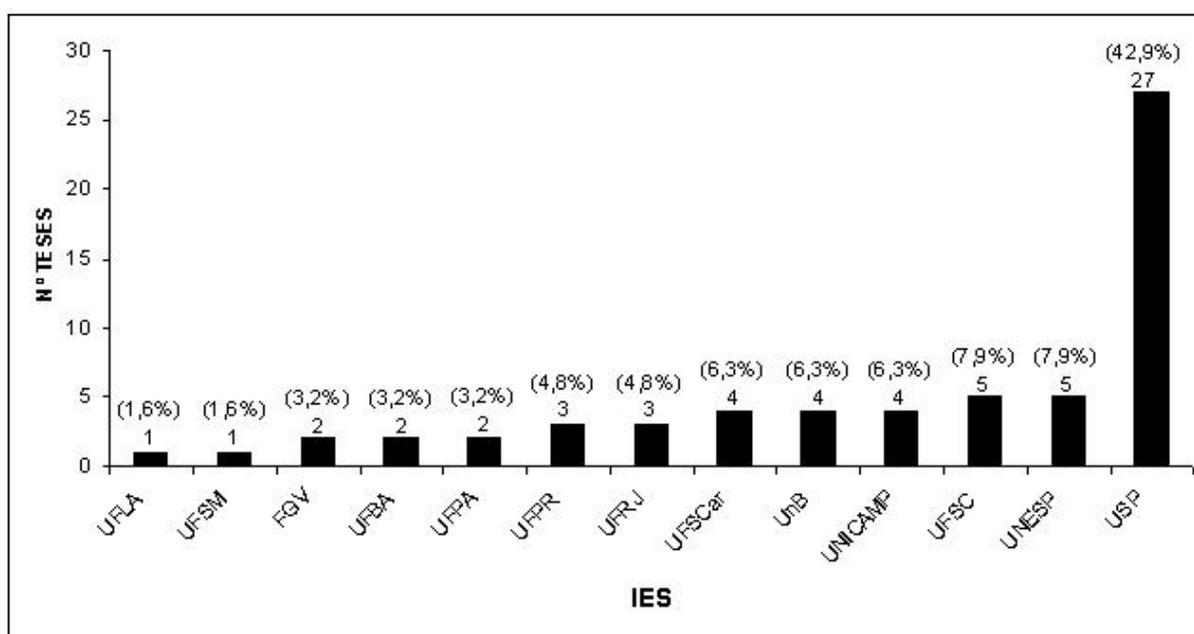
Com relação à instituição de ensino superior (IES) na qual a tese foi realizada, 96,8% são públicas e apenas uma é privada, responsável por 2 teses (3,2%), confirmando a tendência geral de que a maior parte da produção científica brasileira situa-se na universidade pública (Tabela 3).

Tabela 3 - Número de teses por IES (instituição de ensino superior) no período de 1993 a 2006, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)

IES	SIGLA	Nº TESES	%
Universidade Federal de Lavras	UFLA	1	1,6
Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	1	1,6
Fundação Getúlio Vargas	FGV	2	3,2
Universidade Federal da Bahia	UFBA	2	3,2
Universidade Federal do Pará	UFPA	2	3,2
Universidade Federal do Paraná	UFPR	3	4,8
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	3	4,8
Universidade Federal de São Carlos	UFSCar	4	6,3
Universidade de Brasília	UnB	4	6,3
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	4	6,3
Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	5	7,9
Universidade Estadual Paulista	UNESP	5	7,9
Universidade de São Paulo	USP	27	42,9
TOTAL		63	100

Na análise do número de teses por IES, destaca-se a Universidade de São Paulo (USP), onde quase metade das 63 teses (42,9%) saíram dos seus programas de pós-graduação. Seguida pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com 5 trabalhos cada (7,9%), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) com 4 teses cada (6,3%). Com 3 teses, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal do Paraná (UFPR) contabilizam 4,8%; seguindo com 2 trabalhos (3,2%), a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Universidade Federal da Bahia (UFBA) e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), única instituição privada presente nesta análise; e finalizando com 1 tese (1,6%), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e a Universidade Federal de Lavras (UFLA).

A Figura 4 representa graficamente o número de teses por instituição.



Legenda:

UFLA = Universidade Federal de Lavras
 UFSM = Universidade Federal de Santa Maria
 FGV = Fundação Getúlio Vargas
 UFBA = Universidade Federal da Bahia
 UFPA = Universidade Federal do Pará
 UFPR = Universidade Federal do Paraná
 UFRJ = Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSCar = Universidade Federal de São Carlos
 UnB = Universidade de Brasília
 UNICAMP = Universidade Estadual de Campinas
 UFSC = Universidade Federal de Santa Catarina
 UNESP = Universidade Estadual Paulista
 USP = Universidade de São Paulo

Figura 4 - Gráfico crescente evidenciando a quantidade de teses defendidas nas IES entre 1987 e 2006

Analisando a produção de teses sobre turismo e meio ambiente por período e instituição, verifica-se que a USP apresenta uma quantidade maior de trabalhos em relação às outras instituições de ensino superior, pois além da excelência em pesquisa na área de Turismo com pesquisadores renomados como Mário Carlos Beni, Miriam Rejowski, Doris Van de Meene Ruschmann, Luiz Gonzaga Godói Trigo, a Universidade de São Paulo foi a pioneira na criação do curso de Turismo na Escola de Comunicações e Artes, no ano de 1973 (TRIGO, 1991).

A Instituição fundada em 1934 completa 75 anos em 2009, é a maior instituição de ensino superior e de pesquisa do País e a terceira da América Latina. Possui 229 cursos de graduação, distribuídos nos *Campi* de São Paulo, Bauru, Piracicaba, Pirassununga, Lorena, Ribeirão Preto e São Carlos, ao todo são 40 unidades e quase 56 mil alunos matriculados.

A pós-graduação da USP é responsável por cerca de 28% da produção científica brasileira e em 2006 ocupava a 15ª posição mundial. São 22 mil alunos matriculados em 303 cursos de mestrado e 284 de doutorado (responsável pela formação de 25% de doutores no Brasil), reunidos em 230 programas, 10% dos cursos oferecidos no Brasil.

A última avaliação da CAPES (triênio 2003 - 2006), confirma a Instituição como centro de referência e excelência no País em pesquisa científica, pois 20% dos programas foram classificados como “excelentes”, conceito 7 (excelência internacional).

Distribuídas as teses por cidade, estado e região, Figuras 5, 6 e 7 respectivamente, verifica-se que a Região Sudeste apresenta 46 trabalhos, ou seja, 73% da produção das teses, sendo o Estado de São Paulo, representado pelas cidades de São Paulo, Campinas, São Carlos, Rio Claro, Presidente Prudente, Piracicaba e Botucatu, o maior produtor (42 teses), seguido do Rio de Janeiro (3 teses). Em segundo lugar, tem-se a Região Sul apresentando 14,3% das teses (9 trabalhos), com destaque para Florianópolis em Santa Catarina (5 teses), seguida de Curitiba no Paraná com 3 teses e Santa Maria no Rio Grande do Sul com 1 tese. Diante dos números das Regiões Sudeste e Sul pode-se afirmar que as pesquisas estão concentradas nessas Regiões do Brasil, pois, aproximadamente, 90% da produção acadêmica foram defendidas nas IES das cidades pertencentes a essas Regiões Geográficas.

Os 10% restantes das teses estão na Região Centro-Oeste, com 4 teses (6,3%), todas defendidas no Distrito Federal, em Brasília, na UnB e nas Regiões Nordeste, na cidade de Salvador, no Estado da Bahia, com 2 teses (3,2%) e Norte, representada pela cidade de Belém do Pará, também com 2 teses (3,2%). Vale ressaltar que, apesar da predominância de teses nas regiões sul e sudeste, de norte a sul, de leste a oeste encontram-se pesquisas na área de turismo e meio ambiente.

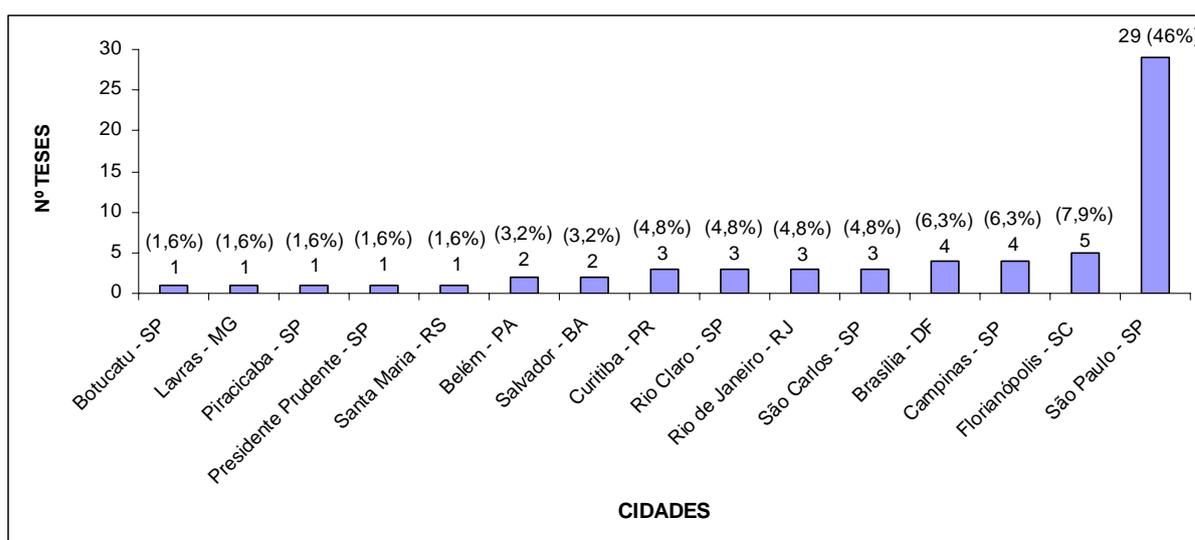


Figura 5 - Gráfico crescente representando o número de teses defendidas nas cidades

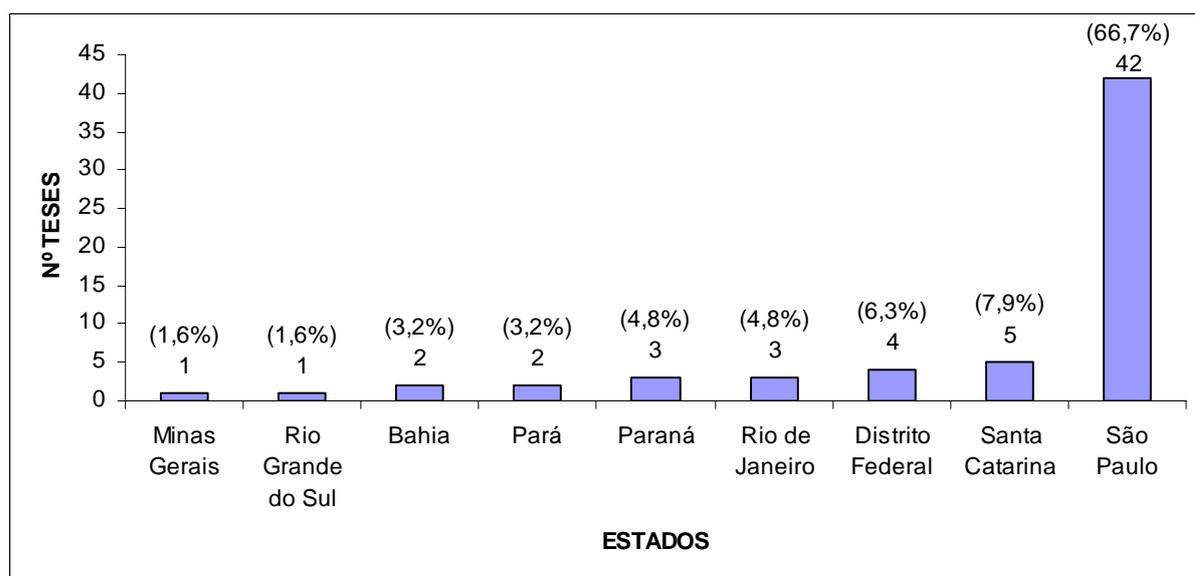


Figura 6 - Gráfico crescente representando o número e o percentual de teses defendidas nos estados

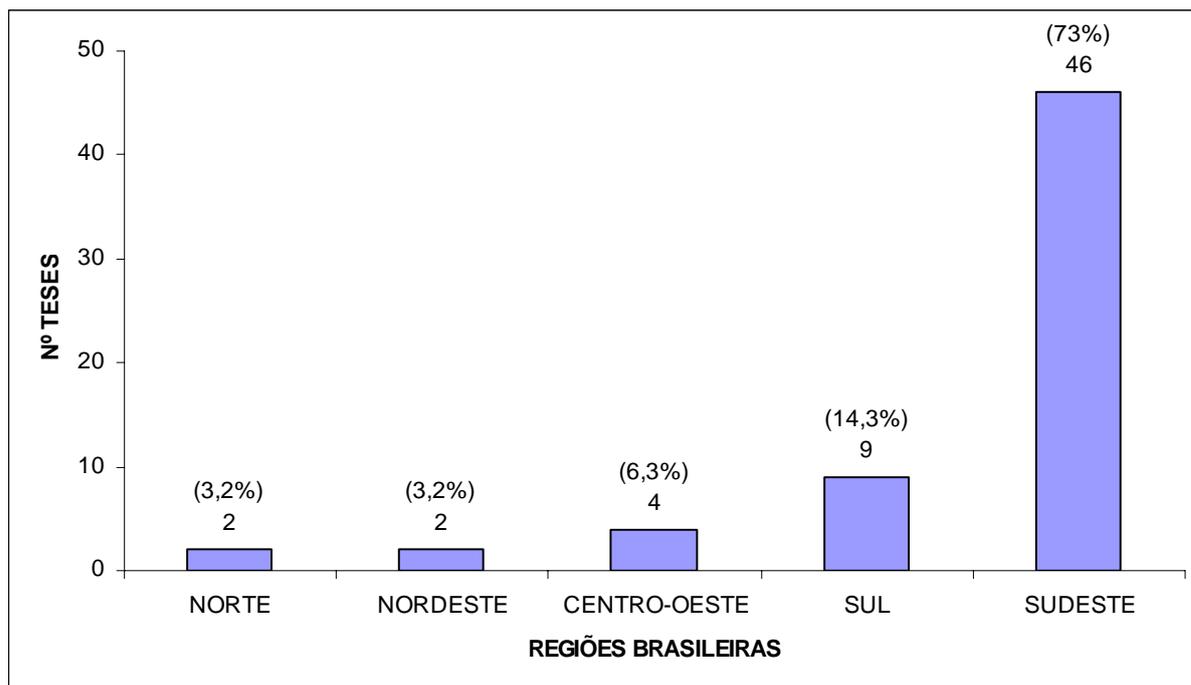


Figura 7 - Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de teses defendidas nas regiões brasileiras

A seguir os dados coletados estão organizados segundo os dados disponibilizados pelos programas de pós-graduação para a grande área e área determinadas pela CAPES (Tabela 4).

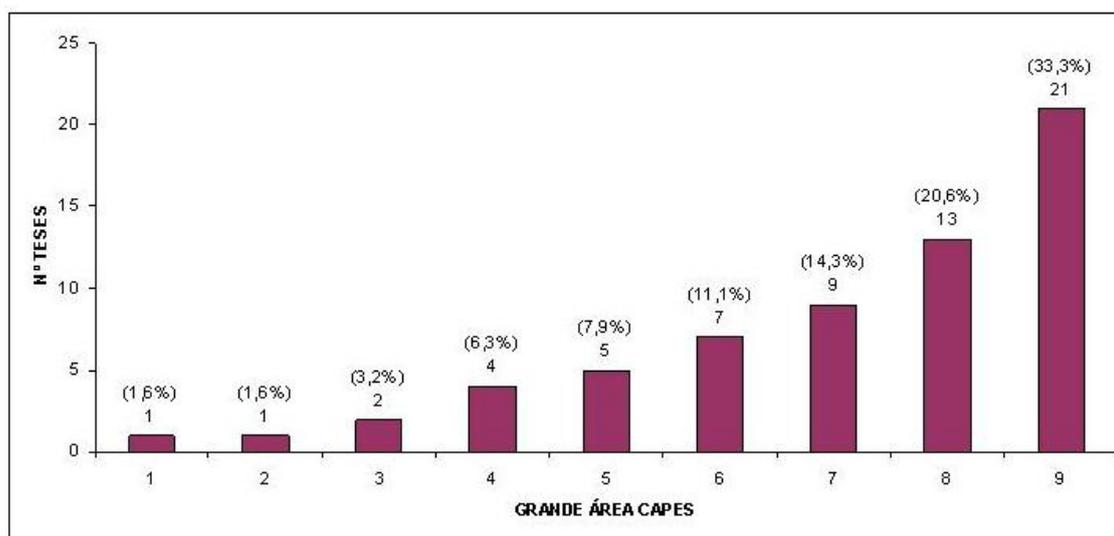
Tabela 4 - Número e percentual de trabalhos por programa de pós-graduação das IES

IES	GRANDE ÁREA	ÁREA	PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO	CAMPUS	Nº TESES	TESES IES	(%)	
FGV - Fundação Getúlio Vargas	Ciências Sociais Aplicadas	Administração	Administração de Empresas	São Paulo - SP	2	2	3,2	
UFBA - Universidade Federal da Bahia	Ciências Humanas	Sociologia	Ciências Sociais	Salvador - BA	1	2	3,2	
		Educação	Educação		1			
UFLA - Universidade Federal de Lavras	Ciências Agrárias	Recursos Florestais Eng. Flore	Engenharia Florestal	Lavras - MG	1	1	1,6	
UFPA - Universidade Federal do Pará	Multidisciplinar	Interdisciplinar	D. S. do Trópico Úmido	Belém - PA	2	2	3,2	
UFPR - Universidade Federal do Paraná	Ciências Agrárias	Recursos Florestais Eng. Flore	Engenharia Florestal	Curitiba - PR	2	3	4,8	
		Interdisciplinar	Meio Ambiente Desenvolvimento		1			
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro	Ciências Humanas	Geografia	Geografia	Rio de Janeiro - RJ	3	3	4,8	
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	Engenharias	Engenharia Sanitária	Engenharia Ambiental	Florianópolis - SC	1	5	7,9	
		Engenharia Civil	Engenharia Civil		1			
		Ciências Humanas	Sociologia		Sociologia Política			1
		Multidisciplinar	Interdisciplinar		Interdisciplinar em Ciências Humanas			2
UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos	Ciências Biológicas	Ecologia (Ecologia e M. A.)	Ecologia e Recursos Naturais	São Carlos - SP	4	4	6,3	
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria	Ciências Agrárias	Recursos Florestais Eng. Flore	Engenharia Florestal	Santa Maria - RS	1	1	1,6	
UnB - Universidade de Brasília	Multidisciplinar	Interdisciplinar	Desenvolvimento Sustentável	Brasília - DF	3	4	6,3	
			Estudos Comparados Américas		1			
UNESP - Univ. Est. Paulista Júlio d Mesquita Filho	Ciências Agrárias	Agronomia	Agronomia (agricultura)	Botucatu - SP	1	5	7,9	
	Ciências Exatas e da Terra	Geociências	Geociências e Meio Ambiente	Rio Claro - SP	1			
	Ciências Humanas	Geografia	Geografia	Presidente Prudente - SP	1			
Rio Claro - SP				2				
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas	Sociologia	Sociologia Antropologia Rural	Ciências Sociais	Campinas - SP	1	4	6,3	
	Ciências Agrárias	Engenharia Agrícola	Engenharia Agrícola		2			
	Ciências Humanas	Geografia	Geografia		1			
USP - Universidade de São Paulo	Ciências Humanas	Geografia (Geografia)	Geografia (Geografia Humana)	São Paulo - SP	5	27	42,9	
		História	História Econômica		1			
		Geografia	Geografia (Geografia Física)		4			
		Antropologia	Ciência Social (Antrop. Soc.)		1			
	Ciências Sociais Aplicadas	Arquitetura e Urbanismo	Arquitetura e Urbanismo	4				
		Comunicação	Ciência da comunicação	6				
		Economia	Ciências (Economia Aplicada)	1				
	Ciências da Saúde	Saúde Coletiva	Saúde Pública	São Paulo - SP	2			
	Engenharias	Engenharia Sanitária	Ciências Engenharia Ambiental	São Carlos - SP	3			
	TOTAL							63

Nota-se a diversidade de programas de pós-graduação que produziram teses na área de turismo e meio ambiente, porém a maioria com 1 ou 2 trabalhos relacionados à área. Já os programas de pós-graduação da USP produziram uma maior quantidade, com destaque para a Geografia (humana e física) com 9 trabalhos, seguida da Ciência da Comunicação (onde encontra-se uma linha de pesquisa em turismo) com 6 teses, a Arquitetura e Urbanismo com 4 trabalhos, a Ciências da Engenharia Ambiental com 3 teses.

Analisando os demais programas de pós-graduação com produção expressiva, o programa em Ecologia e Recursos Naturais da UFSCar produziu 4 teses e os programas em Geografia da UFRJ e Desenvolvimento Sustentável da UnB produziram 3 trabalhos cada um.

Separando os dados coletados segundo a grande área e área determinadas pela CAPES, Figuras 8 e 9 respectivamente, nota-se que a grande área Ciências Humanas apresenta o maior número de teses 21 (33,3%), seguida das Ciências Sociais Aplicadas com 13 trabalhos (20,6%), da Multidisciplinar com 9 teses (14,3%), das Ciências Agrárias com 7 pesquisas (11,1%) e das Engenharias com 5 teses (7,9%). Finalizando com menor número de teses tem-se a grande área Ciências Biológicas com 4 trabalhos (6,3%), as Ciências da Saúde com 2 teses (3,2%) e a Sociologia e as Ciências Exatas e da Terra com 1 trabalho (1,6%) cada uma.



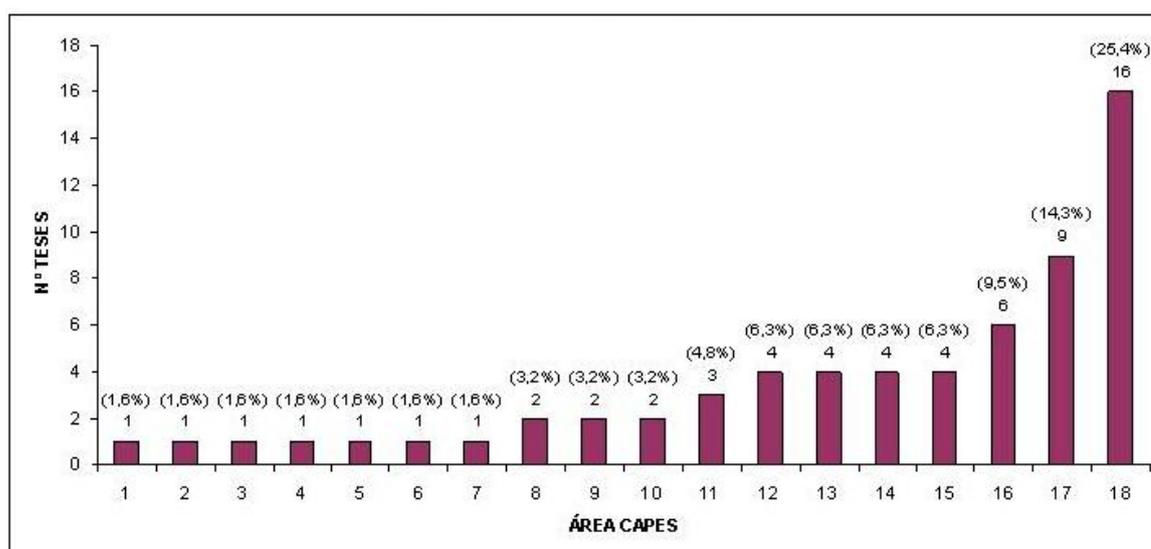
Legenda:

1 = Ciências Exatas e da Terra
 2 = Sociologia
 3 = Ciências da Saúde
 4 = Ciências Biológicas
 5 = Engenharias

6 = Ciências Agrárias
 7 = Multidisciplinar
 8 = Ciências Sociais Aplicadas
 9 = Ciências Humanas

Figura 8 - Gráfico crescente evidenciando o número e o percentual de teses segundo a grande área determinada pela CAPES

Segundo a área determinada pela CAPES, as 63 teses pertencem a 18 áreas distintas, com destaque para a Geografia com 16 teses (25,4%), superando as demais áreas como a Interdisciplinar com 9 trabalhos (14,3%), a Comunicação com 6 pesquisas (9,5%) e a Recursos Florestais Engenharia Florestal, a Engenharia Sanitária, a Ecologia e a Arquitetura e Urbanismo com 4 teses (6,3%) cada uma.



Legenda:

1 = Agronomia
 2 = Antropologia
 3 = Economia
 4 = Educação
 5 = Engenharia Civil
 6 = Geociências
 7 = História

8 = Administração
 9 = Engenharia Agrícola
 10 = Saúde Coletiva
 11 = Sociologia
 12 = Arquitetura e Urbanismo
 13 = Ecologia
 14 = Engenharia Sanitária

15 = Recursos Florestais
 Engenharia Florestal
 16 = Comunicação
 17 = Interdisciplinar
 18 = Geografia

Figura 9 - Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de teses segundo a área determinada pela CAPES

Verificando a produção acadêmica no período analisado, extraiu-se a quantidade de trabalhos em que o pesquisador teve ou não apoio financeiro para produzir sua tese. Do total de 63 teses, 38 (60,3%) foram financiadas e 25 (39,7%) não tiveram apoio financeiro (Figura 10).

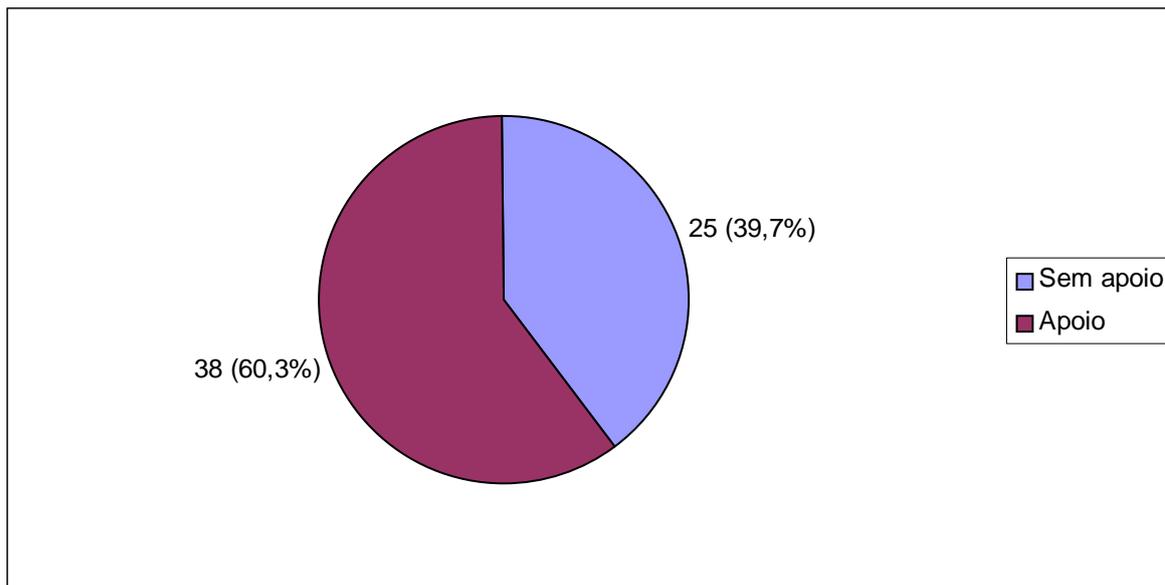
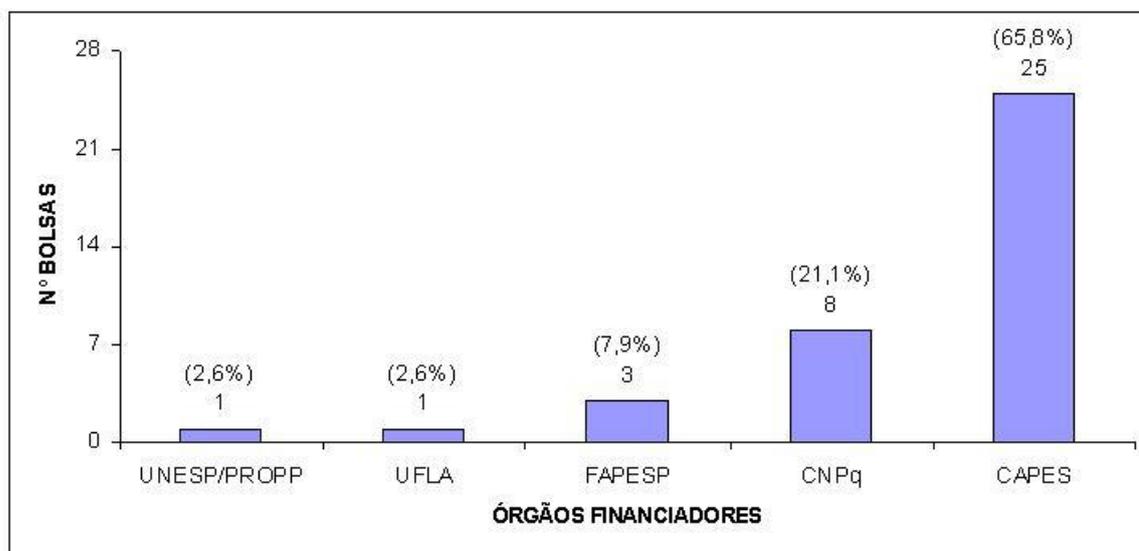


Figura 10 - Número de trabalhos financiados

Dentre os órgãos financiadores encontrados, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi o que mais apoiou financeiramente os pesquisadores. A instituição possui programas que concedem bolsas no Brasil para pesquisas científicas e dentre as 38 teses apoiadas financeiramente, 25 trabalhos (65,8%) tiveram bolsas cedidas pelo órgão (Figura 11).

Os programas de bolsas da CAPES que financiam as teses são: o Programa de Demanda Social (DS) com apoio a 11 teses (28,9%), o Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica (PICDT) apoiando 10 teses (26,3%), o Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP) incentivando 2 trabalhos (5,3%) e bolsas CAPES e CAPES/Outros com 1 tese cada (2,6%).

Os órgãos que apoiaram financeiramente os 13 trabalhos (34,2%) restantes foram: o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) com 8 bolsas (21,1%), a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) concedendo 3 bolsas (7,9%) e finalizando, a Universidade Federal de Lavras (UFLA) e a Universidade Estadual Paulista (UNESP) por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) incentivaram 1 tese cada (2,6%).

**Legenda:**

UNESP/PROPP = Universidade Estadual Paulista /
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
e Pesquisa

UFLA = Universidade Federal de Lavras
FAPESP = Fundação de Amparo à Pesquisa do
Estado de São Paulo

CNPq = Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

CAPES = Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior

Figura 11 - Gráfico crescente evidenciando o número e o percentual de bolsas concedidas pelos órgãos financiadores

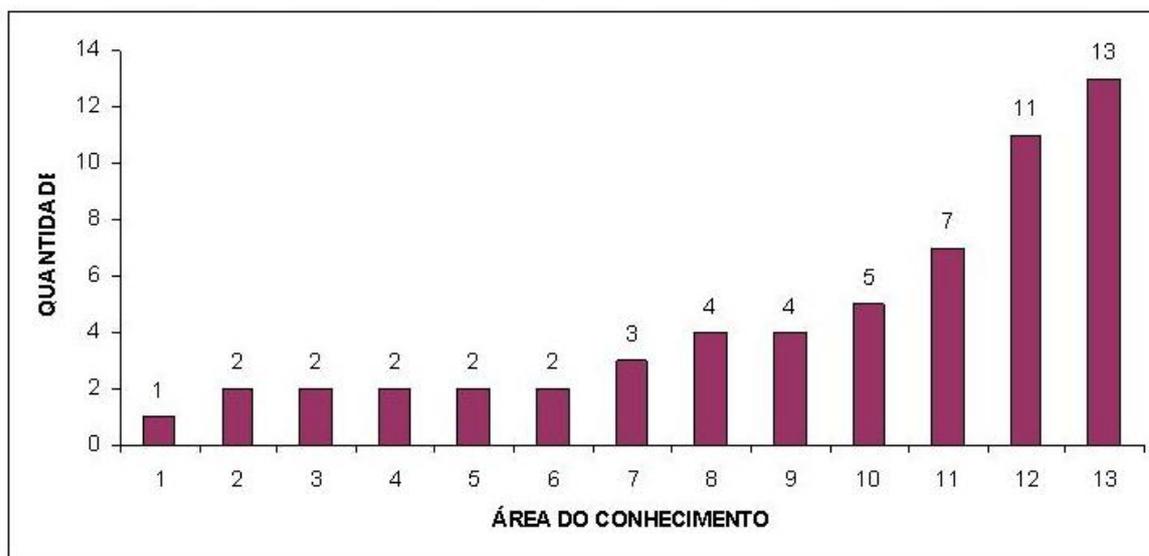
6.2 Análise Disciplinar

No período analisado, destaca-se uma grande diversidade de áreas do conhecimento nas quais o tema turismo e meio ambiente foi inserido. Neste contexto, a análise das teses distribuídas por área do conhecimento (Tabela 5 e Figura 12) demonstra a liderança do Turismo com 13 pesquisas (16%). Em seguida tem-se a Geografia e a Geografia Humana, com 11 (13,6%) e 7 (8,6%) trabalhos, respectivamente.

Dando seqüência, observam-se as áreas do conhecimento Ciências Humanas com 5 teses (6,2%), Ecologia e Arquitetura e Urbanismo com 4 pesquisas (4,9%) e Geografia Física com 3 trabalhos (3,7%). Outras com menor produção são: Economia Agrária, Engenharia Agrícola, Geografia Econômica, Recursos Hídricos e Sociologia com 2 teses (2,5%) e finalizando com 1 tese tem-se 24 áreas: Administração, Comunicação, Multidisciplinar / Desenvolvimento e Meio Ambiente, Políticas Públicas, dentre outras.

Tabela 5 - Número e percentual de trabalhos por Área do Conhecimento, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)

Área do Conhecimento	Nº	%
Administração	1	1,2
Administração de Produção	1	1,2
Antropologia Rural	1	1,2
Comunicação	1	1,2
Ecologia Aplicada	1	1,2
Ecologia de Ecossistemas	1	1,2
Economia Florestal	1	1,2
Educação Física	1	1,2
Engenharia Sanitária	1	1,2
História	1	1,2
História do Brasil	1	1,2
História Econômica	1	1,2
Literatura Comparada	1	1,2
Multidisciplinar	1	1,2
Multidisciplinar / Desenvolvimento e Meio Ambiente	1	1,2
Paisagismo	1	1,2
Planejamento Ambiental e Comportamento Humano	1	1,2
Planejamento Urbano e Regional	1	1,2
Políticas Públicas	1	1,2
Recursos Florestais e Engenharia Florestal	1	1,2
Relações Públicas e Propaganda	1	1,2
Saúde Pública	1	1,2
Silvicultura	1	1,2
Tópicos Específicos de Educação	1	1,2
Economia Agrária	2	2,5
Engenharia Agrícola	2	2,5
Geografia Econômica	2	2,5
Recursos Hídricos	2	2,5
Sociologia	2	2,5
Geografia Física	3	3,7
Arquitetura e Urbanismo	4	4,9
Ecologia	4	4,9
Ciências Humanas	5	6,2
Geografia Humana	7	8,6
Geografia	11	13,6
Turismo	13	16
TOTAL	81	100

**Legenda:**

1 = Outras(*)

2 = Economia Agrária

3 = Engenharia Agrícola

4 = Geografia Econômica

5 = Recursos Hídricos

6 = Sociologia

7 = Geografia Física

8 = Arquitetura e Urbanismo

9 = Ecologia

10 = Ciências Humanas

11 = Geografia Humana

12 = Geografia

13 = Turismo

(*) As outras áreas do conhecimento com 1 (uma) ocorrência estão representadas na Tabela 4.

Figura 12 - Gráfico crescente representando a quantidade de teses por área do conhecimento, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)

Demonstra-se na relação entre as áreas de conhecimento e as Instituições de Ensino Superior (IES) produtoras de teses que:

- Todas as teses cujas temáticas versam sobre turismo e meio ambiente na UnB foram defendidas na área multidisciplinar;
- A USP foi a IES onde ocorreu o maior número de defesas na área do conhecimento Turismo, com 6 teses (46%). Curiosamente os 7 demais trabalhos também encontram-se em IES paulistas como UNESP (3 teses), UNICAMP (2 teses) e FGV (2 teses).
- As Ciências Humanas com as áreas: Sociologia, Educação, Geografia, História e Antropologia, reúnem 34 pesquisas, sendo a Geografia (Humana, Física e Econômica) responsável por 23 trabalhos (67%), ou seja, um terço das pesquisas nas Ciências Humanas estão na área da Geografia, que por sua vez reúne metade das teses em turismo e meio ambiente. Nas Universidades Federais da Bahia e do Rio de Janeiro, as 3 teses produzidas estão nas Ciências Humanas, na USP estão 11 das 27 teses e na UNESP estão 3 das 5 teses.

A grande quantidade e diversidade de áreas do conhecimento encontradas se deve ao turismo ser um tema do conhecimento em construção, caracterizado pela sua interdisciplinariedade, que por sua vez vêm permitindo um diálogo permanente com diferentes áreas do conhecimento, a exemplo do que ocorre com a área ambiental. Assim, explicam-se áreas aparentemente tão distintas como engenharia, geografia e saúde pública estarem entre as 36 áreas do conhecimento “garimpadas” na teses de turismo e meio ambiente.

6.3 Análise Temática

Após a sistematização das teses em função da caracterização geral e disciplinar, partiu-se para análise temática extraindo no primeiro momento as palavras-chave²¹ encontradas nas teses, ou seja, aquelas em que os autores colocam para direcionar a busca pelo tema tratado no trabalho (Tabela 6).

²¹ Palavras-chave: são palavras que um usuário digita na caixa de pesquisa de um mecanismo de busca. Também usado para se referir aos temas com os quais um autor por meio de um mecanismo de busca espera que sua obra, produção seja encontrada.

Tabela 6 - Número e percentual de palavras-chave encontradas nas teses

Palavras-chave encontradas nas teses	Quantidade	%
Amazônia	1	0,5
Amazônicas	1	0,5
Ambientalismo	1	0,5
APA (Área de Proteção Ambiental)	1	0,5
Área de Preservação	1	0,5
Áreas Protegidas	1	0,5
Bertioga	1	0,5
Bonito – MS	1	0,5
Brotas	1	0,5
Cenários do Lazer	1	0,5
Chapada	1	0,5
Cidade Turística	1	0,5
Cluster Ecoturístico	1	0,5
Comunicação	1	0,5
Conservação da Biodiversidade	1	0,5
Corporação	1	0,5
Crise Energética	1	0,5
CTM (Cadastro Técnico Multifinalitário)	1	0,5
Desenvolvimento	1	0,5
Desenvolvimento Local	1	0,5
Desenvolvimento Local e Regional	1	0,5
Desenvolvimento Turístico	1	0,5
Ecologia	1	0,5
Ecologia de Proc. Macrofauna Bentônica	1	0,5
Ecologia Urbana	1	0,5
Economia do Turismo	1	0,5
Ecoturismo Comunitário	1	0,5
Educação Superior	1	0,5
Energia Consumo	1	0,5
Engenharia Florestal	1	0,5
Enraizamento	1	0,5
Equação Universal	1	0,5
Esportes Radicais	1	0,5
Estado	1	0,5
Estudos de Capacidade de Suporte Turístico	1	0,5
Flona de Canela	1	0,5
Garimpo	1	0,5
Hipótese Biofílica	1	0,5

Tabela 6 - Continuação

Palavras-chave encontradas nas teses	Quantidade	%
Impacto Turístico	1	0,5
Impactos do Turismo	1	0,5
Implantação Hoteleira e Turística	1	0,5
Inventário Turístico	1	0,5
Itaipu	1	0,5
Itatins	1	0,5
Jureia	1	0,5
Lapinha	1	0,5
Lixo	1	0,5
Manejo Florestal	1	0,5
Marketing Turístico	1	0,5
Modelo de Gestão	1	0,5
Municípios do Prodetur - RN	1	0,5
Ocupação Turística Litorânea	1	0,5
Paraná	1	0,5
Parque	1	0,5
Patrimônio Público	1	0,5
Perfil dos Visitantes	1	0,5
Picinguaba	1	0,5
Planejamento e Gestão	1	0,5
Planejamento Regional	1	0,5
Política Ambiental	1	0,5
Políticas de Ordenamento Territorial	1	0,5
Poluição	1	0,5
Porto Seguro - BA	1	0,5
Praia do Campeche	1	0,5
Proteção Ambiental	1	0,5
Recursos Naturais	1	0,5
Região	1	0,5
Representações Sociais	1	0,5
Reserva Biológica	1	0,5
Resorts	1	0,5
Responsabilidade Social	1	0,5
Ribeirão Preto	1	0,5
RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural)	1	0,5

Tabela 6 - Continuação

Palavras-chave encontradas nas teses	Quantidade	%
Saneamento Básico	1	0,5
Serra do Cipó - MG	1	0,5
Serviços Turísticos	1	0,5
SIG (Sistema de Informação Geográfica)	1	0,5
Sociedade de Risco	1	0,5
Sociologia Ambiental	1	0,5
Sociologia do Turismo	1	0,5
Solos	1	0,5
Sul da Bahia	1	0,5
Terra	1	0,5
Território	1	0,5
Transdisciplinaridade	1	0,5
Transformação da Paisagem	1	0,5
Turismo Ambiental	1	0,5
Turismo Brotas	1	0,5
Turismo Urbano	1	0,5
União Européia	1	0,5
Unidade	1	0,5
Utilização Turística de Fazendas	1	0,5
Vanguardas	1	0,5
Zoneamento Ecológico	1	0,5
Conservação da Natureza	2	1,1
Desenvolvimento Sustentável	2	1,1
Geografia	2	1,1
Gestão Ambiental	2	1,1
Impacto Ambiental	2	1,1
Impactos Ambientais	2	1,1
Paisagem	2	1,1
Pantanal	2	1,1
Planejamento	2	1,1
Planejamento Ambiental	2	1,1
Santa Catarina	2	1,1
Turismo de Aventura	2	1,1
Turismo e Meio Ambiente	2	1,1
Turismo Sustentável	4	2,2
Meio Ambiente	5	2,7
Políticas Públicas	5	2,7
Sustentabilidade	6	3,2
Ecoturismo	20	10,8
Turismo	25	13,5
TOTAL	185	100

A Tabela 6 traz 114 palavras-chave e destas, 95 apareceram apenas 1 vez e 19 foram citadas com maior frequência. Percebe-se que a palavra-chave mais utilizada pelos autores foi Turismo com 25 vezes (13,5%), seguida de Ecoturismo com 20 vezes (10,8%), Sustentabilidade, Políticas Públicas e Meio Ambiente com 5 aparições cada uma (2,7%). Novamente aparecem palavras-chave relacionadas a Turismo como Turismo Sustentável 4 vezes (2,2%), Turismo e Meio Ambiente e Turismo de Aventura 2 vezes (1,1%).

Finalizando, tem-se mais 11 palavras-chave com 2 ocorrências (1,1%): Conservação da Natureza, Desenvolvimento Sustentável, Geografia, Gestão Ambiental, Impacto Ambiental, Impactos Ambientais, Paisagem, Pantanal, Planejamento, Planejamento Ambiental e Santa Catarina.

Apesar da heterogeneidade das palavras-chave, nota-se a possibilidade de agrupá-las em temas correlacionados aos seus significados (Figura 13):

Tema	Palavras-chave correlacionadas
Administração / Planejamento	Corporação, Modelo de Gestão, Planejamento Ambiental, Planejamento e Gestão, Planejamento Regional
Desenvolvimento	Desenvolvimento Local, Desenvolvimento Local e Regional, Desenvolvimento Sustentável, Desenvolvimento Turístico
Geografia	Paisagem, SIG, Solos, Terra, Território, Transformação da Paisagem
Meio Ambiente	Ambientalismo, APA, Área de Preservação, Áreas Protegidas, Conservação da Biodiversidade, Conservação da Natureza, Crise Energética, Ecologia, Ecologia de Proc. Macrofauna Bentônica, Ecologia Urbana, Energia Consumo, Engenharia Florestal, Flora de Canela, Garimpo, Gestão Ambiental, Impacto Ambiental, Impactos Ambientais, Lixo, Manejo Florestal, Parque, Poluição, Proteção Ambiental, Recursos Naturais, Reserva Biológica, RPPN, Saneamento Básico, Sociologia Ambiental, Sustentabilidade, Zoneamento Ecológico
Política	Patrimônio Público, Política Ambiental, Políticas de Ordenamento Territorial, Políticas Públicas
Território	Amazônia, Amazônicas, Bertioga, Bonito – MS, Brotas, Chapada, Estado, Itaipu, Itatins, Jureia, Lapinha, Municípios do Prodetur - RN, Pantanal, Paraná, Picinguaba, Porto Seguro - BA, Praia do Campeche, Região, Ribeirão Preto, Santa Catarina, Serra do Cipó - MG, Sul da Bahia, União Européia
Turismo	Cenários do Lazer, Cidade Turística, Cluster Ecoturístico, Economia do Turismo, Ecoturismo, Ecoturismo Comunitário, Esportes Radicais, Estudos de Capacidade de Suporte Turístico, Impacto Turístico, Impactos do Turismo, Implantação Hoteleira e Turística, Inventário Turístico, Marketing Turístico, Ocupação Turística Litorânea, Perfil dos Visitantes, Resorts, Serviços Turísticos, Sociologia do Turismo, Turismo Ambiental, Turismo Brotas, Turismo de Aventura, Turismo e Meio Ambiente, Turismo Sustentável, Turismo Urbano, Utilização Turística de Fazendas
Outros	Comunicação, CTM, Educação Superior, Enraizamento, Equação Universal, Hipótese Biofílica, Representações Sociais, Responsabilidade Social, Sociedade de Risco, Transdisciplinaridade, Unidade, Vanguardas

Figura 13 - Agrupamento de temas por palavras-chave encontradas nas teses

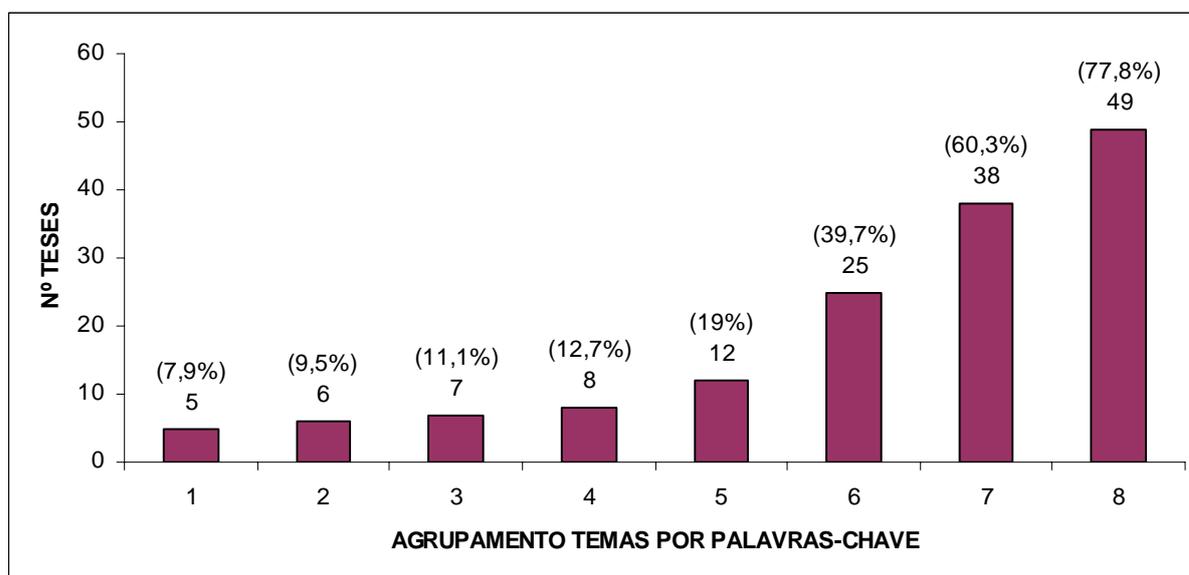
Com a reunião das palavras-chave em temas, conclui-se a correlação entre as teses num ponto de vista mais amplo. A área turismo e meio ambiente caracteriza-se pelo aspecto inter-multidisciplinar demonstrado nas palavras-chave encontradas e agrupadas em temas.

O número e o percentual de teses correlacionadas ao agrupamento dos temas por palavras-chave (Figura 14) mostra que o tema Turismo se destacou em 49 teses (77,8%), a exemplo da área do conhecimento (Figura 12) em primeiro lugar.

Em seguida, aparecem os temas Meio ambiente com 38 trabalhos (60,3%), Território (referente a palavras-chave de cidades, estados, destinos) com 25 pesquisas (39,7%) e Outros temas com 12 teses (19%), neste caso as palavras-chave reunidas não demonstram relação entre si e foram agrupadas em outros.

Posteriormente, tem-se os temas Política com 8 teses (12,7%) e Geografia com 7 trabalhos (11,1%), apesar de ser a área das Ciências Humanas que mais pesquisa sobre o tema turismo e meio ambiente, o número de palavras-chave correlacionadas é pequeno.

Finalizando, os temas administração e planejamento com 6 pesquisas (9,5%) e desenvolvimento com 5 teses (7,9%).



Legenda:

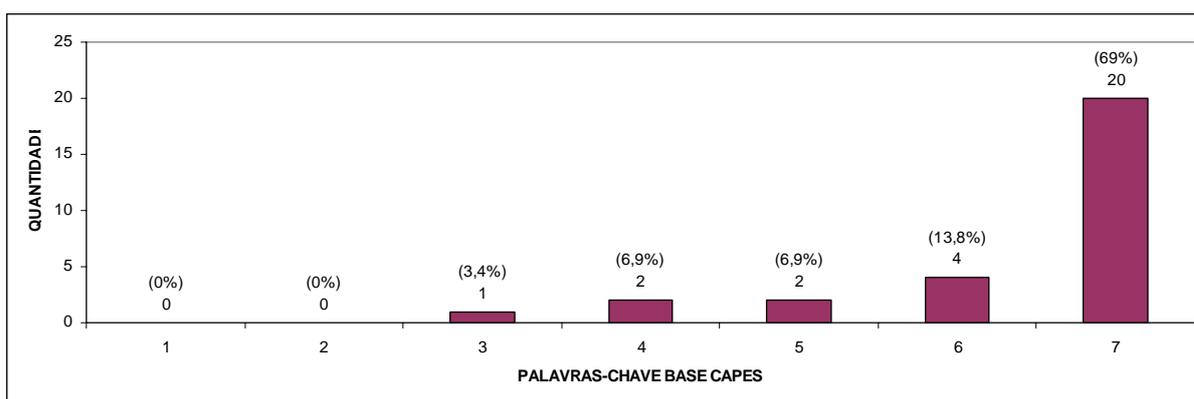
1 = Desenvolvimento
2 = Administração /
Planejamento

3 = Geografia
4 = Política
5 = Outros

6 = Território
7 = Meio Ambiente
8 = Turismo

Figura 14 - Gráfico crescente mostrando a quantidade e o percentual de teses por temas agrupados por palavras-chave encontradas nas teses

No segundo momento, passou-se para as palavras-chave utilizadas na busca dos trabalhos no banco de teses da CAPES para formação da base de dados, conforme consta no procedimento metodológico desta dissertação, assim foi possível avaliar se as palavras-chave correlacionadas com a área turismo e meio ambiente são utilizadas pelos autores na busca das teses relacionadas com o tema em estudo (Figura 15).



Legenda:

- | | |
|----------------------------------|-------------------------|
| 1 = turismo e ambiente | 5 = turismo de aventura |
| 2 = turismo e educação ambiental | 6 = turismo sustentável |
| 3 = turismo ambiental | 7 = ecoturismo |
| 4 = turismo e meio ambiente | |

Figura 15 - Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de palavras-chave encontradas na pesquisa base CAPES

Foram utilizadas as palavras-chave: turismo e ambiente, turismo e educação ambiental, turismo ambiental, turismo e meio ambiente, turismo de aventura, turismo sustentável e ecoturismo na pesquisa para a formação da base de dados. A palavra-chave ecoturismo foi a mais utilizada pelos autores com 20 aparições (69%), demonstrando assim ser o segmento mais estudado em turismo e meio ambiente e o que melhor traduz a preocupação da interação: atividade econômica (turismo), homem e natureza, pois o ecoturismo tem como objetivo apreciar a natureza, ajudando na sua recuperação e conservação, procurando impactar ao mínimo o entorno natural e cultural. E segundo Wearing e Neil (2001), é uma atividade profundamente estruturada na educação e interpretação ambiental.

A palavra-chave turismo sustentável apareceu 4 vezes (13,8%) nos trabalhos, a turismo de aventura e turismo e meio ambiente 2 vezes cada uma (6,9%), turismo

ambiental 1 vez (3,4%) e turismo e educação ambiental e turismo e ambiente não apresentaram ocorrência.

Importante ressaltar que apesar das palavras-chave utilizadas no portal CAPES terem apresentado pouca ocorrência, essa análise foi realizada buscando nos resumos das teses as palavras-chave mencionadas, chegando assim a esses números. O banco de teses da CAPES busca, conforme a palavra-chave utilizada, todas as teses onde aparecem a palavra utilizada seja no título, no resumo, na área de conhecimento.

6.4 Análise dos Autores

Neste momento, serão analisados os autores, professores orientadores, bancas examinadoras e os principais autores referenciados nos 63 trabalhos estudados.

Inicia-se o estudo com o perfil dos autores das teses e a Figura 16 revela que 34 foram redigidas por mulheres (54%) e 29 (46%) por homens.

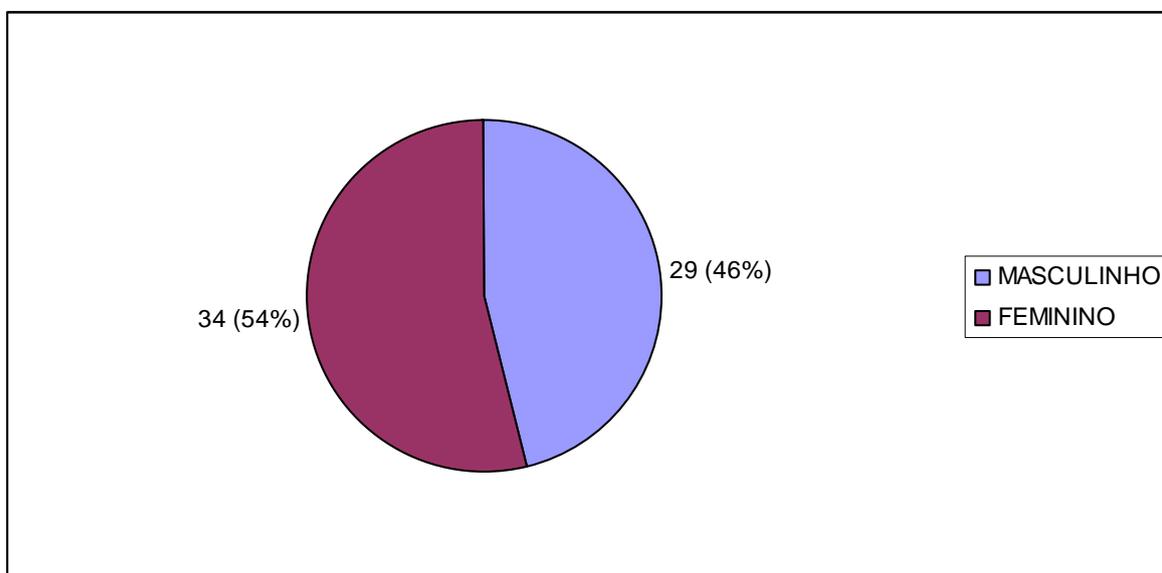


Figura 16 – Gênero dos autores das teses, segundo análise da base de dados do banco de teses Capes (1987 a 2006)

Em consulta ao currículo dos autores na Plataforma *Lattes* disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>, tem-se acesso ao histórico acadêmico do pesquisador, assim obteve-se o ano e o curso que ele se graduou. Ressalta-se que da amostragem total de 63 pesquisadores, 10 currículos não estavam disponíveis no *Lattes*, portanto 53 foram analisados.

Os currículos mostram que os autores se graduaram entre 1968 e 1999. A Figura 17 traz o número de pesquisadores e os anos, reunidos em décadas, que eles se formaram.

Observa-se que quase metade dos pesquisadores, 27 (46,6%), se graduaram na década de 1980, seguidos daqueles que concluíram nos anos 1990, 17 (29,3%), na década de 1970, 13 (22,4%), e apenas 1 (1,7%) em 1968.

Projeta-se um perfil de jovens pesquisadores, já que 75% se formaram nas décadas de 1980 e 1990 e, portanto calcula-se uma média atual de 40 a 50 anos de idade dos autores que pesquisam a área turismo e meio ambiente.

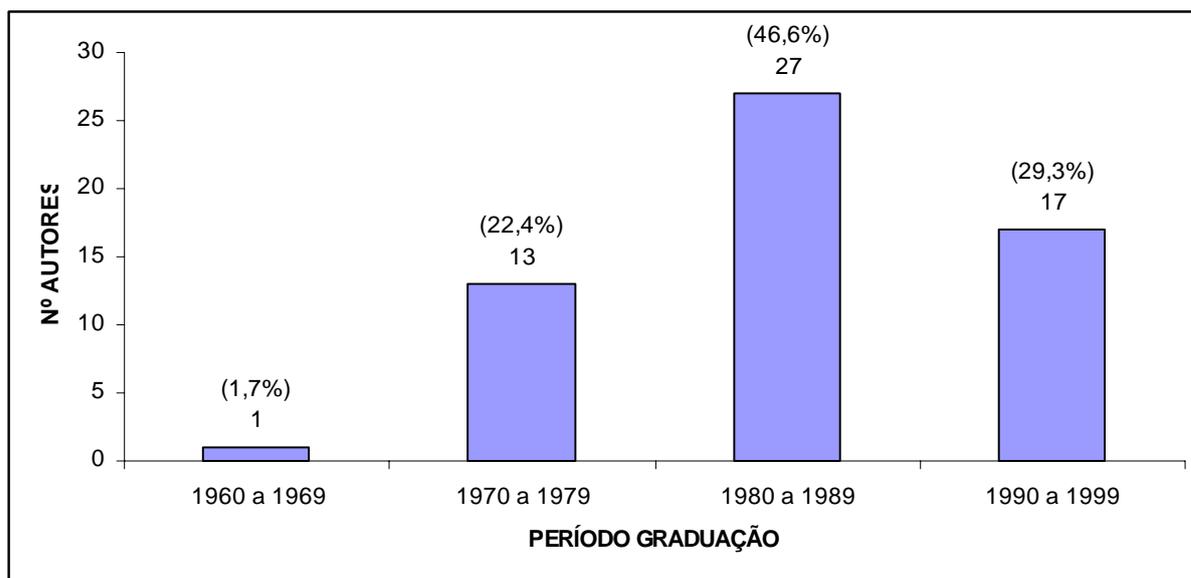
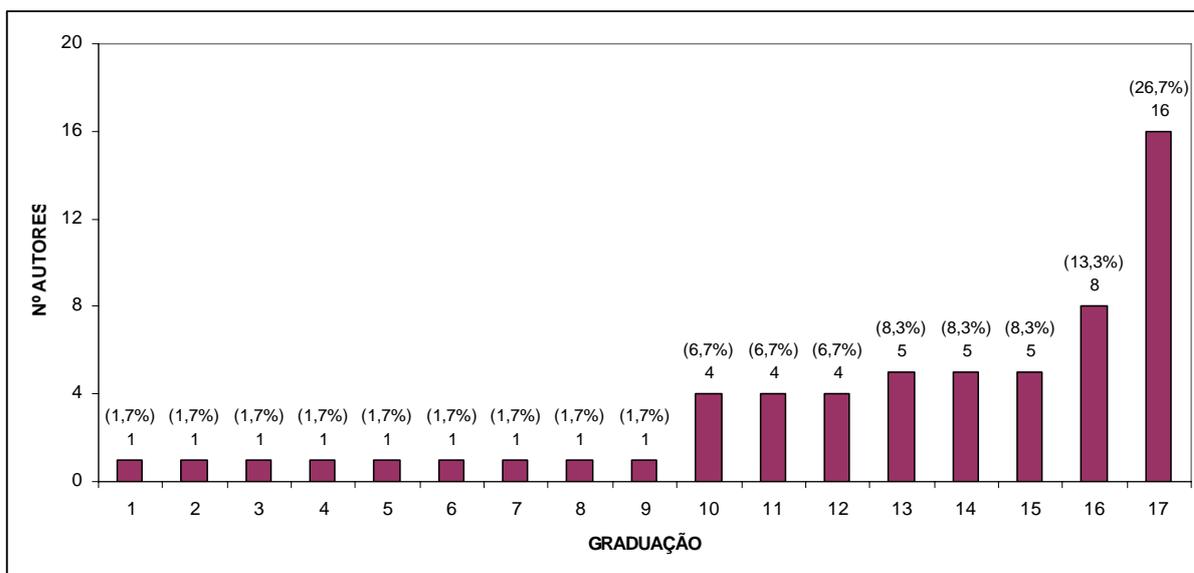


Figura 17 – Gráfico representando o período de conclusão da graduação dos autores das teses, segundo análise dos currículos disponíveis na Plataforma *Lattes*

Após verificar os anos em que os autores se formaram, coletou-se o curso de graduação em que os mesmos concluíram. Dessa forma, foi possível cruzar as áreas do conhecimento que foram inseridas as teses com a área de formação do pesquisador.

A Figura 18 exibe graficamente uma grande variedade de cursos, destacando-se a Geografia, curso de formação de 16 doutores (26,7%), seguida da Agronomia com 8 (13,3%) autores formados, Turismo, Sociologia e Biologia com 5 (8,3%), Engenharia, Arquitetura e Administração com 4 (6,7%) formados e finalizando vê-se os cursos de Serviço Social, Relações Públicas, Oceanologia, Medicina, Letras, Ciências Florestais (cursado fora do Brasil), Educação Física, Ecologia e Comunicação Social, cursos que formaram 1 (um) doutor cada uma.



Legenda:

1 = Comunicação Social
 2 = Ecologia
 3 = Educação Física
 4 = Exterior (Ciências Florestais)
 5 = Letras

6 = Medicina
 7 = Oceanologia
 8 = Relações Públicas
 9 = Serviço Social
 10 = Administração
 11 = Arquitetura

12 = Engenharia
 13 = Biologia
 14 = Sociologia
 15 = Turismo
 16 = Agronomia
 17 = Geografia

Figura 18 - Gráfico crescente representando a quantidade e o percentual de autores e seus cursos de graduação, segundo análise dos currículos disponíveis na Plataforma *Lattes*

Traçando um paralelo entre as áreas do conhecimento e o curso de graduação dos autores, observa-se que:

- No geral, os doutores vieram de formações distintas na graduação, refletindo na grande diversidade de áreas do conhecimento que estão inseridas as teses.
- Um terço das pesquisas em turismo e meio ambiente estão na área da Geografia e um quarto dos pesquisadores são geógrafos, demonstrando uma

continuidade na área de formação e pesquisa desses autores e também a forte relação dessa ciência com o turismo, pois do ponto de vista da Geografia, é possível relacionar a atividade turística com conceitos pertencentes ao saber geográfico como: paisagem, natureza, lugar e território.

- Cinco doutores são turismólogos, porém um número maior de pesquisas, 13 (16%), Tabela 5, estão na área do conhecimento Turismo, assim pesquisadores com outras formações pesquisam sobre turismo e suas relações com o meio ambiente.
- A surpresa é a quantidade de agrônomos que pesquisam turismo e meio ambiente, apesar de ser um dos cursos das Engenharias, essa área do conhecimento, de formação dos doutores e de programas de pós-graduação está presente significativamente nas pesquisas na área de estudo desta dissertação.

Nos 63 trabalhos estudados, foram identificados os professores orientadores. A Tabela 7 traz 65 orientadores, pois 2 teses apresentaram co-orientadores.

A que mais orientou na área foi a professora Adyr Aparecida Balasteri Rodrigues do programa em Geografia (Geografia Humana) da USP que orientou 3 pesquisadores. Em seguida, temos 5 professores que orientaram 2 pesquisadores cada um, são eles: o professor Américo Pellegrini Filho na Ciência da Comunicação programa da USP, o professor Felisberto Cavalheiro nos programas em Geografia (Geografia Física) da USP e em Ecologia e Recursos Naturais da UFSCAR, a professora Magda Adelaide Lombardo no programa em Geografia (Geografia Física) da USP, o professor Mário Carlos Beni na Ciência da Comunicação, programa da USP e, por fim, o professor Silvio Soares Macedo, orientador no programa Arquitetura e Urbanismo da USP.

Juntos, os 6 professores orientaram 13 pesquisadores na elaboração de suas teses na Universidade de São Paulo.

A maioria dos professores, 59, orientaram um único pesquisador.

Tabela 7 - Número de orientações por orientador

Orientador	Orientações
Adyr Aparecida Balastreri Rodrigues ²²	3
Américo Pellegrini Filho ²³	2
Felisberto Cavalheiro ²⁴	2
Magda Adelaide Lombardo ²⁵	2
Mário Carlos Beni ²⁶	2
Sílvio Soares Macedo ²⁷	2
Amália Inês Geraiges de Lemos, Antônio da Silva Câmara, Archimedes Perez Filho, Aristides Almeida Rocha, Arlete Moyses Rodrigues, Beatriz Helena Gelas Lage, Carlos Roberto Espíndola, Cláudia Barros de Azevedo Ramos, Clélia M.Nascimento-Schulze, David Gibbs McGrath, Doris Van de Meene Ruschmann, Édis Mafra Lapolli, Edivaldo Machado Boaventura, Elias José Simon, Elimar Pinheiro do Nascimento, Fernando Curi Peres, Fernando Dias de Ávila Pires, Frederico Fábio Mauad, Gisela Black Taschner, Guillermo Foladori, Haydée Torres de Oliveira, Helena Ribeiro, Helmut Troppmair, Jansle Vieira Rocha, João Carlos Garzel Leodoro da Silva, José Carlos Barbieri, José Jobson de Andrade Arruda, José Salatiel Rodrigues Pires, Josilda Rodrigues da Silva de Moura, Júlia Adão Bernardes, Julia Silvia Guivant, Jurandyr Luciano Sanches Ross, Leandro Eugenio da Silva Cerri, Lívia de Oliveira, Luiz Fernando Scheibe, Maria do Carmo Calijuri, Mário de Biasi, Mariza Correa, Miguel Alves Pereira, Norma Felicidade Lopes da Silva Valencio, Othon Henry Leonardos, Rebeca Scherer, Regina Davison Dias, Reinaldo Lorandi, Renato da Silva Queiroz, Renato Luiz Grisi Macedo, Roberto dos Santos Bartholo Júnior, Rozely Ferreira dos Santos, Sandra Baptista da Cunha, Solon Jonas Longhi, Sylvio Péllico Netto, Tânia Siqueira Montoro	1
TOTAL	65

²² Graduada em Geografia, linha de pesquisa: impacto do turismo no litoral do Estado de São Paulo.

²³ Graduado em Jornalismo, linha de pesquisa: turismo e lazer, folclore e comunicação social.

²⁴ Graduado em Agronomia, linha de pesquisa: planejamento de espaços livres urbanos e planejamento de unidades de conservação.

²⁵ Graduada em Geografia, linha de pesquisa: gerente do projeto uso da terra e uso de técnicas de sensoriamento remoto em geografia.

²⁶ Graduado em Ciências Jurídicas, linha de pesquisa: planejamento e gestão dos espaços para turismo, planejamento e gestão das empresas de turismo e qualificação de recursos humanos para educação e pesquisa em turismo.

²⁷ Graduado em Arquitetura e Urbanismo, linhas de pesquisa: litoral e urbanização, quadro do paisagismo no Brasil e paisagismo contemporâneo no Brasil.

A seguir a Tabela 8 traz os professores e suas participações em bancas examinadoras.

Tabela 8 - Número de participações de professores em banca examinadora

Banca Examinadora	Participações
Maria Teresa Duarte Paes Luchiari	5
Doris Van de Meene Ruschmann, Luiz Gonzaga Godoi Trigo, Mário Carlos Beni, Olga Tulik	4
Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues, José Bueno Conti, Marta de Azevedo Irving, Mirian Rejowski	3
Antônia Marisa Canton, Antônio Carlos Colangelo, Eduardo Abdo Yázig, Felisberto Cavalheiro, José Eduardo dos Santos, José Manoel Gonçalves Gândara, Jurandyr Luciano Sanches Ross, Laís Maria Borges de Mourão Sá, Luiz Fernando Scheibe, Marcus Polette, Maria Inez Pagani, Mário Jorge Pires, Paulo dos Santos Pires, Paulo Nogueira Neto, Sueli Ângelo Furlan	2
Ademar Heemann, Alaíde Aparecida Fonseca Gessner, Alejandro Jorge Dorado, Alexandre Lahóz Mendonça de Barros, Alina Gonçalves Santiago, Amália Inês G. de Lemos, Amilcar Baiardi, Ana Maria Benciveni Franzoni, Ana Tereza Cáceres Cortez, Anadalvo Juazeiro dos Santos, Ângela Maria Moreira Martins, Antônio Carlos Pedrosa Soares, Antônio Carlos Robert Moraes, Antônio Giacomini Ribeiro, Antônio Nivaldo Hespanhol, Archimedes Perez Filho, Armando Garms, Armin Mathis, Caetano Brugnaro, Carlos Alberto Caroso Soares, Carlos Eduardo Matheus, Carlos Henke de Oliveira, Carlos Roberto Espíndola, Cécile Hélène Jeanne Raud Mattedi, Celina Maria Lopes Ferreira, Célio Eustáquio dos Anjos, Celso Pereira de Sá, Cenira Maria Lupinacci da Cunha, Cíntia Maria Afonso, Cleonice Alexandre Le Bourlegat, David Gibbs Mcgrath, Débora Cynamon Kligerman, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Diva Benevides Pinho, Edgar Alencar, Edgard Afonso Malagodi, Edvaldo Cesar Moretti, Elimar Pinheiro do Nascimento, Elisabete Maria Zanin, Emília Pietrafesa de Godoi, Erni José Seibel, Fábio Mariz Gonçalves, Fani G. Figueira, Fernando Ponte de Sousa, Flávio Henrique Mingante Schlittler, Genauto Carvalho França Filho, Geraldo Vespeziano Puntoni, Gérson Araújo de Medeiros,	1

Tabela 8 – Continuação

Banca Examinadora	Participações
<p>Gilcélia Pesce do Amaral e Silva, Gisela Aquino Pires do Rio, Gisela Black Taschner, Guita Grin Debert, Gustavo de Oliveira Coelho de Souza, Helena Ribeiro, Heliana Comin Vargas, Heloisa Turini Bruhns, Homero Fonseca Filho, Ivani Cristina B. Dallacorte, Joana Darc Ribeiro, João Luiz Cardoso, John Cowart Dawsey, José de Jesus Sousa Lemos, José Salatiel Rodrigues Pires, Josué da Costa Silva, Jüergen Richard Lougenbuch, Laura Maria Goulart Duarte, Lauro Charlet Pereira, Leide Yassuco Takahashi, Liane da Silva Bueno, Liane Maria de Azevedo Dornelles, Liliana Lagana, Lineu Bley, Lourdes Maria Bandeira, Lúcia Helena Batista Gratão, Lúcia Helena de Oliveira Gerardi, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, Luis Alberto Ambrósio, Luis Eduardo Aragon-Vaca, Luiz Henrique Aguiar Azevedo, Luiz Marcelo Costa Dutra, Manoel Cabral de Castro, Manoel Cláudio da Silva Júnior, Mara de Andrade Marinho Weill, Marcelo Pereira de Souza, Márcia Faria Westphal, Márcio Antônio Teixeira, Marcos Alegre, Marcos Aurélio Tarlombani da Silveira, Maria Cristina Cacciamali, Maria Encarnação Beltrão Spósito, Maria José Brito Záquia, Maria José Teixeira Carneiro, Maria Luiza Martins de Mendonça, Maria Paula Dallari Bucci, Mário de Biasi, Maristela Simões do Carmo, Marta Dora Grostein, Maurício César Delamaro, Messias Modesto dos Passos, Miguel Alves Pereira, Miguel Angel Verdinelli, Miguel Bahl, Miguel Serediuk Milano, Mirna Lygia Vieira, Murilo Marx de Azevedo, Nestor Goulart Reis Filho, Newton Paulo Bueno, Nivaldo Nordi, Nivar Gobbi, Odaléia Telles Marcondes Machado Queiroz, Odete Rocha, Olga Maria Schild Becker, Oriowaldo Queda, Othon Henry Leonardos, Paulo César Boggiani, Paulo César Milone, Paulo Henrique Freire Vieira, Paulo Renato Mesquita Pellegrino, Paulo Rogério Tarcitano, Pedro Jacobi, Raoul Henry, Reinaldo Lorandi, Rita de Cássia Ariza da Cruz, Rita de Cássia da Conceição Gomes, Rogério Haesbert da Costa, Ronaldo dos Santos da Rocha, Rosineide da Silva Bentes, Saíde Kahtoumi Proost de Souza, Salete Kozel Teixeira, Seleme Herculano, Serafim Daniel Ballestero, Sérgio dos Anjos F. Pinto, Sérgio Francisco Costa, Sílvio Jorge Coelho Simões, Sílvio Soares Macedo, Sylvia Maria dos Reis Maia, Teresa Cristnina Barbosa, Waldenyr Caldas, Wanda Maria Risso Günther, Wanderley Messias da Costa, Wilson Abrahão Rabahy.</p>	1

Com relação à participação dos professores em bancas examinadoras percebe-se que 102 dos 165 professores estiveram presentes em 1 banca de defesa. Os demais em 2, 3, 4 e 5 defesas, sendo a professora Maria Teresa Duarte Paes Luchiari com 5 participações a mais solicitada para examinar a produção acadêmica da área.

Demonstra-se na relação entre a análise dos orientadores e a participação em bancas examinadoras que:

- a professora Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues em 3 ocasiões orientou e participou de bancas examinadoras;
- o professor Felisberto Cavalheiro em 2 ocasiões orientou e participou de bancas examinadoras;
- o professor Mário Carlos Beni orientou 2 pesquisadores e esteve em 4 bancas examinadoras.

Para encerrar a análise dos autores, por meio das referências bibliográficas encontradas nas teses, fez-se um levantamento dos autores mais referenciados (Tabela 9).

O critério utilizado para selecionar os autores dispostos na Tabela 9, como consta nos procedimentos metodológicos, foi segundo experiências ao lidar com as obras publicadas na área de turismo para redação da fundamentação teórica desta dissertação, bem como na preparação das aulas ministradas no curso de Turismo da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT) e Instrutoria no Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) em Goiás.

A publicação Turismo e Planejamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente de autoria da professora Doris Van de Meene Ruschmann é o “best-seller” entre os autores das 63 teses analisadas, pois foi referenciada em 30 trabalhos. Assim, a professora Doris aparece como a mais citada nos textos das obras analisadas.

Em segundo lugar, observa-se a professora Adyr Balastrieri Rodrigues, com as obras referenciadas em 25 teses, as principais obras da autora trazem estudos da geografia relacionadas ao turismo e, como analisado nas IES, são os programas de Geografia os maiores produtores de teses, área de formação da professora Adyr.

O professor Mário Carlos Beni, o terceiro mais citado, publicou o livro Análise Estrutural do Turismo, a “Bíblia” do turismo, leitura obrigatória para os alunos dos cursos de turismo nas IES e citada em 22 teses.

O autor John Swarbrooke aparece logo em seguida referenciado em 18 pesquisas, ele publicou a coleção Turismo Sustentável em 5 volumes que trazem assuntos relacionados à exploração sustentável da atividade.

Seguindo, visualiza-se a autora Margarita Barretto; suas obras, entre elas o Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo, são referenciadas principalmente quando se busca definições e conceitos pertinentes à atividade turística, seu nome foi citado em 16 teses.

Próximo a Barretto, tem-se Jost Krippendorf, autor inglês, especialista em turismo e que discute em sua principal obra a sociologia do turismo; o autor foi referenciado em 15 trabalhos.

Citado em 14 teses, o economista e sociólogo Ignacy Sachs é o autor mais lembrado quando o assunto é desenvolvimento e meio ambiente; por meio de suas obras difundiram-se conceitos como ecodesenvolvimento e desenvolvimento sustentável.

A tabela 9 continua com a presença do autor Eduardo Yázigi, referenciado em 13 pesquisas; segue com o professor Luiz Gonzaga Godói Trigo, a exemplo de Barretto, citado quando se busca o histórico e conceitos de turismo, o qual aparece em 12 referências bibliográficas junto com os autores Beatriz Helena Gelas Lage e Roberto C. Boullón.

O professor Américo Pellegrini Filho foi citado em 11 teses com seu livro Ecologia, Cultura e Turismo, seguido dos autores Paulo dos Santos Pires e Kreg Lindberg e Donald E. Hawkins referenciados em 10 trabalhos.

O livro Turismo e Pesquisa Científica, publicado pela professora Miriam Rejowski é fruto de sua tese de doutorado, e muito auxilia na pesquisa científica sobre turismo. Ela apareceu em 7 referências bibliográficas juntamente com Mário Petrocchi, Luiz Renato Ignarra e Ada de Freitas Maneti Dencker.

Finalizando, a professora Amália Inês Geraiges de Lemos e o autor José Vicente de Andrade foram citados em 6 teses, seguidos de Reinaldo Dias em 5 teses, Antônio Carlos Brasil Pinto e Eliane Regina Ferretti em 3 pesquisas e José Ignácio de Arrillaga, referenciado em 2 teses.

Destaca-se o autor Reinaldo Dias com obras atuais sobre a relação turismo e meio ambiente, como: Turismo Sustentável e Meio Ambiente, muito útil na fundamentação teórica das teses trabalhadas nesta pesquisa.

Tabela 9 - Principais autores referenciados

Autores	Forma Citação	Referência	Obras Referenciadas	Editora	Ano
José Ignacio de Arrillaga	ARRILLAGA, J. I. d.	2	Introdução ao Estudo do Turismo	José Olympio	1976
Eliane Regina Ferretti	FERRETTI, E. R.	3	Turismo e Meio Ambiente: Uma Abordagem Integrada	Roca	2002
Antonio Carlos Brasil Pinto	PINTO, A. C. B.	3	Turismo e Meio Ambiente: Aspectos Jurídicos	Papirus	1999
Reinaldo Dias	DIAS, R.	5	Fundamentos do Turismo: Conceitos, Normas e Definições	Alinea e Átomo	2002
			Introdução ao Turismo	Atlas	2005
			Planejamento do Turismo: Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil		2003
			Turismo Sustentável e Meio Ambiente		
José Vicente de Andrade	ANDRADE, J. V.	6	Turismo: Fundamentos e Dimensões	Ática	2002
Amália Inês Geraiges de Lemos	LEMOS, A. I. G.	6	Turismo: Impactos Socioambientais	Hucitec	2001
Ada de Freitas Maneti Dencker	DENCKER, A. d. F. M.	7	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo	Futura	1998
Luiz Renato Ignarra	IGNARRA, L. R.	7	Fundamentos do Turismo	Pioneira	2002
Mario Petrocchi	PETROCCHI, M.	7	Gestão de Pólos Turísticos	Futura	2001
			Turismo: Planejamento e Gestão		1998
Miriam Rejowski	REJOWSKI, M.	7	Turismo e Pesquisa Científica	Papirus	1996
Kreg Lindberg e Donald E. Hawkins	LINDBERG, K. & HAWKINS, D.E.	10	Ecoturismo: Um Guia para Planejamento e Gestão	SENAC	1998
Paulo dos Santos Pires	PIRES, P. S.	10	Dimensões do Ecoturismo	SENAC	2002
Americo Pellegrini Filho	PELLEGRINI FILHO, A.	11	Ecologia, Cultura e Turismo	Papirus	1993
Roberto C. Boullón	BOULLÓN, R. C.	12	Planejamento do Espaço Turístico	EDUSC	2002
Beatriz Helena Gelas Lage	LAGE, B. H. G.	12	Economia do Turismo	Atlas	2001
			Turismo: Teoria e Prática		2000
Luiz Gonzaga Godói Trigo	TRIGO, L. G. G.	12	Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo	Papirus	1998
			Turismo Básico	SENAC	2002
			Turismo e Civilização: Mergulhando nos Berços da Humanidade	Contexto	2001
			Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas	Papirus	1995

Tabela 9 - Continuação

Autores	Forma Citação	Referência	Obras Referenciadas	Editora	Ano
Eduardo Yázigi	YÁZIGI, E.	13	A Alma do Lugar: Turismo Planejamento e Cotidiano	Contexto	2001
			Turismo: Espaço Paisagem e Cultura	Hucitec	2002
			Turismo: Uma Esperança Condicional	Global	1999
Ignacy Sachs	SACHS, I.	14	Caminhos Para o Desenvolvimento Sustentável	Garamond	2002
			Ecodesenvolvimento: Crescer Sem Destruir	Vértice	1981
			Espaços, Tempos e Estratégias do Desenvolvimento		1986
			Estratégias de Transição Para o Século XXI: Desenvolvimento e Meio Ambiente	Nobel	1993
Jost Krippendorf	KRIPPENDORF, J.	15	Sociologia do Turismo: Para uma Compreensão do Lazer e das Viagens	Aleph	2002
Margarita Barretto	BARRETO, M. ou BARRETTO, M	16	Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo	Papirus	2003
			Planejamento Responsável do Turismo		2005
John Swarbrooke	SWARBROOKE, J.	18	Turismo Sustentável (Vol.1): Conceitos e Impacto Ambiental	Aleph	2000
			Turismo Sustentável (Vol.2): Meio Ambiente e Economia		
			Turismo Sustentável (Vol.3): Setor Público e Cenários Geográficos		
			Turismo Sustentável (Vol.4): Gestão e Marketing		
			Turismo Sustentável (Vol.5): Turismo Cultural, Ecoturismo e Ética		
Mário Carlos Beni	BENI, M. C.	22	Análise Estrutural do Turismo	SENAC	1998
Adyr Balastrieri Rodrigues	RODRIGUES, A. B.	25	Ecoturismo no Brasil: Possibilidades e Limites	Contexto	2003
			Turismo Desenvolvimento Local	Hucitec	2002
			Turismo e Ambiente: Reflexões e Propostas		1998
			Turismo e Espaço: Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar		2001
			Turismo, Modernidade e Globalização		1998
Doris Van de Meene Ruschmann	RUSCHMANN, D. V. d. M.	30	Planejamento Turístico	Manole	2005
			Turismo e Planejamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente	Papirus	1997
			Turismo no Brasil: Análise e Tendências	Manole	2002

6.5 Análise dos Procedimentos Metodológicos

A análise dos procedimentos metodológicos contempla 50 das 63 teses, que representam os trabalhos encontrados na íntegra, conforme critérios de busca detalhados no procedimento metodológico desta dissertação.

Busca-se nesse estudo relatar as principais ferramentas metodológicas utilizadas pelos autores para alcançar seus objetivos, bem como estabelecer relações entre os tipos de procedimentos metodológicos com os programas de pós-graduação das IES e as áreas de formação e pesquisa dos doutores.

Primeiramente, há de se destacar o desafio de conceber tal análise, pois apesar das normas ABNT utilizadas pelos programas e do processo minucioso de construção das etapas que regem um trabalho científico, observa-se uma grande diversidade na forma de escrever e organizar o texto conforme critérios estabelecidos pelos autores, assim a dificuldade de colher o objetivo geral e os procedimentos metodológicos foi imensa diante de tal diversidade.

Diante do exposto, conforme Tabela 10, encontram-se 3 lacunas na coluna referente ao objetivo geral, ou então com a seguinte redação: “objetivos por capítulos”. Nesse caso, o autor optou por redigir e organizar seu texto em capítulos como um livro, assim cada capítulo tem um ou mais objetivos que por sua vez trazem os procedimentos metodológicos para atingir o(s) objetivo(s) de cada parte da tese. Essa forma de redação tem como objetivo facilitar a publicação durante o curso, pois cada parte ou capítulo da pesquisa resulta um artigo.

Essa forma mais complexa de organizar um trabalho científico que foge do tradicional se deu em 3 teses (6%), 2 na USP/São Paulo nos programas de Geografia e Arquitetura e Urbanismo (ambas na área de humanas) e 1 na USP/São Carlos no programa de Ciências da Engenharia Ambiental.

Dando seqüência, observa-se que em 23 trabalhos (46%) ocorreu o uso de procedimentos metodológicos como: entrevistas, observação local, pesquisa-ação, análise da realidade empírica e observação livre e participante. Esses procedimentos são utilizados pelo autor na avaliação do ambiente em estudo, onde ele relata e avalia com as suas percepções os fatos encontrados de acordo com sua experiência enquanto pesquisador. A hipótese para a adoção freqüente desses procedimentos pode estar na juventude das pesquisas na área de turismo e meio

ambiente, onde os pesquisadores descrevem resultados diante do uso de técnicas vindas de outras ciências somadas a sua vivência.

Como exposto na análise disciplinar, as Ciências Humanas, mais notadamente a Geografia, é a ciência que mais pesquisa temas relacionados a turismo e meio ambiente e isso fica evidente na quantidade de técnicas pertencentes à Geografia utilizadas nos procedimentos metodológicos como: mapeamento, análise espacial, geoprocessamento, sensoriamento remoto, cartografia, imagens de satélite, fotografias aéreas e SIG (Sistema de Informação Geográfica), que estão presentes em 8 teses (16%).

Observa-se em conjunto com outras ferramentas metodológicas, os estudos de caso presentes em 8 trabalhos (16%), ligados na investigação de territórios, cidades, estados e países.

Percebe-se com o uso de métodos para estudo de capacidade de carga e/ou suporte, em 6 teses (12%), trabalhos voltados com o propósito de medir e avaliar os impactos da atividade turística no meio natural, calculando a capacidade que o ambiente suporta, objetivando, portanto, seu uso sustentável.

E, nota-se também, o uso de utensílios metodológicos para valoração de atrativos, em 4 teses (8%), como: método de valoração econômica pelo uso direto dos recursos naturais, método de avaliação contingente, técnicas para disposição a pagar, fluxo de caixa, gastos dos visitantes, técnica de grupos de foco para percepção sobre motivação, mensuração de experiência e satisfação com o produto turístico destinação, onde vêem-se métodos com objetivo econômico de buscar valores para cobrança de visitas a lugares protegidos e até mesmo medir a satisfação e motivação dos visitantes envolvidos nesses ambientes.

Com foco de estudo em recursos hídricos, os procedimentos metodológicos observados foram: coleta de água, análises biótica, abiótica, físicas, químicas e biológicas e avaliação do meio físico, presentes em 3 teses (6%) redigidas cada uma por um biólogo (USP), geógrafo (UNESP) e administrador (UnB).

Finalizando, a metodologia de planejamento e gestão chamada Plamtur (Planejamento Ambiental Municipal do Turismo) e a técnica Delphi¹⁸, aparecem em cada tese e representam as ferramentas consolidadas de metodologia utilizadas nas teses analisadas.

¹⁸ Método para o planejamento em situações de carência de dados históricos ou nas quais se pretende estimular a criação de novas idéias. Em linhas gerais, consulta um grupo de especialistas a respeito de eventos futuros através de um questionário, que é repassado continuadas vezes até que seja obtida uma convergência das respostas, um consenso, que representa uma consolidação do julgamento intuitivo do grupo (WRIGHT; GIOVINAZZO, 2000).

Tabela 10 – Objetivo geral e procedimentos metodológicos colhidos nas teses

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
1993	USP	Estudar o fenômeno turístico no âmbito da Geografia, analisando, concomitantemente o lazer como "mercadoria", produto da sociedade de consumo, e como esta manifestação ocorre em determinado espaço geográfico, aqui compreendido pelo Pantanal Sulmatogrossense.	- trabalho de campo - trabalho de gabinete - pesquisas bibliográficas - entrevistas - questionários
1994	USP	Provar que, apenas as ações planejadas dentro de uma metodologia científica - com vistas para o desenvolvimento "sustentável" da atividade turística, poderão conduzir a sua evolução favorável.	- delphi
1997	USP	Enfatizar a hospitalidade alternativa – residências adaptadas, pequenos hotéis, fazendas – frente à hotelaria comercial convencional. Contribuir para o estudo das formas de turismo alternativo e rural, que são escassos no país. Situar o trabalho no Brasil, por meio de um "estudo de caso", sugerir aproveitamento turístico na categoria turismo em espaço rural, que possa servir de modelo para utilização do patrimônio histórico por turistas, excursionistas e visitantes em geral. Elaborar propostas de utilização turísticas para construções rurais e urbanas remanescentes do café. Integrar estudos de turismo e patrimônio cultural.	- pesquisa exploratória - estudo comparativo - fontes documentais - bibliográficas - entrevistas - observações
1998	USP	-	- método analítico e sintético - atividades de gabinete - entrevistas - registros fotográficos - inventário - diagnóstico - proposições
1998	UNICAMP	Formular uma proposta de roteiro metodológico que associe princípios e métodos de planejamento ambiental e ecoturismo, visando propiciar o desenvolvimento adequado do agroturismo em áreas rurais.	- coleta de dados - diagnóstico - entrevista - ponderação - mapeamento - análise espacial - geoprocessamento

Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
1999	USP	Objetivos por capítulos.	- entrevistas - gravações de palestras - conferências em eventos
2000	USP	Analisar fatores ecológicos, sociais, econômicos e políticos, determinantes do processo singular de regeneração da Mata Atlântica.	- sensoriamento remoto - cartografia digital - imagens de satélite - geoprocessamento - fotografias aéreas - trabalho de campo - documentos - bibliografia especializada - entrevistas - participação em reuniões
2000	USP	Analisar os impactos ocasionados pelas atividades turísticas em áreas de reservatório, realizando uma avaliação sócio-ambiental do uso recreacional dos recursos hídricos na Represa do Lobo, município de Itirapina, interior de São Paulo.	- avaliação sócio-ambiental - capacidade de carga
2001	USP	Estudar o turismo, analisando, concomitantemente, a atividade turística como produto da sociedade de consumo e a questão ambiental, as políticas públicas e as ações da iniciativa privada que incidem sobre o território de Bonito.	- pesquisas bibliográficas - questionários - entrevistas - campo - gabinete
2002	UFSCar	Analisar o processo de implantação e funcionamento da RPPN Ecoparque de Uma, situada na zona de amortecimento da <u>Rebio</u> de Uma, região cacauera do Sul da Bahia (Brasil).	- fluxo de caixa - gastos dos visitantes - disposição a pagar - questionário
2002	USP	Verificar de que forma a presença do turismo, em sua modalidade da pesca esportiva, tem interferido na vida da população local, seja no que se refere às relações sociais, seja na maneira do trabalhador local lidar com o ambiente ou no modo de produzir sua existência.	- método etnográfico - questionários - entrevistas - fontes secundárias

□

Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2002	USP	Desenvolver e propor dois modelos operacionais gerais para melhor entendimento e compreensão do binômio expectativa – experiência com o produto turístico destinação.	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa qualitativa - técnica grupos de foco para percepção sobre motivação - survey para motivações - mensuração de experiência - satisfação com o produto turístico destinação - método hipotético-dedutivo
2002	UFSCar	Aplicar EUPS via SIG e, através desses resultados e de outros dados relativos ao meio-físico, fornecer subsídio para o planejamento do ecoturismo já executado na região, sob a forma de passeios em trilhas e estradas e, também, para futuros planejamentos ambientais e/ou turísticos mais abrangentes.	<ul style="list-style-type: none"> - modelo de EUPS via SIG
2002	USP	Comprovar que as ações governamentais vêm causando mudanças na paisagem e impactos ambientais no núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar. Demonstrar que a gestão atual do núcleo Picinguaba não tem tido eficiência na conservação ambiental, diante da atividade turística presente no meio.	<ul style="list-style-type: none"> - mapeamento - imagens de satélite - fotos - entrevistas - questionários - pesquisa ação e participante
2002	USP	Determinar o valor econômico, atribuído pelos visitantes, aos recursos ambientais que compõem a paisagem natural da praia de Jericoacoara, no Estado do Ceará.	<ul style="list-style-type: none"> - métodos de valoração de recursos naturais - método de avaliação contingente (CVM) - técnicas para disposição a pagar
2002	UFPR	Analisar os visitantes de duas unidades de conservação e seus entornos no Estado do Paraná: o Parque Nacional do Superagui e a Estação Ecológica Ilha do Mel.	<ul style="list-style-type: none"> - estudo de campo - questionário - informações quantitativas e qualitativas - pesquisa descritiva

Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2002	USP	Conhecer os fatores relacionados de produção do lixo e expansão do turismo no contexto historicamente definido pelas condições de vida e meio ambiente em uma área de proteção ambiental – a APA Pireneus de Goiás – visando subsidiar o desenvolvimento local sustentável, por meio da implementação da gestão integrada dos resíduos sólidos.	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa qualitativa - exploratória - dados secundários - observação local - entrevistas - processamento dos dados
2002	USP	<p>Contribuir para o entendimento crítico das políticas ambiental e de turismo conduzidas pela União Européia rumo ao desenvolvimento sustentável do turismo.</p> <p>Focar o desenvolvimento sustentável aplicado ao turismo urbano.</p> <p>Apreciar a gestão do turismo desenvolvida e implantada em Barcelona (Espanha) e Berlim (Alemanha), adaptadas às recomendações da União Européia no tocante à sustentabilidade, enfatizando a importância de um planejamento estratégico e integrado do turismo.</p> <p>Expor as semelhanças e diferenças entre a gestão do turismo em Barcelona e Berlim, especialmente, sob o critério da revitalização urbana e do estabelecimento de parcerias entre os atores envolvidos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - estudo de caso - pesquisa exploratória - descritiva
2002	USP	Identificar e analisar as recentes estratégias que visam promover a expansão territorial do turismo nas escalas nacional e regional, centrando-se nas propostas de ações de planejamento e ordenamento territorial da atividade turística do Estado do Paraná.	<ul style="list-style-type: none"> - análises e reflexões teóricas - análise realidade empírica - discurso teórico-especulativo - coleta e análise dos dados - entrevistas - método cartográfico e estatístico
2002	USP	Apresentar um panorama da atividade turística em desenvolvimento no Arquipélago de Fernando de Noronha, com ênfase na sua relação com o Parque Nacional Marinho, procurando investigar o seu papel na promoção da conservação e manejo do patrimônio natural, na difusão da educação conservacionista e no envolvimento e retorno socioeconômico para a comunidade local.	<ul style="list-style-type: none"> - estudo de caso - métodos qualitativos - pesquisa de campo - pesquisa bibliográfica - entrevistas - observação livre e participante - questionários - entrevistas

□

⊕ Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2002	USP	Objetivos por capítulos.	- coleta de água - análise qualitativa e quantitativa - biótica e abiótica
2002	UNICAMP	Trazer à discussão a questão das populações moradas das Unidades de Conservação que <u>vivem</u> numa estreita relação com a Natureza.	- entrevistas
2003	UFSC	Entender como os atores sociais transformam e <u>trabalham</u> o ecoturismo como exigência ambiental nas instâncias políticas e como os elementos dinamizadores da modernidade influenciam as instituições e a ação dos atores que buscam a colonização do futuro com o ecoturismo, no município de Alto Paraíso de Goiás.	- pesquisa qualitativa e exploratória - estudo de caso - entrevistas - análise dos dados
2003	UFSCar	Estimular o Valor Econômico Total da Função Ambiental de Suporte associado ao uso dos recursos naturais para prática de atividades de turismo de aventura em Brotas, SP.	- questionários - análises de imagens de satélite e mapas - método de valoração econômica pelo uso direto dos recursos naturais
2003	UnB	Avaliar a questão da emergência da atividade turística na Serra do Cipó a partir de uma perspectiva <u>hologramática</u> que tem Lapinha como ponto fulcral. Avaliar o grau de sustentabilidade do turismo em Lapinha através de uma análise multidimensional. Propor ações concretas de gestão do turismo na região do maciço do Breu no sentido de se buscar alternativas válidas para seu <u>ecodesenvolvimento</u> . Propor uma nova concepção de postura para o turista na qual ele incorpore a noção de que é parte indissolúvel da natureza e que sem uma convicção profunda de respeitabilidade ao ambiente ele não pode ser rotulado de <u>"eco"turista</u> .	- pesquisa direta: entrevistas, questionários e levantamento de dados. - pesquisa indireta: pesquisa de documentos, em arquivos, levantamento de dados.
2003	USP	Propor um modelo integrado de acolhimento turístico.	- levantamento de campo - observação das Estâncias Paulistas - entrevistas



Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2003	USP	Procurar investigar modalidades de esportes radicais e sua vinculação ao campo do turismo, apresentando algumas localidades que têm se enquadrado nesse modelo "aventura", evidenciando o uso de tecnologia para minimizar o elemento risco e verificando a possível ligação (ou não) dessas práticas com a preservação da natureza.	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa qualitativa - enfoques bibliográficos - estudo de caso - entrevistas - observação participante
2003	USP	-	<ul style="list-style-type: none"> - estudo de caso - pesquisa exploratória - qualitativa - conclusiva causal
2004	UFPA	Análise sócio-econômica e ambiental do ecoturismo na Amazônia: alternativa de renda para comunidades locais?	<ul style="list-style-type: none"> - análise sócio-econômica e ambiental - entrevistas
2004	FGV	Propor um modelo de gestão para as organizações que participam de <i>clusters ecoturísticos</i> .	<ul style="list-style-type: none"> - estudo de múltiplos casos - entrevista aberta qualitativa
2004	USP	Identificar impactos ambientais decorrentes do ecoturismo na região de Iporanga, considerando aspectos da inserção da população local nessa atividade econômica e os eventuais riscos à saúde pública oriundos da ocupação e uso do meio ambiente. Gerar subsídios ao planejamento de ações de manejo frente à visitação turística em unidades de conservação, bem como em áreas de entorno.	<ul style="list-style-type: none"> - coleta de água - análises físicas, químicas e biológicas
2004	USP	Entender se o Turismo Sustentável, atualmente tão alardeado, pode tornar-se uma realidade em qualquer localidade turística que se proponha a alcançá-lo, ou será privilégio de elites sociais que custeiam a organização e/ou criação de espaços turísticos escolhidos, os não-lugares, transformando o Turismo Sustentável em mais uma bela utopia, com bons embasamentos teóricos e férteis discussões acadêmicas.	<ul style="list-style-type: none"> - levantamento cartográfico, bibliográfico, estatístico - saídas a campo - entrevistas - cognição ambiental - fotointerpretação - SIG
2004	UFRJ	Analisar como a competitividade gerada pela implantação do PRODETUR/RN acentuou as diferenciações espaciais entre os municípios participantes e desencadeou uma nova organização do espaço litorâneo potiguar.	<ul style="list-style-type: none"> - levantamento da bibliografia - entrevistas - levantamento de dados em instituições públicas - análise de documentos

⊕ Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2004	UNICAMP	Caracterizar a realidade regional do Médio Pardo, a partir de avaliações do meio físico e do diagnóstico das atividades lá desenvolvidas (principalmente as agrícolas), cujo cruzamento de dados possibilite o estabelecimento de cenários de desenvolvimento sustentável, nos quais o eco-turismo deverá ser adequadamente inserido, como uma alternativa viável à região, além da indicação de áreas em que o uso se mostra inadequado, de utilidade para o planejamento territorial.	<ul style="list-style-type: none"> - diagnóstico - avaliação do meio físico - determinação do uso da terra - método de avaliação de terras - avaliação do potencial turístico
2004	UFRJ	Expor questões relativas à gestão de áreas protegidas em ambientes urbanos.	<ul style="list-style-type: none"> - capacidade de carga turística em unidades de conservação
2005	UFBA	<p>Produzir reflexão sobre como a educação superior pode contribuir para a concepção de modelo de turismo sustentável.</p> <p>Sugerir abordagem sustentável para a educação superior em turismo.</p> <p>Definir princípios orientadores para a gestão de IES que oferecem cursos de turismo.</p> <p>Propor modelo de análise da formação acadêmica e que sinalize uma preparação adequada e não-adequada à sustentabilidade e analisar as instituições de educação superior em turismo na Bahia, segundo as categorias e os indicadores elaborados.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - pesquisa qualitativa e analítica
2005	UFSM	Avaliar a relação da Floresta Nacional de Canela nos aspectos de cunho social e ambiental, com seu entorno e visitantes, como subsídio ao Ecoturismo e Educação Ambiental.	<ul style="list-style-type: none"> - avaliação de quatorze instrumentos aplicados em 8 fases de condução da coleta de dados - capacidade de carga
2005	UFRJ	-	<ul style="list-style-type: none"> - capacidade de suporte turístico (MPTD - Monitoramento Participativo do Turismo Desejável) - questionário - pesquisa qualitativa e quantitativa

Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2006	USP	Objetivos por capítulos.	- ler, descrever e interpretar realidades sócio-espaciais complexas, por meio da realidade territorial e paisagística, do ponto de vista da arquitetura e da urbanística, bem como alicerça futuras intervenções no território
2006	UFPR	Diagnosticar o potencial turístico do município de Tijucas do Sul e do VFSE em vistas das novas modalidades do turismo sustentado; hierarquizar os principais atrativos turísticos da região com novas formas de realizar o turismo; fornecer subsídios à elaboração de políticas públicas para o turismo sustentável.	- entrevistas - análise descritiva - método interpretativo - metodologia de hierarquização dos atrativos turísticos
2006	UNICAMP	Residir na compreensão do ciclo de desenvolvimento, por meio da análise de modelos teóricos que permitam caracterizar as diversas fases envolvendo a exploração de áreas para o desenvolvimento do Turismo, bem como as práticas turísticas envolvidas nesse processo, para, proposição de medidas que favoreçam a criação de zoneamento ambiental com fins turísticos.	- documentação cartográfica - SIG SPRING - levantamento da oferta turística - identificação do potencial turístico - entrevistas - pesquisa de opinião pública
2006	USP	Propor técnicas dentro de uma metodologia de planejamento e gestão que proporcionem a análise da viabilidade e aplicabilidade do desenvolvimento econômico na atividade turística correlacionada a proteção ambiental e a responsabilidade / inclusão social. Elaborar a metodologia específica para o planejamento ambiental municipal do turismo – PLAMTUR, com as etapas de inventário, avaliação prévia de impacto ambiental, diagnóstico e análise preliminar e zoneamento ambiental turístico.	- PLAMTUR: inventário, avaliação prévia de impacto ambiental, diagnóstico, análise preliminar e zoneamento ambiental turístico

Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2006	UNESP	Avaliar o processo de implantação da atividade turística no município de Avaré-SP e as alterações dos recursos energéticos decorrentes desta.	- coleta de água - análises físicas, químicas e biológicas - questionários
2006	UFLA	Propor indicadores de sustentabilidade para o ecoturismo, considerando os componentes ambiental, social e econômico. Desenvolver e testar metodologia de avaliação do nível de sustentabilidade ecoturística.	- avaliação do nível de sustentabilidade ecoturístico
2006	UnB	Investigar e analisar as condições e elementos que estão interferindo no desenvolvimento sustentável do turismo na região da Serra da Bodoquema, considerando fatores endógenos e exógenos e os interesses, decisões e ações dos atores de um sistema que parece caminhar para a massificação do seu fluxo turístico.	- capacidade de carga - qualidade da água - valoração contingente
2006	UFSC	Propor uma metodologia transdisciplinar para o processo de planejamento e gestão do ecoturismo em Unidades de Conservação.	- pesquisa empírica - qualitativa - indutiva - estudo exploratório - descritivo - abordagem transdisciplinar - entrevistas - estudo de caso
2006	UFSCar	Caracterizar a área de estudo onde está situado o complexo de UC's. Analisar o(s) tipo(s) de turismo que ocorre(m) no complexo de Unidades de Conservação. Avaliar a participação dos moradores do entorno mais imediato do Complexo de Unidades de Conservação em relação aos tipos de turismo ou processo de exploração turística.	- pesquisa social - qualitativa - estudo de caso - pesquisa livre com entrevistas abertas

⊕ Tabela 10 - Continuação

ANO	IES	OBJETIVO GERAL	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
2006	UFSC	Estudar, descrever e analisar a importância da informação espacial através da utilização do Cadastro Técnico Multifinalitário (CTM) e do Sistema de Informação Geográfica (SIG) como ferramentas no planejamento e na gestão participativa e sustentada do turismo.	- pesquisa descritiva - avaliativa
2006	UNESP	Proposição de diretrizes, programas, ações e indicadores de avaliação que ofereçam subsídios à elaboração de políticas públicas de turismo sustentável com base local, visando à conservação dos recursos naturais e sócio-culturais.	- entrevistas - análise dos resultados
2006	UFRJ	Realizar avaliação física e ambiental das trilhas do maciço da Pedra Branca, localizado na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, principalmente naquelas que possam comprometer a prática do ecoturismo, lazer e recreação.	- análise quantitativa / qualitativa - Capacidade de Carga (Capacidade de Suporte) - Índice de Atratividade em Pontos Interpretativos (IAPI) - Manejo de Impacto de Visitação (MIV) - Limite Aceitável de Câmbio (LAC) - Geoprocessamento
TOTAL			50



7 CONCLUSÕES

O Inventário dos Temas e Autores na Área de Turismo e Meio Ambiente é composto por 63 teses de doutorado, referentes ao período de 1987 a 2006. A pesquisa científica iniciou-se em 1993 e o “pico” de produção foi no ano de 2002 com 14 teses defendidas.

Contextualizando o período de produção das teses com os principais fatos históricos ambientais e do turismo e o ano de graduação dos autores, 69% deles se formaram nos anos 1970 e 1980, período de conferências, reuniões, relatórios, que alertaram e mudaram o mundo a respeito das questões ambientais, possivelmente influenciando os futuros doutores nos temas de suas teses.

A USP é a responsável por cerca de 28% da produção científica brasileira e pela formação de 25% de doutores no Brasil, assim justifica-se ser a maior produtora de teses com 27 trabalhos (42,9%), aliás, as Universidades no Estado de São Paulo (USP, UNESP, UNICAMP, UFSCar e FGV) produziram juntas 42 teses, se destacando entre os demais estados e contribuindo para a Região Sudeste liderar a defesa de teses com 73% (46 trabalhos). A FGV é a única instituição privada, e em seu programa de administração, 2 teses foram defendidas em turismo e meio ambiente.

Dos 27 trabalhos produzidos na USP, 9 teses são do programa de pós-graduação em Geografia (humana e física) e 6 trabalhos da Ciência da Comunicação, onde encontra-se uma linha de pesquisa em turismo.

São 18 áreas distintas determinadas pela CAPES onde se encontram os programas de pós-graduação, com destaque para a Geografia com 16 teses (25,4%), refletindo as diferentes formações do conhecimento que pesquisam a área turismo e meio ambiente.

Foram financiados 38 trabalhos (60,3%), e dentre os órgãos financiadores a CAPES, com seus programas (DS, PICDT, PROAP), concedeu bolsas para 25 trabalhos, representando 65,8%.

As teses são provenientes de diversas disciplinas ou áreas de estudos, com destaque para o Turismo (16%) e as Geografias (Humana e Física) com (26%).

Em relação à análise temática, 19 das 114 palavras-chave foram citadas com maior frequência, com realce para palavra-chave Turismo, com 25 vezes, e Ecoturismo, com 20 vezes. Agrupando as palavras-chave, surgiram os temas ligados

a elas: Administração / Planejamento, Desenvolvimento, Geografia, Meio ambiente, Política, Território, Turismo e outros.

Dentre as palavras-chave correlacionadas com a área turismo e meio ambiente, utilizadas na busca das teses no portal da CAPES, destacam-se Ecoturismo (69%), reforçando ser o segmento mais estudado em turismo e meio ambiente e Turismo Sustentável (13,8%).

Na análise do perfil dos autores, ambos os gêneros têm praticamente igual participação, 54% por mulheres e 46% por homens. A faixa etária atual dos doutores é de 40 a 50 anos, pois 75% se formaram nas décadas de 1980 e 1990, assim tem-se um perfil de jovens pesquisadores. Foram encontrados 17 cursos de graduação dos doutores, um quarto deles são geógrafos, 6 são agrônomos, 5 são biólogos, sociólogos e turismólogos, dentre outros. Tem-se também, a exemplo da área do conhecimento, grande diversidade de áreas de formação dos pesquisadores.

Observa-se que a professora Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues, da USP, foi a que mais orientou, 3 teses. Importante citar que todos os professores que orientaram mais de 1 pesquisador estão nos programas da USP.

Em relação à participação em bancas examinadoras, a professora Maria Teresa Duarte Paes Luchiarini foi a mais requisitada participando em 5 defesas. Analisando as referências bibliográficas, as professoras Doris Van de Meene Ruschmann e Adyr Balastrieri Rodrigues são as autoras mais citadas nos trabalhos.

Conclui as análises com o estudo dos procedimentos metodológicos que mostram um número significativo de trabalhos, 23 (46%), utilizaram os procedimentos metodológicos nos quais o autor faz suas avaliações de acordo com a sua experiência por meio de suas percepções e fatos encontrados, sendo exemplos desses procedimentos: entrevistas, observação local, pesquisa-ação, análise da realidade empírica e observação livre e participante. Pode-se afirmar que o uso constante dessas técnicas deve-se à juventude das pesquisas na área de turismo e meio ambiente, onde os pesquisadores descrevem resultados diante do uso de técnicas vindas de outras ciências somadas a sua vivência.

A Geografia mostra sua influência nos procedimentos metodológicos adotados nas teses, já que foram encontrados em 8 teses (16%) uma grande quantidade de técnicas vindas dessa área como: mapeamento, análise espacial, geoprocessamento, sensoriamento remoto, cartografia, imagens de satélite, fotografias aéreas e SIG (Sistema de Informação Geográfica).

Os estudos de casos, capacidade de carga e/ou suporte, valoração de atrativos, dentre outros, também foram encontrados como ferramentas de pesquisa nos trabalhos.

Reunidos os principais dados coletados e analisados nesta conclusão, ressalta-se que o levantamento geral da pesquisa científica em turismo e meio ambiente procurou abarcar todas as teses defendidas no Brasil até 2006, por meio dos procedimentos metodológicos definidos para tal, procurando-se evitar que, por ventura, alguma pesquisa não fosse localizada. Sendo, no entanto, a primeira proposta de sistematização da produção acadêmica na área, limitações desse tipo são suscetíveis de acontecer.

Registra-se também que o pesquisador em algumas IES não encontrou alguns trabalhos depositados nas bibliotecas, por motivo não relatado pelo(a) bibliotecário(a), assim, apesar de estarem registradas no banco de dados da CAPES, não foi possível colher todas as teses na íntegra.

Porém, é importante lembrar que pesquisas como estas realizadas de agora em diante, teoricamente, serão facilitadas, pois de acordo com a Portaria nº 013, de 15 de fevereiro de 2006, publicada pelo Ministério da Educação por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, institui a divulgação digital obrigatória das teses e dissertações produzidas pelos programas de doutorado e mestrado reconhecidos, defendidas a partir de março de 2006. Portanto, com essa determinação, o encontro dos trabalhos científicos será facilitado e pesquisas com o mesmo propósito que a presente terão seus objetivos plenamente atendidos.

O inventário dos temas e autores na área de Turismo e Meio Ambiente é um estudo inicial em pesquisas que objetivam analisar a produção acadêmica nessa área, portanto espera-se que esse tipo de pesquisa não pare por aqui, pois, sem dúvida, mais teses serão produzidas nos bancos dos cursos de pós-graduação espalhados pelas IES no Brasil e conseqüentemente devem ser reunidas e analisadas, para nos desvendar novos caminhos na relação do fenômeno do turismo com o meio ambiente.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos que versam sobre turismo e meio ambiente no âmbito da produção científica, constituem-se em uma área de estudo institucionalizado de ensino e pesquisa, porém, a definição exata do objeto, os métodos mais convenientes e os fundamentos de uma disciplina científica, ou seja, uma ciência do turismo e do meio ambiente estão em processo de construção. Fato esse que foi observado nas diversas linhas de pesquisa dos programas de pós-graduação, procedimentos metodológicos, áreas do conhecimento e estudo pesquisando a interação turismo, meio ambiente e sociedade.

Neste sentido, buscando o desenvolvimento da área turismo e meio ambiente enquanto ciência ou objeto de estudo que caminhe para um amadurecimento conceitual, metodológico e técnico recomenda-se:

- Abertura e interligação do banco de teses da CAPES com a produção científica dos programas de pós-graduação das IES, possibilitando que as Instituições, por meio de usuário e senha, acessem o banco e alimentem-no com suas produções nos formatos resumo e íntegra, disponibilizando para *download* o material para consulta.

Em visitas ao Dedalus (Banco de Dados Bibliográficos da USP) foram encontradas teses que estariam no rol do banco de dados desta pesquisa que não apareceram no banco da CAPES.

Portanto, faz-se necessário o desenvolvimento de uma base de dados nacional que interaja com as demais existentes nas IES, nos órgãos de pesquisas no País e as demais em âmbito internacional.

- Edição de obras de referência, como Catálogo de Teses Brasileiras, bem como publicações que trazem trabalhos recém-publicados e pesquisas em andamento.

A reunião das produções científicas num único banco de dados interativo possibilita a publicação periódica dos trabalhos, facilitando a divulgação e interação dos pesquisadores com suas respectivas pesquisas.

- Diversas áreas provedoras de pesquisas científicas não se articulam entre si; deve-se estimular à interdisciplinaridade, por meio da comunicação entre os pesquisadores em eventos e publicações direcionadas.

Os eventos científicos no Turismo são restritos e organizados pelos poucos programas de pós-graduação existentes na área, que delimitam os temas e publicações de trabalhos de acordo com os interesses de suas linhas de pesquisa. O ideal são eventos com temáticas específicas: ecoturismo, turismo sustentável, porém que “abracem” várias IES, organizados em edições em cada região do Brasil, proporcionando, assim, congregação entre estudantes, professores e pesquisadores.

- Maior facilidade de acesso e promoção de recursos e financiamentos, tanto por parte de órgãos públicos de fomento à pesquisa como por empresas e entidades públicas e privadas, para aplicação em pesquisa. Direcionamento dos recursos para áreas estratégicas conforme vocação econômica da região, assim, localidades que têm o turismo como principal atividade econômica receberiam recursos para bolsas, incentivando a produção científica na área e encurtando a distância da academia, do setor produtivo e da comunidade local, com o objetivo de todos se beneficiarem.

- Centros de estudos e pesquisas de excelência que canalizem estudos sobre turismo e meio ambiente e seus segmentos: ecoturismo, turismo sustentável, turismo de aventura, promovendo o registro documental dos fatos e história da pesquisa na área no Brasil.

Existe apenas um Centro de estudos no País, localizado na Universidade de Brasília, chamado CET (Centro de Excelência em Turismo), porém seus cursos de pós-graduação (*Latu Sensu*) são mais direcionados ao mercado e a formação profissional. E o único curso *Strictu Sensu* do Centro é um mestrado profissional.

- Estímulo à criação de programas de pós-graduação *stricto sensu*, cursos de graduação e disciplinas direcionados para o tema, desenvolvendo não só a pesquisa, como também a extensão e ensino da interação turismo e meio ambiente em diversos níveis e instâncias.

No Brasil, conforme Tabela 11, existem 6 cursos de pós-graduação nível mestrado recomendados pela CAPES na área de Turismo e apenas 1 Programa em Turismo e Meio Ambiente. Observa-se que não existe nenhum curso de doutorado recomendado pela CAPES em Turismo no Brasil.

Diante desses dados, explica-se porque todas as teses na área de turismo e meio ambiente vêm de outras áreas do conhecimento.

Tabela 11 – Cursos de pós-graduação recomendados pela CAPES na área de Turismo

GRANDE ÁREA: CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS					
ÁREA: TURISMO					
PROGRAMA	IES	UF	CONCEITO		
			M	D	F
Hospitalidade	UAM	SP	3	-	-
Turismo	UnB	DF	-	-	3
Turismo	UFRN	RN	4	-	-
Turismo	UCS	RS	3	-	-
Turismo e Hotelaria	UNIVALI	SC	4	-	-
Turismo e Meio Ambiente	UNA	MG	3	-	-

Legenda:

IES = Instituição de Ensino Superior

UAM = Universidade Anhembi Morumbi

UnB = Universidade de Brasília

UFRN = Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UCS = Universidade de Caxias do Sul

UNIVALI = Universidade do Vale do Itajaí

UNA = Centro Universitário UNA

UF = Unidade da Federação

SP = São Paulo

DF = Distrito Federal

RN = Rio Grande do Norte

RS = Rio Grande do Sul

SC = Santa Catarina

MG = Minas Gerais

M = Mestrado Acadêmico

D = Doutorado

F = Mestrado Profissional

Fonte: Portal CAPES, disponível em < <http://www.capes.gov.br/> >.

Nessas considerações finais, nota-se que existem escassos investimentos em pesquisa científica no Brasil, especificamente na área em estudo que sofre pela precocidade de seus trabalhos, porém um número considerável de teses, nesse primeiro inventário, foram encontradas e esse número tende a aumentar se consideradas as recomendações expostas de interligação dos bancos de dados, criação de um catálogo de teses, promoção de eventos científicos, maior acesso a recursos e financiamentos, centros de excelência e criação de programas de pós-graduação em turismo e meio ambiente.

9 REFERÊNCIAS

ACERENZA, M. O. **Administração do turismo: concentração e organização**. Bauru - SP: EDUCS, 2002.

ANDRADE, J. V. **Turismo fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1998.

ARAÚJO, C. M. **Ética e qualidade no turismo do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

ARENDIT, J. E. **Introdução à economia do turismo**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2002.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 13. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BARROS, S. M.; PENHA, D. H. M. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Brasília: EMBRATUR, 1994.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução Josely Viana Baptista, Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRAGA, R. **Dicionário de turismo**. São Paulo: Uniletras, 2003.

BRAMWELL, H. **Tourism and culture**. Miami (EUA): Best-sellers, 1997.

BRASIL - CONAMA – CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. n. 001, de 23 de janeiro de 1986. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/>>. Acesso em 20 de novembro de 2006.

_____. **Dispõe sobre critérios básicos e diretrizes para o Relatório de Impacto Ambiental – RIMA** – Data da legislação: 23/01/1986 – Publicação DOU: 17/02/1986.

BRASIL - EMBRATUR. **Plano nacional de desenvolvimento sustentável do turismo de aventura**: Relatório da Oficina de Planejamento. Caeté - MG: EMBRATUR, 2001.

BUKART, A J., MEDLIK, S. **Tourism**: Past, present and future. Londres: Heinemann, 1986.

CMMAD - COMISSÃO MUNDIAL SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

COOPER, C. et al. **Turismo**: princípios e prática. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

CORIOLANO, L. N. M. T. **Turismo e degradação ambiental no litoral do Ceará**. In: LEMOS, A. I. G. (Org.). **Turismo**: impactos socioambientais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 93 - 103.

COSTA, P. C. **Ecoturismo** (coleção ABC do turismo). São Paulo: Aleph, 2002.

CRUZ, R. C. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, R. **Planejamento do turismo**: política e desenvolvimento do turismo no Brasil. São Paulo: Atlas, 2003 a.

_____. **Turismo sustentável e meio ambiente**. São Paulo: Atlas, 2003 b.

_____. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

DIAS, R.; AGUIAR, M. R. **Fundamentos do turismo**: conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.

EUGENE, P. **Le Tourisme – Destructeur ou Protecteur de L’environnement?** Paris: *Espaces*, 1980.

FERNANDES, I. P.; COELHO, M. F. **Economia do turismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

FERREIRA, D. F. *et. al.* **Impactos sócio-ambientais provocados pelas ocupações irregulares em áreas de interesse ambiental – Goiânia – GO, 2004.** Disponível em: <<http://www.ucg.br/nupenge/download.htm>>. Acesso em: 19 de agosto de 2006.

FERRETTI, E. R. **Turismo e meio ambiente**: uma abordagem integrada. São Paulo: Roca, 2002.

FUSTER, J. **Indagacions i propostes**. Barcelona: Edicions, 1981.

GEE, C. Y.; FAYOS-SOLÁ, E. (Org.). **Turismo internacional**: uma perspectiva global. 2. ed. Porto Alegre: Bookmann, 2003.

GLOSSÁRIO. **Turismo: visão e ação**. Curso de Mestrado em Turismo e Hotelaria. Itajaí: UNIVALI, 2000.

GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R. B.; MCINTOSH, R. W. **Turismo**: princípios, práticas e filosofias. 8. ed. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOMES, C. M.; REJOWSKI, M. **Pesquisa Acadêmica em Lazer no Brasil - Bases Documentais e Teóricas do Lazer Turístico**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Porto Alegre: Anais. São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.

HUDMAN, L. E. Tourism role and response to environmental issues and potential future effects. **Revue de Tourisme**. Saint Gallen: Aiest, n. 4, 1991.

IEB - INSTITUTO DE ECOTURISMO DO BRASIL. **1a Bienal de Canela**. Canela: Ruschel & Associados, 1995.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

JARA, C. J. **A sustentabilidade do desenvolvimento local: desafios de um processo em construção**. Recife: IICA, 1998.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. (Org.) **Turismo: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2000.

LAMPRECHT, J.; RICCI, R. **Padronizando o sistema de qualidade na hotelaria mundial**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

LAW, R. **The Problematics of Moral in the Businnes**. Chicago (EUA): Editora Posner, 1993.

LEMOS, A. I. G. **Turismo: impactos socioambientais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

MAMEDE, V. S. M. D. Participação e desenvolvimento do turismo local. In: MARTINS, C. (Org.). **Turismo, cultura e identidade**. São Paulo: Roca, 2003. p. 31 - 38.

MARTINS, J. C. O. Turismo: perspectivas, compreensões e preocupações pertinentes ao momento contemporâneo. In: AGUIAR, M. F.; BAHL, M. (Org.): **Competência profissional no turismo e compromisso social**. (CBTUR – Congresso Brasileiro de Turismo, XXVI, 2005, Fortaleza – CE). São Paulo: Roca, 2006. p. 177 – 184.

MASINA, R. **Introdução ao estudo do turismo: conceitos básicos**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

McINTOSH, E. R. **Tourism principles, practices, philosophies**. Ohio: Columbus, 1977.

MENDONÇA, R. **Turismo ou meio ambiente: uma falsa oposição**. In LEMOS, A. I. G. (Org.). **Turismo: impactos socioambientais**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MOLINA, S. **Turismo: metodologia e planejamento**. Trad. Carlos Valero. Bauru: EDUSC, 2005.

MOURA, A. R. **Fortalecendo o Sistema Nacional do Meio Ambiente** - versão preliminar. *Gestão ambiental*, 2003. Disponível em: <<http://www.gestaoambiental.com.br/articles.php?id=11&page=1>>. Acesso em 29 de maio de 2007.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Turismo sustentável ganha conselho brasileiro, 2002**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias>>. Acesso em 30 de janeiro de 2008.

OLIVEIRA, S. L. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

OMT – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

OMT. Organización Mundial del Turismo. **Datos Esenciales del Turismo**: Edición 2007. Disponível em: <http://www.unwto.org/index_s.php>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2008.

OYAMA, D. R. **Um modelo de ecoturismo competitivo como contribuição para o desenvolvimento local – o caso de Paraúna/GO**, 2003. 229f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia da Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2003.

PINTO, A. C. B. **Turismo e meio ambiente: aspectos jurídicos**. Campinas: Papirus, 2001.

PIRES, E. C. R. **As inter-relações turismo, meio ambiente e cultura**. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2004. Disponível em: <http://portal2.ipb.pt/pls/portal/docs/PAGE/HOME_IPB/IPB_ID/IPB_ID_S_E/IPB_ID_PUBLICACOES/70%20ELIANE%20PIRES.PDF> Acesso em 20 de novembro de 2007.

PIRES, P. S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: SENAC, 2002.

QUEIROZ, O. T. **Atividades Turísticas e Recursos Naturais**. In: QUEIROZ, O. T. (Org). **Turismo e ambiente: temas emergentes**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.

REJOWSKI, M. **Pesquisa acadêmica em turismo no Brasil (1975 a 1992): Configuração e sistematização documental**. São Paulo: ECA / USP (Tese de Doutorado), 1993.

_____. **Realidade das pesquisas turísticas no Brasil**. Visão de pesquisadores e profissionais. São Paulo: ECA / USP (Tese de Livre- Docência), 1995.

_____. **Panorama do ensino em Turismo no Brasil: graduação e pós-graduação**. Turismo em Análise. São Paulo, v.9 n.1, maio, 1996.

_____. **Realidade versus necessidades da pesquisa turística no Brasil**. Turismo em Análise. São Paulo, v 9, n 1, maio, 1998.

_____. **Turismo e pesquisa científica:** pensamento internacional x situação brasileira. Campinas: Papyrus, 2001.

REJOWSKI, M. et al. Desenvolvimento do turismo moderno. In: REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo.** São Paulo: Aleph, 2002.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e geografia:** reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites.** São Paulo: Contexto, 2003.

RODRIGUES, A. B. (Org.) **Turismo e ambiente:** reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 2000.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável:** a proteção do meio ambiente. Campinas: Papyrus, 2001.

SACHS, I. Estratégias de transição para o século XXI In: BURSZTYN, M. (Org.) **Para pensar o desenvolvimento sustentável.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

SADLER, B.; JACOBS, P., Définir les rapports entre l'évaluation environnementale et les développement durable: la clé de l'avenir. In **Developpement durable et evaluation environnementale: perspectives de planification d'un avenir commun.** Conseil canadien de recherche sur l'évaluation environnementale. Ottawa, 1990.

SAKATA, M. C. G. **Tendências metodológicas da pesquisa acadêmica em turismo,** 2002. 107f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação: Turismo e Lazer) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SALVATI, S. S. Interpretação Ambiental. In: MITRAUD, S. (Org.) **Manual de ecoturismo de base comunitária**: ferramentas para um planejamento responsável. Brasília: WWF, 2003.

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. 10. ed. São Paulo: Best Seller, 2002.

SILVA, R. B. **Complexo turístico Costa do Sauípe**: Transformações Socioambientais em Porto Sauípe - BA, 2003. 125f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

SILVEIRA, A. D. **Avaliação de ações de empreendimentos ecoturísticos considerando a integração das dimensões conceituais do ecodesenvolvimento e do ecoturismo**. 2003. 237.f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Programa de Engenharia da Produção, UFSC, Florianópolis.

SILVEIRA, M. A. T. Planejamento territorial e dinâmica local: bases para o turismo sustentável. In: RODRIGUES, A. B. (Org.). **Turismo desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SWARBROOKE, J. **Turismo sustentável**: conceito e impacto ambiental. Vol 1. São Paulo: Aleph, 2000.

TRIGO, L. G. G. **Cronologia do turismo no Brasil**. São Paulo: CTI/TERRA, 1991.

TYLER, D.; GUERRIER, Y.; ROBERTSON, M. **Gestão de turismo municipal**. São Paulo: Editora Futura, 2001.

VAZ, G. N. **Marketing turístico**: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.

WRIGHT, J.; GIOVINAZZO, R. Delphi – Uma Ferramenta de Apoio ao Planejamento Prospectivo. In: **CADERNO DE PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO**. São Paulo, v.01, nº 12, 2º trim./2000.

WWF – BRASIL. **Manual de Ecoturismo de Base Comunitária: ferramentas para um planejamento responsável**. MITRAUD, S. (Org.). Brasil, 2003.

YASOSHIMA, J. R.; OLIVEIRA, N. S. Antecedentes das viagens e do turismo. In: REJOWSKI, M. (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ANEXO A – Resumo Banco de Teses CAPES

DORIS VAN DE MEENE RUSCHMANN. O PLANEJAMENTO DO TURISMO E A PROTECAO DO MEIO AMBIENTE. 01/05/1994

1v. 268p. Doutorado. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - CIENCIAS DA COMUNICACAO

Orientador(es): MARIO CARLOS BENI

Biblioteca Depositaria:

Email do autor:

Palavras - chave:

COMUNICACAO TURISMO E MEIO AMBIENTE DESENVOLVIMENTO

Área(s) do conhecimento:

COMUNICAÇÃO

Banca examinadora:

DIVA BENEVIDES PINHO

MIRIAM REJOWSKY

NESTOR GOULART REIS FILHO

WILSON ABRAHAO RABAHY

Linha(s) de pesquisa:

Agência(s) financiadora(s) do discente ou autor tese/dissertação:

Idioma(s):

Dependência administrativa

Estadual

Resumo tese/dissertação:

TESE DE DOUTORADO, NA QUAL SE ANALISAM AS INTERRELAÇÕES DO TURISMO COMO MEIO AMBIENTE NA TENTATIVA DE PROVAR QUE, APENAS AS AÇÕES PLANEJADAS DENTRO DE UMA METODOLOGIA CIENTÍFICA - COM VISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO "SUSTENTÁVEL" DA ATIVIDADE TURÍSTICA, PODERÃO CONDUZIR A SUA EVOLUÇÃO FAVORÁVEL, NÃO SO PARA OS EMPREENDEDORES E AS POPULAÇÕES RECEPTORAS, MAS TAMBÉM PARA OS TURISTAS E, CONSEQUENTEMENTE, PARA AS DESTINAÇÕES COMO UM TODO. AVALIAM-SE OS IMPACTOS DO TURISMO SOBRE A ECONOMIA, OS VALORES SOCIO-CULTURAIS E SOBRE O PATRIMÔNIO NATURAL DAS LOCALIDADES RECEPTORAS E ANALISAM-SE OS FATORES INTERVENIENTES PARA A DETERMINAÇÃO DOS DADOS E A ANÁLISE DAS TENDÊNCIAS DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO BRASIL ATÉ O ANO 2002 - BASEADA NA METODOLOGIA DELPHI - QUE FORNECE PLANEJAMENTO TURÍSTICO NACIONAL - VISANDO A OBTENÇÃO DOS BENEFÍCIOS DA ATIVIDADE ATRAVÉS DO SEU DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL QUE TEM NA PROTEÇÃO DO MEIO AMBIENTE A BASE PARA A SUA IMPLANTAÇÃO.

ANEXO B – Modelo Ficha Catalográfica
- Adaptada de Rejowski (1993) -

Data: 01/05/1994

Autor: Doris Van de Meene Ruschmann

Forma de Citação: Ruschmann, D. V. M.

Categoria: Doutorado

Título: O planejamento do turismo e a proteção do meio ambiente

IES: Universidade de São Paulo

Programa de pós-graduação: Ciência da comunicação

Grande área do programa na CAPES: Ciências sociais aplicadas / **Área:** Comunicação

Orientador(es): Mário Carlos Beni

Palavras - chave: Comunicação, Turismo e Meio Ambiente, Desenvolvimento

Resumo tese: Tese de doutorado, na qual se analisam as inter-relações do turismo com o meio ambiente na tentativa de provar que, apenas as ações planejadas dentro de uma metodologia científica - com vistas para o desenvolvimento "sustentável" da atividade turística, poderão conduzir a sua evolução favorável, não só para os empreendedores e as populações receptoras, mas também para os turistas e, conseqüentemente, para as destinações como um todo. Avaliam-se os impactos do turismo sobre a economia, os valores sócio-culturais e sobre o patrimônio natural das localidades receptoras e analisam-se os fatores intervenientes para a determinação os dados e a análise das tendências do desenvolvimento do turismo no Brasil até o ano 2002 - baseada na metodologia delphi - que fornece planejamento turístico nacional - visando a obtenção dos benefícios da atividade através do seu desenvolvimento sustentável que tem na proteção do meio ambiente a base para a sua implantação.

Tema de estudo: planejamento turístico com vista ao desenvolvimento sustentável.

Referência bibliográfica: encontra-se na tese.